

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**QUEBRANDO O SILÊNCIO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES
DE IDOSOS(AS) SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE
NO ENVELHECIMENTO**

MARIA CAROLINA GOBBI DOS SANTOS LOLLI

MARINGÁ-PR

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**QUEBRANDO O SILÊNCIO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE
IDOSOS(AS) SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NO
ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada por Maria Carolina Gobbi dos Santos Lolli, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Rose Maio

MARINGÁ-PR

2015

Dedico este trabalho à Professora Doutora Eliane Rose Maio, que me acolheu tornando possível a realização desta etapa tão importante de minha vida.

A você, professora, minha admiração e gratidão por todas as oportunidades, textos, conhecimentos, correções e principalmente por ter me ensinado a querer sempre por perto e cada vez mais, “gente que gosta de gente”.

AGRADECIMENTOS

Vejo que neste momento de finalização do segundo Mestrado, agradecer àqueles(as) que de alguma maneira fizeram parte da caminhada, deixa de ser uma formalidade a ser cumprida e passa a ser uma necessidade.

Assim, agradeço primeiramente minha família, começando por meu esposo, Luiz Fernando, pelos sonhos que já realizamos e pelos planos dos novos que tanto nos empolgam. Obrigada também por sua presença constante, por todo amor, confiança e incentivo para as possibilidades que me ajudou a construir nesses últimos anos. Agradeço também à minha pequena, Maria Luiza, que com seu sorriso, meiguice e graciosidade constantes, me inspira para ser melhor sempre.

Ao meu pai, Paulo e à minha mãe, Sonia, que sempre estiveram presentes nestas caminhadas de busca por conhecimentos me dando apoio e condições... Pela sabedoria que sempre me serviu de exemplo para seguir em frente e pela base sólida sem a qual nada disso seria possível.

À minha Tia Selli, minha segunda mãe, que cuidou de mim quando pequena e hoje continua cuidando. Obrigada, tia, por poder contar sempre com você.

Meus sinceros e especiais agradecimentos à minha Orientadora, Professora Doutora Eliane Rose Maio, pela oportunidade de estar finalizando mais uma etapa preciosíssima para minha formação, que foi este mestrado, pelo tempo que dividiu comigo, lendo 1000 e-mails e respondendo a todos! Obrigada, professora, por toda sua empolgação compartilhada comigo em todas as fases do curso, pela dedicação, delicadeza e generosidade com que me conduziu pelos caminhos desta pesquisa.

Deixo também gratidão à Professora Doutora Regina Taam, que sempre me recebeu e escutou com carinho e atenção. E ainda, pela brilhante ideia de

mudança que me fez descobrir tantos tesouros cujos mapas só me seriam oferecidos pela área da Educação.

À Professora Doutora Marta Bellini, por todas as dicas e pelos momentos descontraídos e produtivos, o meu muito obrigada.

Obrigada também a todos e todas participantes desta pesquisa que confiaram em mim, descrevendo com simplicidade e responsabilidade suas vidas, permitindo-me ser cúmplice e testemunha de alguns dos seus apelos mais secretos.

A todos os(as) membros integrantes do NUDISEX-CNPq (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Sexual), pela aprendizagem sobre tantos conhecimentos novos passados durante as discussões. Em especial, aos amigos Cleber Popov e Maddox Cléber, às amigas Lucimar Leite e Priscila Rocha Bueno, pela alegria com que me receberam e pela amizade verdadeira e gratuita construída.

À Universidade Estadual de Maringá, principalmente, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pelo privilégio de fazer parte do grupo discente e pela oportunidade de conviver e aprender com docentes tão capacitados(as) dentre os(as) quais cito a Professora Doutora Geiva Carolina Calsa, a Professora Doutora Nerli Nonato Ribeiro Mori, a Professora Doutora Marta Chaves e a Professora Doutora Verônica Muller.

É um privilégio ter vocês todos(as) em minha vida!

Muito obrigada...

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos e ignoramos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isto é necessário se quisermos assumir, em sua totalidade, nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais com indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito, somos nós os interessados... O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização: ... é a miséria de uma cultura reservada a um manarinato que conduzem a estas velhices desumanizadas. Elas mostram que é preciso retomar tudo, desde o início. É por isso que urge quebrar este silêncio: Peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo (BEAUVOIR, 1976, p.12).

LOLLI, Maria Carolina Gobbi dos Santos. **Quebrando o silêncio**: análise das representações de idosos(as) sobre educação sexual e sexualidade no envelhecimento. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dr^a Eliane Rose Maio, 2015.

RESUMO

O envelhecimento da população é um fenômeno observado mundialmente que traz a importância de repensarmos conceitos e atitudes para a velhice, um processo natural do ser humano, que inicia na concepção e termina com a morte. Assim, como o envelhecimento, a sexualidade também é inerente de todas as pessoas e percorre todas as fases da vida apresentando características próprias em cada período. Diante destes fatos, propomos este trabalho que tem por objetivo analisar as representações de idosos(as) frequentadores(as) da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá sobre sexualidade no envelhecimento e educação sexual para a Terceira Idade com o intuito de contribuir para futuras sugestões pedagógicas de sequências didáticas que possam integrar o currículo da referida instituição. A pesquisa foi estruturada na abordagem qualitativa dialética, centrada nos Estudos Culturais na perspectiva Pós-Estruturalista de Michel Foucault. Os dados foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada e grupos focais e posteriormente tratados pela técnica da Análise de Conteúdo. Ficou evidenciado que a sexualidade pode ser vivenciada de diversas maneiras pelas pessoas mais velhas e que ainda existem muitas dúvidas e curiosidades a serem desvendadas. Percebemos que a compreensão da sexualidade na Terceira Idade deve ser estimulada em visões mais adequadas também no ambiente escolar, para romper com histórias com mitos, tabus e falsas crenças herdadas de educação repressiva que os(as) acompanham desde a infância.

Palavras-chave: Envelhecimento; Sexualidade no Envelhecimento; Educação Sexual para a Terceira Idade.

LOLLI, Maria Carolina Gobbi dos Santos. **Breaking the silence**: an analysis of representations of elderly people about sexual education and sexuality in aging. 146p. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Advisor. Dr Eliane Rose Maio, 2014.

ABSTRACT

The aging world population is a phenomenon observed worldwide that brings the importance of rethinking concepts and attitudes towards old age which is a natural human process that begins at conception and ends with death. So, like aging, sexuality is also inherent in all people and covers all stages of life possessing specific characteristics of each period. Based on these facts, we propose that this work was to analyze the representations of elderly frequenters of UNATI / UEM aging on sexuality and sexual education for Third Age with the purpose of contribute to future pedagogical suggestions for teaching sequences that can integrate the curriculum that institution. The research was structured in qualitative dialectic approach, centered on Cultural Studies in Post-structuralist perspective of Michel Foucault. Those informations were collected through semi-structured interviews and focus groups and subsequently treated by the technique of content analysis. It was clear that sexuality can be experienced in different ways by older people and that there are still many questions and curiosities to be discovered. We noticed that understanding of sexuality in the Third Age should be encouraged within a more positive also in the school vision, to break a story full of myths, taboos and false beliefs inherited repressive education that tracks from childhood.

Keywords: Aging; Sexuality in Aging; Sexual Education for Seniors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – ESTAR E SER IDOSO(A): ASPECTOS GERAIS	12
1.1 Notas sobre o envelhecimento populacional	13
1.2 Aspectos gerontológicos: a evolução da ciência do envelhecimento	14
1.3 Envelhecimento, velhice, velho(a): rompendo paradigmas.....	18
1.4 Revelações de uma sociedade contemporânea	24
2 – DESVENDANDO A SEXUALIDADE HUMANA: ROMPENDO MITOS ACERCA DA TERCEIRA IDADE	27
2.1 Definindo a sexualidade humana: Dimensões históricas e socioculturais	28
2.2 Sexualidade na velhice: desvelando preconceitos	34
2.3 Um novo olhar sobre a sexualidade dos(as) idosos(as)	39
3 – EDUCAÇÃO PARA A TERCEIRA IDADE: UM JEITO DE ACRESCENTAR VIDA AOS ANOS	45
3.1 Olhar ético-legal e social da educação para a Terceira Idade	46
3.2 Universidade Aberta à Terceira Idade: Raízes históricas e significados	50
3.3 UNATI/UEM: Educação Permanente, não formal, como instrumento para valorização e reconhecimento do(a) idoso(a)	56
3.4 Educação Sexual para a Terceira Idade no contexto da UNATI/UEM	61
4 – EU FALO, ELA COMENTA, NÓS ENTENDEMOS MELHOR: ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	66
4.1 (Des)caminhos percorridos nesta investigação.....	67
5 – QUEBRANDO O SILÊNCIO	81
5.1 Representações sobre Idade, Corpo, Gênero e Envelhecimento.....	82
5.2 Representações Sobre Sexualidade na Velhice.....	98
5.3 Considerações Sobre Educação Sexual Para a Terceira Idade.....	108
6 – ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	120
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICES	139
ANEXO	144

APRESENTAÇÃO

Iniciamos esta produção dissertativa com uma citação do livro “Como Vejo o Mundo” do cientista Albert Einstein (1949, p. 23), “[...] a menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

O autor nos chama atenção para a necessidade de eliminar nossos preconceitos. E é evidente que esta forma de encarar a cultura e as transformações sociais que vivenciamos na atualidade, traz-nos o imperativo de mais reflexões para inúmeras mudanças. Uma delas é referente às necessidades da Terceira Idade¹.

Particularmente, o interesse em trabalhar com idosos(as) é bem antigo. Surgiu durante os trabalhos de iniciação científica, na primeira graduação em Farmácia-Bioquímica, época em que tive maior contato com pessoas mais velhas na prevenção de doenças relacionadas à hipertensão arterial e diabetes. Desde aquela época, nas consultas, notei a necessidades que estas pessoas tinham de perguntar e comentar fatos de suas vidas. Foi cursando o Mestrado em Ciências da Saúde, que pude ter mais contato com a UNATI/UEM e como tive abertura para desenvolver mais projetos nesta instituição, com a ajuda de alguns professores da Universidade Estadual de Maringá, pude trabalhar com a Terceira Idade em diversas áreas. Em um dos trabalhos referente ao uso de medicamentos por esta faixa etária, foi citado por eles(as) muitas dúvidas necessidade em trabalhar com essas pessoas. Foram diversos trabalhos, dentre os quais, percebi a falta

Considerando o exposto anteriormente, o aumento mundial do número de idosos(as) e sua importância para a sociedade moderna capitalista, bem como a insuficiência de produções científicas na área da Educação que

¹ O termo Terceira Idade surgiu na França a partir de 1962 em virtude de uma política de integração social da velhice que visava à transformação da imagem das pessoas velhas tidas pela sociedade. Até então o tratamento da velhice era pautado na exclusão social sendo o asilo o seu principal símbolo e representante. A nova realidade demográfica mundial despertou a necessidade da construção deste grupo que denota um sentido positivo ao envelhecimento (DEBERT, 2004).

abarcam questões relativas ao envelhecimento, apresentamos esta pesquisa, que tem por objetivo analisar as representações de idosos e idosas frequentadores(as) da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI/UEM) sobre Sexualidade e Educação Sexual para os(as) mesmos(as).

Na visão de Lorencini Júnior (1997), salas de aula podem servir como uma espécie de laboratório de possibilidades para a expressão da liberdade, permitindo que estudantes pensem e reflitam sobre suas histórias, desejos e medos. Partindo deste pressuposto, acreditamos que a compreensão da sexualidade durante a Terceira Idade, cercada de mitos, preconceitos e dúvidas, deve ser estimulada de maneira positiva, holística, para que assim, seja marco inicial do fim de uma história cheia de silêncios, tabus, o que deve começar dentro do ambiente escolar.

Nesta perspectiva, alguns questionamentos nos serviram de base para esta investigação: como estas pessoas entendem a sexualidade e as mudanças ocorridas em seu corpo durante o processo do envelhecimento? Será que há dúvidas sobre o tema? Como ambientes escolares especializados no atendimento aos(as) idoso(as) tratam estas questões? Existe a necessidade e/ou conveniência de um Programa de Educação Sexual específico para esta faixa etária? Os(as) profissionais que trabalham com idosos(as) estão preparados(as) para tratar destes temas?

Para tentar responder a estas perguntas, dividimos este trabalho em seis seções.

A primeira introduz conceitos relevantes sobre o envelhecimento humano e suas principais características, destacando paradigmas e considerações sobre a sociedade contemporânea, relativas ao processo do envelhecimento.

Na segunda seção, apresentamos discussões acerca das dimensões históricas e culturais da sexualidade humana descrevendo tópicos sobre a sexualidade durante o envelhecimento.

A terceira seção aborda os aspectos éticos e legais da Educação para a Terceira Idade, a descrição da trajetória histórica e sua importância nos dias atuais, tecendo comentários relevantes sobre a UNATI/UEM e como a referida instituição trata temas relativos à sexualidade do(a) idoso(a).

Na quarta seção, descrevemos a metodologia empregada no estudo que é caracterizada como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevista semiestruturada e grupos focais com oito mulheres e um homem, todos(as) com idade superior a 60 anos e regularmente matriculados(as) na UNATI/UEM.

Na quinta seção, apresentamos a análise de nossos resultados que se apresentam divididos por eixos temáticos: Representações sobre idade, corpo e envelhecimento; Representações sobre sexualidade na velhice; Considerações sobre Educação Sexual para a Terceira Idade.

Finalmente, na última seção, são destacados alguns pontos que conceituamos relevantes desta pesquisa como detalhes do caminho percorrido e ainda apresentamos as Considerações Finais.

SER IDOSO(A): ASPECTOS GERAIS

1.1 Notas sobre o envelhecimento populacional

Viver é envelhecer, envelhecer é viver. Durante o processo de viver passamos por constantes ciclos de renovação. A cerimônia de renovação nos propicia o envelhecer. Quanto mais vivermos, mais velhos estaremos (PAULO MONTEIRO, 2005, p.59).

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial marcado no século XX e que vem se instalando rapidamente dia a dia. Este fato, explicado pelo aumento da expectativa de vida, pode ser diretamente relacionado às melhorias na qualidade de vida e aos avanços da Medicina Preventiva² (NOVAES, 2007). No Brasil, podemos também perceber tal realidade, e, portanto, fica evidenciada a necessidade do tema ser discutido e, acima de tudo, estudado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população idosa está crescendo a uma taxa de oito vezes maior que a taxa de jovens. Para ilustrar tamanha importância, segundo o censo de 2000, realizado pelo mesmo Instituto (IBGE, 2000), idosos e idosas correspondiam a 14,5 milhões de pessoas ou 8,6% da população total do nosso país. Já no censo de 2010, este grupo passou para 20,6 milhões de pessoas, correspondendo a 10,8% da população mundial (IBGE, 2010). E esta

² A Medicina Preventiva é uma especialidade da Medicina que tem como objetivo prevenir doenças ou lesões ao invés de curá-las ou tratar seus sintomas, visando melhorar a qualidade de vida de seus/suas usuários/as (BRASIL, 2014).

progressão continua já que, segundo dados do mesmo Instituto, nos próximos 20 anos, a população com mais de 60 anos de idade deverá ultrapassar 30 milhões de pessoas.

A respeito do futuro, a demógrafa Camarano (2013, p.46) projeta que os(as) idosos(as) serão por volta de 40 milhões.

É provável que o Censo de 2030 encontre o número máximo de brasileiros que se pode vislumbrar, cerca de 208 milhões, dos quais 20% serão idosos. A partir daí, mantidas as mesmas tendências, esse contingente começará a diminuir e o formato da pirâmide etária se inverterá. Os *baby boomers*³ estão envelhecendo e se transformando nos *elderly boomers*⁴. A preocupação com o – excesso de crianças está dando lugar para o – excesso de idosos. Já se notam duas consequências desse processo: contração da população e superenvelhecimento. O Brasil não é mais um país de jovens.

Informações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) confirmam que as causas principais do processo de envelhecimento da população brasileira, estão relacionadas não apenas com a baixa taxa de fecundidade e do baixo coeficiente de mortalidade infantil, como afirmamos anteriormente, mas estão aliadas também à melhoria nas condições de saneamento e infraestrutura básica e o avanço do conhecimento científico, o que propicia diagnóstico e tratamento precoce, bem como, colabora na prevenção de agravos à saúde por meio de vacinas e medicamentos.

Nesse sentido, parafraseamos Almeida e Patriota (2009) que comentam ser incontestável o aumento da população idosa, já que basta um olhar mais aguçado ao nosso redor para percebermos esta realidade um fato. Paralelo ao crescimento desta população, que a cada dia adquire maior visibilidade em nossa sociedade, surge várias questões relacionadas a esse(a) novo(a) ator(riz) social – o(a) idoso(a).

³ Na virada do século XIX, ocorre um aumento da taxa de fecundidade associada à redução da mortalidade infantil. Este fenômeno é conhecido como *Baby Boom* que em português significa 'explosão de bebês'. No texto, o termo *baby boomers* faz referência aos bebês da explosão populacional (CAMARANO, 2013)

⁴ A partir do ano de 2010 e 2020 os *baby boomers* entrarão na idade idosa. São os *baby boomers* transformando-se em *elderly boomers*. Em uma tradução livre para o português o termo *elderly boomers* significa idosos(as) da explosão (CAMARANO, 2013).

1.2 Aspectos gerontológicos: a evolução da ciência do envelhecimento

Envelhecer não é um acidente. É algo necessário para a existência humana e pretendido pela alma (JAMES HILLMAN 2001, p.24).

Oliveira (2012) descreve ter sido no século XV que a Medicina preventiva passou a estudar mais para tentar retardar o estágio do envelhecimento. O século XVIII foi marcado, segundo a autora, pela ideia de que somos proprietários(as) de uma ‘força vital’, cujo enfraquecimento levaria à velhice e, conseqüentemente, à morte. A partir do século XIX, a humanidade passou a investigar melhor o envelhecimento ‘normal’ para melhor compreender como envelhecer de maneira mais saudável e a velhice passa a ser considerada sinônimo de doença (OLIVEIRA, 2012).

Esta preocupação torna-se mais acentuada no século XX, conforme relata Elipoulos (2005), quando problemas de saúde foram descritos como sendo ‘normais’ para pessoas que se encontravam em idades mais avançadas. Tais problemas ou condições de saúde como: demência, incontinências, imobilidade e disfunção sexual, para o autor normalmente são apresentados com alta incidência e prevalência pelos(as) idosos(as). Silva (2008) reforça ainda que, nesse contexto, a velhice e o envelhecimento passaram a ser reconhecidos como problemas clínicos, pautados por certezas biológicas, sendo a primeira uma etapa necessária, na qual o corpo degenera.

Estas considerações vão ao encontro dos ensinamentos de Foucault (2001) na obra “O Nascimento da Clínica”, ao abordar a legitimação do saber da Medicina já que o corpo é considerado, pelo autor, como centro das estratégias de saber/poder sobre os sujeitos e sobre as populações. Assim, o corpo velho tomado por patologias além de tornar o indivíduo improdutivo, tanto economicamente quanto socialmente, também marca uma fase de vida e conseqüentemente os sujeitos que nela se encontram. Surge então a Geriatria, como especialidade da Medicina, dedicada às doenças que acometem idosos(as), ou então como área do saber encarregada do corpo velho (SILVA, 2008).

É também no século XX que acontece o advento da Gerontologia, denominação derivada das expressões gero (velhice) e logia (estudo). Esta

Ciência se propõe a pesquisar o processo do envelhecimento individual e/ou coletivo como uma etapa da vida do ser humano (DEBERT, 1999; PAPALÉO NETTO e PONTE, 2002).

A Gerontologia é, atualmente, um dos campos mais produtivos de saberes que auxiliam as pessoas sobre a maneira como devem enfrentar o envelhecimento. São estudiosos(as) desta área médicos(as), enfermeiros(as), psicólogos(as), fisioterapeutas, assistentes sociais, sociólogos(as), pedagogos(as), antropólogos(as) que estão dispostos(as) etc. a estudar as alterações físicas, psíquicas sociais e culturais relacionadas ao processo do envelhecimento (DEBERT, 1999).

Neri (1998) confirma que a Gerontologia é um campo multi e interdisciplinar que recebe contribuições tanto conceituais quanto metodológicas de diversas áreas do conhecimento para tentar descrever e explicar as mudanças típicas do envelhecimento. Esta Ciência, segundo a referida autora, investiga as experiências da velhice em diferentes contextos socioculturais e históricos e ainda divide o processo em 'normal' e 'patológico', bem ou malsucedido.

O envelhecimento bem sucedido ou 'normal', como ensina Duarte (1999), é entendido como a capacidade que as pessoas desenvolvem para enfrentar as alterações físicas, emocionais e sociais originadas do envelhecimento e a habilidade de adaptar-se a elas sem grandes esforços. Na concepção do mesmo autor, o envelhecimento malsucedido ocorre quando o indivíduo não consegue se adaptar a estas alterações.

Para Doll *et al* (2007), a Gerontologia tem como base e pode ser mais bem explicada por três diferentes teorias que continuam atuais e/ou clássicas: a Teoria da Atividade, a Teoria do Desengajamento ou do Afastamento e a Teoria da Modernização. Acreditamos que esta Ciência que evoluiu muito no último Século, também traz características de outras duas teorias sociológicas do envelhecimento não menos importantes ou atuais: a Teoria da Continuidade e a Teoria Crítica, descritas por Caldas (2007).

A Teoria da Atividade proposta em 1968 por Havighurst explica que a maneira pela qual o indivíduo desenvolve novas atividades, de qualquer natureza, implica futuramente no seu processo de envelhecimento que, graças a isto, pode ser bem ou malsucedido. Então, a redução das atividades, tanto

físicas quanto mentais, associada à velhice, pode ser considerada um fator determinante para a retração do(a) idoso(a) (CALDAS, 2007). Assim, o envelhecimento bem sucedido pode ser baseado no desejo do(a) idoso(a) manter os mesmos níveis de atividades dos estágios anteriores da vida adulta.

A Teoria da Atividade continua a influenciar os movimentos sociais de idosos e orienta proposições nas áreas do lazer e da educação não formal, afirmando que eles são veículos privilegiados para a promoção do bem-estar na velhice (SANTANA & SANTOS, 2012, p.35).

Concordamos com as autoras que esta Teoria ainda nos dias de hoje fundamenta intervenções importantes para a Terceira Idade, incluindo as propostas de atividades físicas, artísticas, culturais e os variados cursos para a faixa etária.

A Teoria do Desengajamento ou Teoria do Desligamento, sugerida em 1961 pelos pesquisadores Cumming e Henry, tenta explicar o envelhecimento relacionando às pessoas com a sociedade em que vivem. Para Doll *et al* (2007, p.14), “[...] é normal que no envelhecimento seja inevitável a diminuição nas interações entre a pessoa que está envelhecendo e os membros que compõem seu sistema social”. Santana e Santos (2012) dizem que nesta Teoria, a sociedade considera o(a) idoso(a) como passivo(a) na sociedade evidenciando violência, abusos financeiros, subordinação a tratamentos de saúde. Esta teoria, cai por terra quando observamos na contemporaneidade, idosos(as) intelectuais, sindicatos de pessoas aposentadas, membros de grupos religiosos e até mesmo idosos(as) frequentadores(as) da UNATI/UEM.

Já a Teoria da Modernização, proposta em 1972 por Cowgill e Holmes, discute a imagem do(a) idoso(a) e as representações que influenciam esta imagem, levando em consideração a industrialização que gera mudanças estruturais em cada contexto histórico e cultural particular sobre o *status* e o prestígio da pessoa idosa na sociedade moderna (DOLL *et al*, 2007). Ilustrando melhor, podemos considerar, por exemplo, o crescimento e a maior disponibilidade das novas tecnologias da informação e comunicação e a ideia equivocada de que uma pessoa mais velha não seja tão capaz quanto um(a) jovem no uso destas ferramentas, ou então, que os(as) mais velhos(as) não têm a mesma capacidade de aprendizagem que os(as) mais jovens.

A Teoria da Continuidade descreve que uma pessoa mantém para sempre seus hábitos de vida, suas preferências, experiências e compromissos e ressalta a importância de se garantir o respeito à individualidade (SIQUEIRA, 2002).

Por fim, a Teoria Crítica, nas palavras de Caldas (2007), tem como proposições ações que visam mudanças tais como projetos políticos que contemplem indivíduos com mais de 60 anos e estudos que produzam conhecimentos úteis sobre envelhecimento.

O que torna estas Teorias e definições relevantes para este trabalho é o fato de que o envelhecimento bem sucedido é um processo que pode ser aprendido e conseqüentemente conquistado na medida em que os anos vão passando. A partir daí, acreditamos que são produzidos cada vez mais ensinamentos que se propõem ‘educar’ sujeitos a envelhecer com saúde e, principalmente, qualidade de vida.

De acordo com esta ideia, os estudos em Gerontologia fizeram com que a Organização das Nações Unidas (ONU) desse também maior atenção aos(as) idosos(as) (ONU, 2002), já que foi percebido que diversos países e cidades não estavam preparados para as mudanças demográficas relacionadas ao envelhecimento da população. Estes estudos apontam que algumas pessoas mais velhas são cada vez mais atuantes e participativas dentro da própria família, no mercado de trabalho e na sociedade, contribuindo também para o desenvolvimento mundial e desmentindo a Teoria do Desengajamento, citada anteriormente.

Por esta razão, ainda no século XX, em 1982, a ONU convocou a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que teve como resultado o “Plano de Ação Internacional de Viena sobre o envelhecimento”, que contava com 62 pontos relacionando diferentes ações em assuntos como saúde e nutrição, proteção de consumidores(as) idosos(as), habitação e meio ambiente, família, bem-estar social, segurança de renda e emprego, educação e a coleta e análise de dados de pesquisa (ONU, 2002).

Cabe agora chamarmos a atenção para a realidade do século XXI, com o aumento progressivo do número de idosos(as), o que nos provoca para os imensos desafios: social, cultural, econômico, político, além da necessidade de promoção à saúde, pois provavelmente será o século determinante para a

descoberta de possíveis soluções para as demandas relacionadas a esta população, como facilidades de comunicação, de transporte, exames médicos, distribuição de medicamentos e instrução.

Para ilustrar nossa afirmação, mencionamos a Segunda Assembleia Internacional sobre o Envelhecimento, que aconteceu no ano 2002, em Madri. O evento que teve por objetivo desenvolver uma política internacional para o envelhecimento no Século XXI, identificando na pobreza e na exclusão, os maiores obstáculos a uma velhice digna. “Para trabalhar neste sentido é necessário remover tudo que representa exclusão e discriminação contra eles” (ONU, 2002, parágrafo 19). Assim, as propostas resultantes foram baseadas em uma nova ideia de velhice, pensada em torno do conceito de envelhecimento produtivo e bem sucedido. A estratégia internacional para enfrentar os desafios do aumento quantitativo de pessoas com mais de 60 anos de idade centraliza-se em viabilizar a inclusão social deste segmento da população.

1.3 Envelhecimento, velhice, velho(a): rompendo paradigmas

Não é o mais forte da espécie que sobrevive, nem o mais inteligente. Sobrevive aquele que melhor se adapta às mudanças (CHARLES DARWIN, 2003, p. 24).

Trabalhar com os conceitos ‘idoso’ e ‘idosa’, requer, necessariamente estabelecer o que é de fato ‘envelhecimento’ e ‘velhice’. Em sua Tese de Doutorado intitulada “Envelhecer num país de jovens”, Neri (1998) já considerava não ser uma tarefa tão fácil encontrar na literatura gerontológica as diferenças conceituais para os termos ‘envelhecimento’, ‘velho’ e ‘velhice’, embora entendidas como devidamente contextualizadas por dimensões espaço-temporais, socioculturais e individuais. Este fato, segundo a autora, abre precedentes para inúmeras interpretações, nem sempre adequadas.

Então, a partir de quando a pessoa passa a ser considerada idosa? A Organização Mundial da Saúde (OMS) responde a esta pergunta ao estabelecer a velhice por meio de um critério cronológico, e então,

classificando como idosa a pessoa com mais de 60 anos de idade. Considerando esta informação, no Brasil, existem documentos oficiais como a Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) e a Política Nacional de Saúde do Idoso (sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 2003), que também definem a idade cronológica a partir dos 60 anos para designar idoso(a).

Parafraseando Papaléo Netto (2002a), esboçamos algumas definições: o envelhecimento é um processo natural do ser humano que se inicia no momento da concepção e termina com a morte; a velhice é uma fase da vida e o indivíduo velho ou idoso é o resultado do processo.

Jeckel-Neto e Cunha (2002, p. 32) definiram o envelhecimento como sendo um processo responsável pelas “[...] mudanças morfofuncionais da vida, que ocorrem após a maturação sexual e que, progressivamente, comprometem a capacidade de resposta dos indivíduos e à manutenção da homeostasia⁵”. Assim, o envelhecimento causa mudanças significativas no nosso organismo, e acontece dia – a – dia desde o nosso nascimento. Papaléo Netto, também classificou o envelhecimento como um

processo dinâmico e progressivo, com modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte (PAPALÉO NETTO, 2002a, p.32).

Assim, de acordo com estes estudos, o envelhecimento deve ser entendido como um processo complexo, que precisa ser melhor caracterizado e compreendido entre os(as) que o vivenciam e que apresentam características diferentes de acordo com a cultura, o tempo e o espaço. Freitas (2006) salienta que, nesta fase da vida, o corpo é mais frágil, necessitando de mais cuidados, mas este fato não anula da sociedade a participação da pessoa que vivencia este processo.

A Teoria do Desenvolvimento, proposta por Carl Gustav Jung em 1930, descreve que a vida pode ser dividida resumidamente em fases: infância, vida

⁵ Homeostasia, conceito utilizado em Ciências da Saúde, consiste no processo de regulação através do qual um organismo consegue manter o seu equilíbrio (GUYTON *et al*, 2006).

adulta e velhice (SANTANA; SANTOS, 2012). Em cada uma destas etapas, as pessoas devem se comportar de maneira a atender às expectativas da sociedade. Então, uma criança deve ir à escola, o(a) adulto(a) deve trabalhar e se aposentar na velhice.

Nesse sentido, Rifiootis (2003) propõe o envelhecimento como uma verdade lógica e biológica da vida. O quadro 01 ilustra a teoria do autor, resumindo suas ideias principais sobre as fases da vida.

Quadro 01: Escala de vida para Rifiootis (2003)

Primeira etapa	<i>Crescer e envelhecer para a vida</i> Criança e adolescente: brinca, estuda e cresce.
Etapa intermediária	<i>Vivendo e envelhecendo na vida</i> Trabalha, constitui família e produz bens.
Última etapa	<i>Vivendo, envelhecendo e despedindo-se da vida</i> Aposentado, curtindo a vida e ousando viver.

FONTE: RIFIOOTIS (2003, p. 92).

Concluimos que o ápice das atividades produtivas é visualizado na juventude e na fase adulta do ser humano (etapa intermediária) e passa a declinar com sua velhice (NERI, 2001).

Para James Hillman (2001) o termo ‘envelhecer’ apresenta dois significados: um bem restrito, biológico, correspondente à involução dos sentidos e das funções vitais; e um mais amplo, existencialista, o qual explica que o fato de ‘ser velho(a)’ compreenda um processo dialético que reúne sabedoria e amadurecimento. Sendo assim, para o autor, a velhice não representa necessariamente um declínio, ela pode inclusive significar plenitude se considerarmos as experiências tidas com a vivência.

Tratando a velhice mediante a visão biológica que busca determinantes ou marcadores desta etapa da vida, ela é caracterizada como fase do declínio mental e corporal, ou como o momento da involução dos sentidos e das funções vitais (BERGER & MAILLOUX-POIRIER, 1995). Freitas (2006, p. 26) complementa este raciocínio afirmando que

do ponto de vista fisiológico, o envelhecimento é caracterizado por uma limitação da capacidade de cada sistema em manter o equilíbrio do organismo. O declínio fisiológico em início após a terceira década de vida, sofrendo a influência dos fatores genéticos, do meio ambiente e dos fatores de risco. Isso significa que podemos modificar, até certo ponto, as características do envelhecimento, agindo sobre esses fatores. Apesar de a maioria dos idosos apresentar pelo menos uma doença crônica, esse fato não necessariamente determina limitação para a realização de suas atividades, desde que exista controle sobre a patologia ou patologias existentes, emergindo, de forma marcante, o conceito de capacidade funcional.

Apesar disto, Debert (2004) comenta que, embora estudos da Biologia e da Medicina estabeleçam critérios para a definição das etapas da vida, a classificação pode variar de uma sociedade para outra e dentro de uma mesma sociedade, por vários motivos geralmente relacionados a aspectos socioculturais e econômicos, dentre os quais podemos citar fatores como: classe social, concepções sobre sexualidade, relação com o grupo familiar, trabalho, percepção corporal etc.

Complementando esta informação, Secco (2000) defende a ideia de que conceituar uma pessoa como velha considerando apenas a idade é medir a velhice apenas pelo critério cronológico esquecendo-se da importância das experiências acumuladas. A referida autora ainda comenta que o tempo cronológico pode não representar jovialidade interior que mantém vivo e ativo um indivíduo de idade mais avançada. Ainda completa defendendo que fatores individuais como relacionamentos familiares, temperamento, tipo de trabalho, condições de moradia, interação e fazem variar o conceito de envelhecimento, deixando o indivíduo mais velho do que ele é de fato da mesma forma como as condições favoráveis de vida podem propiciar aparência mais jovem.

Diante do exposto, o fenômeno da velhice pode carregar vários significados que passam a ser compreendidos de acordo com a opinião

pessoal ou coletiva e considerados fatores socioculturais. Jeckel-Neto (2001, p. 41) exemplifica esta questão certificando ainda que a velhice pode significar experiência.

Em inglês, por exemplo, existe a palavra *old* para velho, mas envelhecimento é *aging*. Esta palavra tem como radical *age*, ou idade, e não *old*. Na verdade, o sentido de *aging* é acrescentar idade. Em japonês, pode-se usar o termo *karei*. Ele é composto por *ka* que é o radical do verbo *kauwaeru*, que significa somar, acrescentar, e *rei* que significa tempo de vida.

Vivemos a realidade de que a juventude é um objeto de desejo, como observa Mussi (2011). O fato de envelhecer distancia-se do padrão imposto pela sociedade contemporânea. É interessante notar, tanto nos programas de televisão, quanto nas mídias impressas, destaques sobre a preocupação com a alimentação, a estética e a virilidade, dicas para se manter o alto astral diante do aparecimento das primeiras rugas e cabelos brancos, a importância de planejar a vida para quando a velhice chegar, como tratar os problemas de memória e entre outros conselhos úteis para ‘combater’ o envelhecimento (MUSSI, 2011).

Gomes e Teruya (2014), dissertam que atualmente a mídia, com a intenção de alcançar o mercado voltado para os(as) idosos(as), a cada dia mais explorado, investe mais em estratégias para atendê-los(as), por notório o crescimento da demanda social desta população bem como o seu poder de compra no mercado.

Cícero (2010, p. 9, destaque nosso) em seu livro “Saber envelhecer e a amizade” reforça sua indignação sobre o não envelhecer.

Todos os homens [mulheres] desejam alcançar a velhice, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Queixam-se de que ela chega mais furtivamente do que a esperavam. Por diabos, a velhice seria menos penosa para quem vive oitocentos anos do que para quem se contenta com oitenta anos?

Beauvoir (1976) a respeito disto, disse que muitas vezes a idade define a pessoa e a submete às normas sociais que não a beneficia, mas ao contrário, a estigmatiza, negando sua individualidade. Shitatori *et al.* (2012, p. 279) descrevem o fato da nossa sociedade ser capitalista e, portanto, torna-se evidente a busca pelo bem estar material. Faz parte desta cultura, segundo os

autores, destinar tudo o que é bom e melhor ao(à) jovem e o que é ruim e imprestável ao(à) mais velho(a).

Esta concepção fomenta mais ainda a compreensão de que o velho é descartável; verificam-se justificativas, como “tenho pressa”, “não tenho tempo a perder”, “isso faz parte do envelhecimento”, como se fosse possível protelar ou afastar o envelhecimento, como se alguns não fossem envelhecer jamais. É claro que, aliada a essa situação, a mídia, mediante o culto à beleza, estimula na sociedade contemporânea padrões de estética, de beleza e de comportamento perseguidos por todos, pois o belo, o vigoroso e o saudável são sinônimos de jovialidade; o contrário, relaciona-se ao velho, idoso.

A sociedade ocidental para Goldfarb (1997) trata do tema ‘envelhecimento’ de maneira muito sutil, geralmente com uso de eufemismos⁶ para denominar a velhice, na tentativa de suavizar o peso que as palavras ‘velho’ e ‘velha’ possuem. Ouvimos comumente as pessoas falarem em ‘melhor idade’ ou ‘maior idade’; o substantivo ‘velho(a)’ deu lugar para ‘senhor(a) idoso(a)’, ‘senhor(a) da Terceira Idade’. Assim, os substantivos ‘velho’ e ‘velha’ permanecem apenas como função adjetiva quando nominamos coisas antigas ou usadas.

Aquilo que é ‘velho’ traz consigo preconceitos, estereótipos e conotações pejorativas, sendo então vinculado àquilo que lembra morte, falta de beleza e inatividade (SALZEDAS; BRUNS, 2007). Desta forma, faz-se então necessário retomar os conceitos de idoso(a) e de velho(a). O autor Jorge Nascimento em seu livro “Aprenda a curtir seus anos dourados” (1997), definiu bem estes conceitos. Para ele, idoso(a) é a pessoa que tem muita idade, mas que ainda aprende, é ativo(a), vive intensamente, é capaz de aceitar sua imagem, ainda faz planos. Velha é a pessoa que perdeu sua jovialidade, é apática, não faz mais planos, é inconformada com suas limitações e aparência física, não tem interesses e não consegue mais planejar seu futuro. Ora, se queremos que o envelhecimento seja uma experiência positiva, uma vida mais longa, ele deve ser acompanhado de oportunidades.

⁶ “Eufemismo é um tipo de linguagem que substitui um termo, ou uma expressão rude, por outro mais suave e agradável, para que a pessoa não se ofenda”. Terceira idade é um eufemismo antidepressivo para designar a velhice (MORIN, 2003, p.210).

1.4 Revelações de uma sociedade contemporânea

[...] envelhecer subentende atravessar o tempo. Viver é envelhecer, envelhecer é viver. Durante o processo de viver passamos por constantes ciclos de renovação. A cerimônia de renovação nos propicia o envelhecer. Quanto mais vivermos, mais velhos estaremos. Todos conhecem a veracidade desse processo (HILMAN, 2001, p.57).

Conforme o pensamento de Salgado (1991), o mito presente em nossa sociedade é de que a velhice é uma etapa da vida totalmente negativa, descrita pelo autor como inverno sombrio, frio e improdutivo. Para Inouye (2008), políticas inclusivas como forma de desmarginalizar idosos(as) são um grande desafio proporcionando uma atuação transformadora na construção da sua história, já que a velhice é uma fase peculiar por possuir características tanto positivas quanto limitadoras.

Para grande parte das pessoas idosas, a idade traz diversas alterações para seu cotidiano, listadas por Pascual (2002), como por exemplo: mudanças relacionadas à sexualidade; perda do *status* profissional, resultante da aposentadoria; insegurança e sentido de inutilidade; perda de energia pelo comprometimento de condições de saúde por doenças, exigindo mais cuidados médicos, despesas, atenção familiar; perdas familiares, afetivas e sociais que reduzem seus relacionamentos; falta de oportunidades sociais e de lazer; transformações físicas e hormonais e de tônus vital que trazem a necessidade da aquisição de novos hábitos de vida.

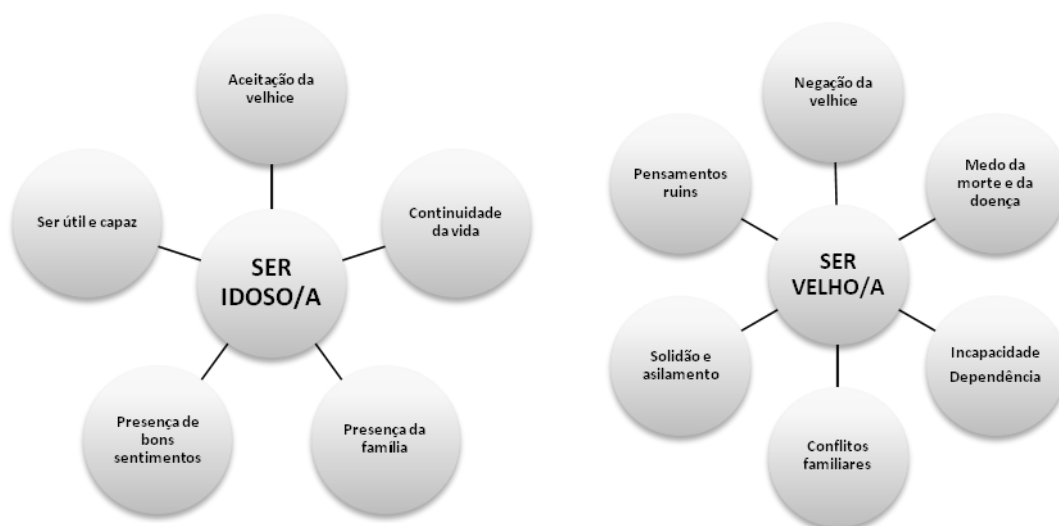
Diante disto, Torres (2001) aponta como necessária a assistência ao(à) idoso(a) visando seu bem estar, sua autonomia, sua independência e inserção familiar e social para que ele(a) consiga viver ativo(a), participativo(a) e produtivo(a), além de ter saúde.

Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), adotou o termo 'envelhecimento ativo' para expressar o processo de conquista dessas oportunidades. Este termo foi adotado pela Organização no final dos anos 90, que procura transmitir uma mensagem mais abrangente do que é 'envelhecimento saudável', e reconhecer, além dos cuidados com a saúde,

outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (KALACHE e KICKBUSH, 1997, traduzido por nós).

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Ele permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e permite os idosos participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidade. A palavra “ativo” refere-se à participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho. O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, incapacitadas fisicamente, e que requerem cuidados (OMS, 2002, p.14).

Santana e Santos (2005) complementam esse raciocínio ao definir elementos presentes na promoção de bem-estar ao tornar-se idoso(a) e elementos presentes na identificação de mal-estar ao considerar-se velho(a). O esquema, a seguir, apresenta a ideia das autoras.



Fonte: (SANTANA; SANTOS, 2005, p.208).

Analisando os esquemas, compreendemos que o sentimento de bem estar está intimamente relacionado à presença de bons sentimentos, à presença da família, à atividade e à aceitação da velhice. Em contrapartida, o

mal-estar caracterizado pela sensação de sentir-se velho(a), vai além do estado físico do indivíduo. Fatores como medo da solidão, de ficar doente e de morrer, perda de relacionamentos interpessoais, sentimento de incapacidade, podem estar relacionados a esta sensação.

Santana (2004) assegura que embora existam indivíduos com mais de 60 anos fragilizados e dependentes que realmente necessitam de mais atenção, observamos muitas pessoas nesta faixa etária que apesar de envelhecerem preservam suas capacidades, permanecendo produtivas, fugindo dos estereótipos traçados, fato muitas vezes ignorado. Em resumo, o(a) idoso(a) pode ser visto(a) como potente ou pode ser considerado(a) como incapaz da convivência social e do aprendizado.

Oliveira (2012) recorda o que foi mencionado anteriormente dizendo que a visão patológica do envelhecimento deve ser substituída pelo incentivo à intervenção oferecida pelos processos de reabilitação. Ainda complementa que os(as) ou os(as) idosos(as) devem ser vistos(as) como pessoas que têm história, identidade, convivem socialmente e têm capacidade de adaptação para compensarem suas dificuldades. Fica evidente que muitos(as) não se preocupam com sua idade cronológica, mas sim com o seu 'estado de espírito'. Este fator, intimamente ligado ao bem-estar físico e mental, pode ser caracterizado como qualidade de vida. As alterações são sim inevitáveis, mas não devem ser tomadas como negativas, já que a experiência de vida, a sabedoria e a visão do mundo proporcionadas pelos anos vividos são exemplos positivos desta fase.

Para Neri (2007), as pessoas precisam se preparar para envelhecer. Isto porque muitas vezes negamos ou não aceitamos o próprio processo vital, procurando a fonte da juventude interna. Devemos construir uma visão mais positiva e produtiva para o(a) idoso(a).

Contudo, quando a questão chave é a sexualidade nesse período da vida, dependendo da idade do indivíduo, o assunto é cercado de preconceitos perante a sociedade e entre os(as) próprios(as) idosos(as) que convivem com mitos e tabus. Esta visão distorcida é fruto de uma educação severa, cheia de conceitos e pré-conceitos repressores (VASCONCELLOS *et al.*, 2004). Tudo

isto, aliado à falta de conhecimento, induzem a uma atitude pessimista sobre o sexo na velhice.

2

Desvendando a sexualidade humana: rompendo mitos acerca da Terceira Idade

2.1 Definindo Sexualidade: dimensões históricas e socioculturais

A trajetória de vida do ser humano é um somatório das experiências herdadas, das vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais que cada um tem do mundo em que vive (SANTOS, 2003, p.13).

Jeffrey Weeks (2001, p.43) no texto “O Corpo e a Sexualidade”, relaciona a dimensão da sexualidade “[...] de modo geral às crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam ao corpo e seus prazeres”. Além disso, complementa dizendo que a sexualidade é “[...] além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosa” (WEEKS, 2001, p.39). Estas definições são partilhadas por muitos(as) outros(as) estudiosos(as) da área. Uma delas é Braga (2002) que em sua Dissertação “Sexualidade Infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual” chama a atenção para a importância do estudo da sexualidade quando faz uso das palavras de Kahhale (2001 *apud* BRAGA, 2002, p. 23).

Debater sexualidade é discutir valores, normas sociais e cultura; debater sexualidade é buscar compreender as versões individuais que temos de um tema que é social. Dar sentido à ‘sexualidade de cada um’ implica tomá-la como uma construção histórica no âmbito das relações sociais, relacionadas às formas de vida e às necessidades que a humanidade encontrou e/ou construiu

Assim, a sexualidade humana está intimamente ligada a fatores culturais e sociais herdados e passados de geração em geração. Em outras palavras, Braga (2002, p. 42) ainda complementa, assegurando ser “[...] impossível falar em sexualidade, deixando de lado a herança cultural que recebemos”. Toniette (2006, p.42), também entende que

falar da história da sexualidade humana é resgatar elementos para se compreender significados e sentidos dessa construção social, com a proposta de reconhecer as diversas constituições e possibilidades de sexualidade que vislumbramos na atualidade.

Em sua Tese de Doutorado, intitulada “Palavras, palavrões: um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais na cultura brasileira”, Braga (2008, p. 24), assegura que,

partindo-se do conceito da sexualidade enquanto fonte de pesquisa, de estudos e de diversas manifestações podemos dizer que o corpo é transformado em sexual a partir da sua inserção em um mundo cultural que pode não traduzir um processo histórico, social, psíquico e antropológico.

Concordamos com a autora, e reafirmamos a importância de reconhecer esta face sócio-cultural que caminha junto com o conceito de sexualidade, já que ela é capaz de ser

expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização. Assim, as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento (MAIA, RIBEIRO, p.76, 2011).

Assim, é importante que façamos um breve histórico acerca da sexualidade humana e seus significados. Escolhemos discutir um dos autores clássicos, Michel Foucault (1926-1984). Este pensador foi um estudioso da “[...] arqueologia do saber ocidental” expondo as vinculações entre o poder e o saber (SALGUEIRO, 2009).

Foucault propõe substituir a história pelo que ele chama “arqueologia”. Com este termo, pretende ressaltar seu total desinteresse pela matéria-prima da história convencional das ideias: as continuidades, as tradições, as influências, as causas, as comparações, as tipologias etc. (WHITE, 2001, p. 257).

Ou seja, foi autor de um grande trabalho para mostrar como no Ocidente os saberes da Medicina, da Educação, do Jurídico e o poder estavam articulados entre si. Foi um trabalho exaustivo iniciado pela investigação sobre as relações do poder com as prisões, sexualidade e a loucura. Discute estes

temas sem se alinhar às ideias marxistas de sua época, em outras palavras, sem reconhecer que o destino do homem e da mulher está ligado à anteposição estrutural e a dinâmica da classe social e do movimento econômico (SALGUEIRO, 2009).

Na década de 1975, Foucault lança o livro “Vigiar e Punir” (1987) em que defende a tese de que, desde o século XVIII, o corpo foi alvo do poder. Neste livro, explica que no Ocidente os corpos atendem ao binômio docilidade-utilidade, e para que estes sejam dóceis, o poder procura o espaço e os movimentos humanos, além de medir os tempos desses movimentos. Não se vigia para mutilar os corpos, mas sim para adestrá-los e fazê-los servir ao poder, ao trabalho, à política. Os corpos dóceis passaram pelos exames, inspeções e pelo controle nas fábricas, hospitais, escolas. Tanto que nessas diferentes instituições as regras de controle são iguais: os indivíduos fazem fila, perfilam, são classificados. Para tanto é necessária a disciplina não somente da consciência, mas também do corpo biológico.

Entre os anos de 1970 e 1980 nasceram os estudos da “História da sexualidade” divididos em: “A vontade do saber”, “O uso dos prazeres”, “O cuidado de si”. Nestas três obras, Foucault desmistifica a ideia de que o sexo só foi reprimido pela sociedade capitalista e nos oferece a noção de uma história política da produção de ‘verdades’ ou ‘discursos verdadeiros’ articulados a poderes (SALGUEIRO, 2009). É neste contexto que o autor nos oferece um discurso sobre a sexualidade – uma dimensão problema no Ocidente. Foucault (1999) se dedicou a compreender o caráter social da sexualidade. Ele não quis afirmar que existia uma ideologia subjacente ao discurso da sexualidade, mas sim ajudar a compreender os mecanismos que produziam uma determinada sexualidade em detrimento de outras. Para Foucault (1999), existe um dispositivo da sexualidade que normatiza os modos de vivenciá-la como faz a medicina, a escola, o campo jurídico. O que sai do campo normativo é ‘patologizado’ como, por exemplo, a sexualidade dos(as) idosos(as) .

Aprofundando um pouco mais em sua obra “História da Sexualidade – A vontade de Saber” (1999), percebemos que as civilizações, por muitos séculos, já reconheciam a sexualidade como atividade da juventude, sinônimo de sexo e fator intimamente ligado à reprodução por imposição de fatores religiosos,

políticos, judiciais, pedagógicos, médicos e sociais. Para Foucault (1999), estes fatores influenciam o modo pelo qual os indivíduos dão sentido e valor à sua conduta, aos seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos. Neste contexto, Foucault (1999) ensina que a sexualidade é uma questão histórica e não um referente biológico. O autor defende que a sexualidade foi inventada pela sociedade como um instrumento de controle da expansão do *poder*⁷ sobre a vida.

Esse ‘poder sobre a vida’ que Foucault (1999) denomina ‘biopoder’ e a sexualidade tem aqui um papel crucial, já que para o filósofo, o sexo é o pivô ao redor do qual toda a tecnologia da vida se desenvolve: o sexo é um meio de acesso tanto à vida do corpo quanto à vida da espécie; isto é, ele oferece um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população (o ‘corpo político’) como um todo.

Conforme Foucault (1999), a sociedade que se desenvolveu a partir do século XVIII, também conhecida como sociedade burguesa, capitalista ou industrial, deu início a uma história de repressão à sexualidade não como proibição em si, mas por meio da incitação dos discursos. Para ele, a sociedade daquela época não reagiu ao sexo como uma renúncia, em contrapartida, tentou um mecanismo para produzir discursos sobre ele. Nessas sociedades, não somente se falou muito sobre sexo e se forçou todo mundo a falar dele, como também se instituiu uma verdade regulada sobre a sexualidade.

Nas palavras de Foucault (1999, p. 145), “[...] vários saberes, instituintes e instituídos em hospitais, presídios, manicômios e também fabricados pelo próprio dispositivo da sexualidade, fizeram dela o lugar de enunciação da verdade interna dos sujeitos” Concordamos que o aumento da demanda por discursos relacionados ao sexo e o aumento também da busca por saberes a ele relacionados fizeram da temática uma Ciência.

Foucault (1999, p. 101) ressalta que a “[...] sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de

⁷ Braga (2002) nos explica que na obra de Foucault (1999), a palavra *poder* deve ser entendida como o ato que domina e comanda as relações sociais, o que acontece desde o início da civilização humana.

modo cada vez mais global”. Até o século XVIII, a sexualidade das crianças, dos(as) homossexuais, dos(as) idosos(as), era considerada contra a natureza humana e carregava o estigma da loucura moral, neurose genital, desequilíbrio psicológico etc. Sendo assim, foi definida uma norma de desenvolvimento sexual da infância até a velhice (FOUCAULT, 1999).

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares, podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes e improdutivas, mas na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente e o psiquiatra com sua histérica e seus perversos, não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e, sim, as perpétuas espirais de poder e prazer (FOUCAULT, 1999, p. 45).

Entendemos a partir deste excerto, que, nas relações de poder, a sexualidade encontrou um ponto de apoio para as mais variadas estratégias de controle entre as relações, sejam elas entre homens e mulheres, entre jovens e velhos(as), entre pais(mães) e filhos(as), entre educadores(as) e alunos(as), entre a administração e a população em geral.

Durante os séculos XIX e XX, Foucault (1999) explica que foi estabelecido um discurso disciplinador para extinguir todas as formas de sexualidade não relacionadas com a reprodução e com o casamento, lugar legítimo da sexualidade. Com base nisto, o autor aponta que é a sociedade e a cultura que designam se determinadas práticas sexuais são ou não apropriadas, morais ou imorais, saudáveis ou doentias.

Para Figueiró (2009, p. 142), a sexualidade, pode ser descrita como

essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua

dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Diante do exposto, reconhecemos que a sexualidade não se caracteriza apenas pelo ato sexual, na visão reprodutiva ou biológica, é diversificada e determinada pela combinação de vários fatores como relacionamentos, as próprias circunstâncias de vida e pela cultura na qual o indivíduo vive. Além disso, envolve todos os sentidos, conjuntos de experiências, emoções e sentimentos (PAPALÉO-NETTO; PONTE, 2002, BRASIL, 2010).

A sexualidade é a maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como a mulher vivencia e expressa o ‘ser mulher’ e o homem o ‘ser homem’. Se expressa através de gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, dos perfumes, enfim, de cada detalhe do indivíduo (RIBEIRO, 2002, p.124).

A partir do conceito citado, explicitamos que a sexualidade é expressa de várias maneiras e que não se restringe apenas à relação sexual (coito). Ainda reforçamos a visão de que ela pode ser vivenciada por todos(as), independente da idade.

Na concepção de Chauí (1984), sexualidade também pode ser entendida como a fusão de sentimentos simbólicos e físicos, como ternura, respeito, aceitação e prazer, entre um ser e outro. Não está restrita ao quarto ou a áreas do corpo. É o que nós fazemos e também o que somos. Não envolve somente a intimidade sexual, mas também a própria concepção sexual. Complementando esta informação, podemos fazer uso dos estudos de Abdo (2004) que definem sexualidade como o elemento que dá sentido e significado à existência humana, no qual interagem vários fatores psicológicos, biológicos, religiosos, educacionais, sociais, e culturais. A sexualidade é considerada singular a cada pessoa e, ao mesmo tempo, universal. É concebida como parte central da nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com outras pessoas, temos amor, prazer e procriação; é construída progressivamente. Ademais, a sexualidade é inata e inerente a todo

ser humano e percorre todas as fases do ciclo vital apresentando especificidades próprias a cada período (CAPODIECI, 2000; ABDO, 2004).

2.2 Sexualidade na velhice: desvelando preconceitos

Quando se pretende que só há uma forma de desenvolver a sexualidade e que esta forma está condicionada a uma fase da vida, está-se dando prova de uma ignorância existencial diante das estações da existência (RISMAN, 2005, p.20).

As contribuições de Braga (2008) nos mostram que o corpo e a sexualidade das pessoas podem ser vistos a partir de diferentes olhares, de acordo com a organização social, econômica, política e cultural de cada época. Não obstante, podemos transferir esta afirmativa para este estudo relacionando-a com a imagem e o papel do(a) idoso(a) nas sociedades.

No primeiro tratado de Gerontologia, datado do início do século XX, de acordo com Groisman (2002), já tínhamos a informação de que alterações tanto internas quanto externas do organismo, provocadas pelo envelhecimento, resultavam em repercussões comportamentais, cuja manutenção do interesse sexual era retratada como ‘anormal’, ou um exemplo patológico. Então, com o avançar da idade, seria ‘natural’ o afastamento da vida sexual (GROISMAN, 2002).

Até muito recentemente, as pessoas acreditavam e, portanto defendiam que por volta dos cinquenta anos era inevitável o declínio da função sexual. Na mulher, explicado pela menopausa e, no homem, pelas progressivas disfunções de ereção. Além disto, a atividade sexual perdia sua justificativa social e fatalmente o seu objetivo principal: a reprodução (GIAMI, 2003, tradução nossa).

Atualmente, existe uma tendência e algumas pessoas mais jovens em depreciar os(as) idosos(as) no que tange ao desejo sexual, uma vez que os valores culturais são determinados por padrões de juventude e por ideias de que após a vida adulta, com o fim do período reprodutivo, a vida sexual deixa de existir (GOMES *et. al.*, 2008). Esta ideia não é tão atual, já que Minois

(1999, p. 29), descreve a existência de um papiro egípcio, datado de I d.C., que aponta como deveria ser a vida do(a) idoso(a) da época.

Aquele que viveu sessenta anos, já conheceu tudo o que passou por ele. Se agora deseja beber, não o pode fazer até a embriaguez. Se lhe apetece um bom prato, não pode comer como era seu hábito. Se ainda sente desejo pela mulher, esse desejo jamais se revela.

Se trouxermos esta informação para os dias atuais, visualizamos claramente elementos parecidos direcionando as condutas dos(as) idosos(as) em relação aos seus corpos, hábitos, estilo de vida e até mesmo sua sexualidade. Assim, torna-se necessário e plausível falarmos de sexualidade na velhice. Não que este seja um tema atual e inédito, mas porque entendemos que a sexualidade passa também nos dias de hoje, a determinar uma das formas de construção da identidade das pessoas mais velhas.

Para muitas pessoas, na concepção de Castro e Reis (2002), a velhice ainda é vista como um período assexual, desprovido de desejos e de vida sexual. Isto pode ser explicado porque a sociedade impõe padrões comportamentais que limitam a sexualidade humana como sendo 'normal' e própria do período compreendido entre a adolescência e o início da maturidade. Santos (2003, p. 22) ainda complementa esta ideia, ao apresentar que

esse preconceito tende a reprimir as expressões da sexualidade na velhice, como se o interesse sexual ou amoroso causasse horror, fosse algo aberrante, que não pode ser revelado, demonstrado, explicado e muito menos aceito.

Esse olhar convencionalista em relação à sexualidade no envelhecimento foi influenciado, segundo Risman (2005), pela Igreja com a ascensão do Cristianismo, durante os séculos VII a XII, que a considerava como motivo de vergonha para o(a) idoso(a). A expressividade da sexualidade entre os(as) idosos(as) era considerada como algo negativo e demoníaco, já que nessa idade, o coito e o desejo sexual não eram bem aceitos pela Igreja.

Outro fator que impede uma relação amistosa entre a sexualidade e a velhice é a educação repressora e a associação que a sociedade faz entre

atividade sexual e procriação (SANTOS, 2003). Colaboram também para permanência da percepção de 'assexualidade' do(a) idoso(a), as referências que as pessoas adquirem ao longo da vida, estipulando o que é apropriado para cada faixa etária (RISMAN, 2005).

Braga (2008) comenta ser notório o fato de sermos envolvidos(as) por uma tradição cultural passada por meio das gerações, na qual o corpo e a sexualidade ainda sofrem repressões por preconceitos e normas sociais. A autora usa de uma citação da obra de Brunhs (1994) para explicar que o ser humano é influenciado por diversas normas ditadas por sua família, por sua profissão, pelos grupos aos quais pertence.

Foucault (1999, p. 82) relaciona tais normas sociais com a 'hipótese repressiva' que reduz a sexualidade ao utilitário e exclusivo para casais em idade reprodutiva. O autor faz uma análise da repressão sexual que também pode ser adaptada ao que estamos nos referindo, contextualizando cinco aspectos:

A relação negativa: em relação ao sexo, o poder estabelece relações de modo negativo: rejeição, exclusão, ocultação, mascaramento, barragem, recusa e ocultação;

A instância das regras: essencialmente, é o poder que dita as regras em relação ao sexo, ficando, assim, reduzido a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Também o poder prescreve ao sexo uma 'ordem' que funciona como forma de inteligibilidade, ou melhor, o sexo só se decifra a partir da sua relação com a lei.

O ciclo da interdição: pelo poder, o sexo só funcionaria pela proibição: 'não toques, não tenhas prazer, não fales, etc.', tendo como objetivo que o sexo se renunciasse a si mesmo, e o instrumento seria a ameaça de um castigo, que seria a supressão.

A lógica da censura: com a interdição acima citada, existem três formas de interditos sobre o sexo: afirmar que não é permitido, impedir que se diga e negar que exista. Dito assim, a lógica do poder sobre o sexo seria a lógica paradoxal de uma lei que poderia ser enunciada como injunção de inexistência, de não-manifestação e de mutismo.

A unidade do dispositivo: o poder sobre o sexo se manifesta em todas as instâncias sociais, que têm as engrenagens simples e reproduzidas da lei, da interdição e da censura: o Estado, a Família, a Escola, as leis, etc. Ao encontro do poder dita a lei, e o sujeito é aquele que obedece, que acaba se submetendo a essas leis. 'Poder legislador, de um lado, e sujeito obediente de outro'.

Para melhor compreensão da repressão existente em torno da sexualidade na velhice, faz-se necessário referenciar novamente Risman (2005), que relata o fato da experiência da união afetiva e sexual desde os tempos primitivos, que obedecia a regras e normas como, fidelidade, respeito, idade certa para procriação – dezoito anos para mulher e trinta e sete para homens – e, principalmente, a possibilidade de atender aos interesses políticos e econômicos. Ainda assegura que as regras existentes impediam a espontaneidade da experiência sexual, principalmente para as pessoas de idade avançada. Seguindo a filosofia de Aristóteles, a saúde é mais importante do que o amor e a pessoa envelhecida automaticamente perde a saúde, devendo se resguardar do exercício sexual (RISMAN, 2005). Nesta mesma linha, os estudos de Vasconcellos *et al.* (2004) também permitem compreender o processo subjetivo que favorece a negação à sexualidade durante o envelhecimento, baseados em duas teorias distintas: A primeira é a Teoria dos *Scripts*, proposta por Gagnon e Simon (1976), que explica a ligação direta entre os papéis culturais atribuídos aos indivíduos segundo seu *status* social, incluindo a faixa etária. Neste contexto, a cultura ocidental atribuiu um *script* sexual negativo ao indivíduo envelhecido, o que ele se recusa a assumir. A segunda Teoria, a Psicanalítica, explica que ternura e sensualidade não combinam.

Vovô e vovó são anjos da guarda com um corpo diáfano, liberado de todo traço de sensualidade. Esta fábula deve ser preservada a todo custo; se preciso for, sob o controle dos filhos que se tornam, por sua vez, guardiões do recalçamento (ou da opressão). Ocorre, assim, uma inversão dos papéis que ocupavam na adolescência. Os adultos maduros são então compelidos a ocultar cuidadosamente todo e qualquer interesse sexual sob pena de serem socialmente desconsiderados e afetivamente rejeitados pela própria família (VASCONCELLOS *et al.*, 2004, p. 415).

Desta forma, acreditamos que a sexualidade na velhice deve ser vista sob uma nova perspectiva não limitada por fatores biológicos, uma vez que se trata de uma construção social (FOUCAULT, 1999). Além disso, a compreensão da sexualidade dos(as) idosos(as) deve ser estimulada dentro de uma visão positiva, holística, que sirva de base para ir pondo fim a uma história

cheia de silêncios, mitos, tabus e falsas crenças. Não se pode continuar permitindo que ainda hoje existam mitos que continuem dessexualizando os(as) idosos(as) (PASCUAL, 2002).

O abandono dessas falsas crenças, mitos e tabus está relacionado às mudanças de atitudes sobre a sexualidade e sua vivência trata-se de uma revolução cultural. Entre os(as) idosos(as), essas mudanças podem ocorrer de maneira mais lenta (PATRIOTA e ALMEIDA, 2009). Isto pode explicado pelo fato das pessoas de mais idade terem sido educadas na aprendizagem de atitudes sexuais do tipo genital, reprodutor e da proibição do prazer sexual, ignorando outros ricos significados da sexualidade.

Parafraseando Papaléo Netto (2002a), tratar da sexualidade na velhice é tratar de um tema polêmico cercado de preconceitos, comumente negligenciado pelas diversas áreas do conhecimento, pouco conhecido e tampouco compreendido pela sociedade, pelos(as) próprios(as) idosos(as) e por muitos(as) profissionais.

Escrever sobre a sexualidade é um desafio [...]. Após estudar os costumes e hábitos de várias civilizações, podemos ampliar o nosso conhecimento a respeito do corpo, que foi, por muitos anos, “coberto” de preconceitos, da psique, que teve que se adaptar a determinadas transformações sociais e culturais, e da sexualidade, que, com tantas regras, tornou-se um processo mecânico, vinculado a genitalidade e à procriação, perdendo, assim, seu maior valor: a dimensão natural de sua manifestação. Em uma sociedade na qual o que se conta é a produção, o capital, a força o dinamismo e também a beleza estética do corpo, fica difícil imaginar que, no processo natural de envelhecimento e maturidade, do ser humano, seja possível ao sujeito aproveitar o aprendizado de toda uma vida. Faz-se necessário que essa sociedade modifique seus conceitos e tente reformular sua caminhada (RISMAN, 1999, p. 61).

Neste sentido, apoiamos o fato de que a deficiência de informações sobre o processo do envelhecimento e as mudanças que acontecem na velhice a respeito da sexualidade têm contribuído para a sustentação de preconceitos. Pascual (2002) tece considerações importantes afetas ao que chama de atitude positiva, cuja sexualidade humana é aceita e cultivada em todas as idades, prevalecendo uma educação sexual sadia, progressiva e integrada, tendo

como fonte de informação todas as instâncias sociais: família, sociedade, Igreja, escola.

As contribuições de Risman (2005) nos mostram que o esclarecimento e mais informações sobre o tema podem reduzir tantos tabus e crenças sobre um assunto naturalmente cercado por preconceitos. É neste sentido que vários(as) autores(as) reconhecem quanto é válida a contribuição da área da Educação para o envelhecimento (FENALTI; SCHWARTZ, 2003).

2.3 Um novo olhar sobre a sexualidade dos(as) idosos(as)

A sexualidade aos 60 anos supõe apenas o final de uma etapa e o início de outra. É uma crise e, como toda crise, pode implicar transformações ou catástrofes (PASCUAL, 2002, p. 16).

Na concepção de Moura e seus(suas) colaboradores(as) (2008); Santos (2003) e Brigueiro (2000) um dos aspectos menos compreendidos da velhice é a sua sexualidade. Nas palavras de Pascual (2002, p.14), os estudos realizados na atualidade demonstram que as pessoas idosas “[...] demonstram a existência, a necessidade, a vivência [...] de sua sexualidade e a importância dela para sua saúde e felicidade.” O autor chama a atenção para algumas razões pelas quais o estudo da sexualidade dos(as) idosos(as) é importante, pois

faz parte da estrutura da personalidade do idoso. É uma realidade evolutiva da qual ninguém pode prescindir. Constitui um valor muito importante para a maturidade e saúde de todas as pessoas, qualquer que seja a idade. É uma das linguagens afetivas mais apreciadas e necessárias para preencher a solidão. Significa a superação do modelo biológico involutivo. Os idosos têm o mesmo direito a ela que os mais jovens. Os avanços científicos nesse campo não podem negá-la (PASCUAL, 2002, p.15).

Percebemos com este excerto que a ciência jamais pode aceitar que os pré-julgamentos sobre a sexualidade na velhice sejam os principais fatores para a sociedade determinar suas conclusões sobre a sexualidade neste

período da vida, muito menos permitir que no ano 2015 ainda exista a propagação de mitos afirmando que o(a) idoso(a) é assexuado(a).

Parafraseando Negreiros (2004), a sexualidade não se processa da mesma maneira em todas as épocas nem sequer da mesma forma em todos os indivíduos, muito menos em todas as fases da vida, o que reforça a ideia de Ribeiro (2002) já exposta anteriormente sobre o fato de nada ser mais pessoal e característico, que o modo de vivenciar e entender a própria sexualidade.

Patriota e Almeida (2009), neste contexto, asseguram que maior parte das pessoas com idade avançada é perfeitamente capaz de ter relações sexuais e sentir prazer como as mais jovens. Os estudos de Lopes (1993) corroboram com esta ideia. Ele explica que com a idade ocorrem modificações quantitativas decorrentes de mudanças fisiológicas, mas na verdade o envelhecimento não é responsável por dessexualizar o indivíduo. Capodieci (2000) também compreende que a vida sexual existe e continua viva até o indivíduo alcançar os mais altos níveis de idade, o que muda é apenas a frequência dos desejos e os ritmos das relações. Assim, a qualidade da resposta sexual pode até mudar para melhor, devido ao acúmulo de experiências de vida.

Estudos demonstram que os(as) próprios(as) idosos(as) são responsáveis, por meio de suas atitudes, pela expressão e afirmação da sua sexualidade (RIBEIRO, 1997; CAPODIECI, 2000; RIBEIRO, 2002). Pascual (2002, p.20-21) esclarece que estas atitudes

definem em grande parte o que pensam, sentem e vivem nesse campo. São elas que manifestam o que consideramos aceitável ou inaceitável, agradável ou desagradável, bom ou mau, normal ou patológico. [...] As pessoas de idade foram educadas na aprendizagem de atitudes sexuais do tipo genital reprodutor e da proibição do prazer sexual, ignorando outros significados da sexualidade, e seu maior problema está na capacidade de corrigir, aceitar e aprender a viver e expressar todos os novos significados aos quais a antropologia sexual de hoje abre essa realidade.

Sendo assim, salientamos que atitudes negativas⁸ em relação à sexualidade, favorecem o desinteresse por ela e com isso, a insatisfação e a redução da atividade sexual.

As modificações decorrentes do envelhecimento relacionadas à sexualidade incluem fatores biológicos, culturais, psicológicos e de comportamento, que resultam em causas psicológicas ou fisiológicas ou ambas. Além dos aspectos históricos e culturais marcantes acerca da sexualidade humana e, especialmente da sexualidade na velhice, a abordagem biológica faz-se muito importante para compreensão das mudanças ocorridas no corpo com o passar dos anos e das limitações impostas pela idade, (NEGREIROS, 2004).

Se o idoso não aceita seu envelhecimento sexual, pode viver um conflito interior entre ele como velho e o jovem que não pode ser, entre aquilo que é e o que foi. Neste conflito de identidade, destaca-se o aspecto da imagem corporal, o desgosto com o próprio corpo que pode dar lugar a um sentimento de vergonha e a uma rejeição às relações sexuais. É preciso saber com clareza que cada fase tem suas vantagens e desvantagens e devemos aceitar as limitações da plenitude das contribuições positivas desse período da sexualidade evolutiva, que sem dúvida alguma as tem como qualquer outro (PASCUAL, 2002, p. 31).

Porém não podemos associar as mudanças fisiológicas características do passar da idade, com alterações patológicas, as quais são causadas por diferentes doenças e/ou por seus tratamentos que influem na atividade sexual, além disto, não ser uma regra já que não atinge necessariamente a todos(as) os(as) idosos(as). A velhice, assim, não pode ser entendida ou confundida com enfermidade, uma vez que a sexualidade compõe um fator muito importante para se alcançar qualidade de vida.

Com o envelhecimento, mudanças hormonais ou doenças podem interferir no desempenho sexual, portanto

⁸ Podemos relacionar atitude negativa em relação à sexualidade aquela que a identifica com genitalidade, procriação, heterossexualidade, matrimônio, idade jovem. Em contrapartida, atitudes positivas são relacionadas ao prazer, comunicação, carinho, carícias, afeto, portanto, possibilitam uma sexualidade satisfatória em todas as idades (SOUSA, 2008).

a energia sexual que privilegia o aparelho genital para sua descarga, retorna seu investimento a outras áreas do corpo marcadas nas primeiras experiências, retornando ao prazer encontrado em outras formas erógenas como o toque, o olhar a delicadeza de toda sensibilidade. A sexualidade como manifestação de amor, de afeto, toma outras formas de expressão. [...] A perda de hormônios modifica o mecanismo e a frequência e ereção, assim como altera a lubrificação vaginal, dificultando a realização do coito (SANTOS, 2003, p. 29-30).

Este relato corrobora com a ideia de que as dificuldades funcionais interferem na sexualidade do(a) idoso(a), já que as pessoas não entendem a dialética da sexualidade humana, ou seja, acreditam que ela esteja reduzida à relação sexual propriamente dita.

Citamos duas descobertas da indústria farmacêutica que provocaram intensas mudanças nos estilos comportamentais de homens e mulheres, especificamente no tocante à sexualidade: a pílula anticoncepcional feminina e os medicamentos para estimular a função erétil masculina. A primeira dissocia prazer de procriação e a segunda assegura para o(a) idoso(a) o exercício da sexualidade. Ribeiro (2002) aponta alguns fatores que tiveram influência direta nesse processo, elegendo três como os mais importantes. Primeiro, a prática sexual deixou de ter apenas a função de procriação para se tornar fonte de satisfação e realização das pessoas independentemente da idade. Depois, o aumento progressivo de pessoas que chegam a uma idade mais avançada em condições psicofísicas satisfatórias e muito mais dispostas a não renunciar o exercício da sexualidade. Além disso, o aumento da prevalência das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) nos obrigou a repensar a nossa sexualidade, reforçando a necessidade de mais informações e conhecimentos.

Faz-se necessário ponderar o aumento do número de casos notificados de DST em pessoas idosas, em especial do HIV. Ribeiro (1997) e Pottes *et al.* (2007) reafirmam que o problema principal está no imaginário da existência de uma dessexualização nesta fase. Em relação ao aumento da prevalência de casos de DST, como o vírus HIV, nos(as) idosos(as), diversos fatores são responsáveis pelo aumento da incidência entre este grupo:

o aumento da utilização dos medicamentos para controle da impotência sexual, o preconceito com relação à sexualidade na Terceira Idade, insuficiência de ações em saúde para

informação aos idosos sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e também a carência de conhecimento em relação a essa doença são fatores que predisõem esses indivíduos ao risco de contrair ou transmitir as DST (BATISTA *et al.*, 2011, p. 40).

Provavelmente por esta razão são elaboradas poucas campanhas para esse público, ao qual se torna indispensável instituir ações de prevenção de DST e AIDS também para este público. Segundo dados do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), a incidência de AIDS entre a população idosa, por exemplo, praticamente dobrou nos últimos dez anos. O mesmo documento informa que, desde 2008, a prevenção das DST e HIV tem como público prioritário as pessoas de idade superior a 50 anos com o objetivo de orientá-las sobre a importância da informação e prevenção. Percebemos que é necessário repensar os recursos, o investimento, o planejamento e a estratégia voltada para a educação sexual desta parcela da população.

Sousa (2008) nos apresenta que para compreender a sexualidade dos(as) idosos(as) é ainda preciso levar em conta cinco fatores básicos que afetam o comportamento e a sexualidade em qualquer idade, a saber: saúde física, autoestima, situação conjugal, preconceitos sociais e conhecimentos sobre a sexualidade. Estes cinco fatores que contextualizam a sexualidade humana, com o tempo, passam a ‘pesar’ sobre o indivíduo. O caminho da renúncia é então facilitado frente à fragilidade psicofisiológica, que a nosso ver representa um sexto fator específico à população de interesse neste estudo. Ainda acrescentam a esses sete fatores, a perda de privacidade, como por exemplo, viver na casa dos(as) filhos(as) (PATRIOTA e ALMEIDA, 2009).

Defendemos o fato de a velhice ser uma fase tão frutífera como qualquer outra no que se refere à vivência do amor e da prática da sexualidade, apesar de ser considerada como o período do ‘não sentir’, da ‘falta de desejo’, entre outros tantos rótulos impostos pela sociedade (RISMAN, 2005). Nas palavras de Capodieci (2005), as potencialidades de comunicação entre as pessoas mantêm-se inalteradas com o passar do tempo, assim sendo, a sexualidade que faz parte da dialética da existência de cada indivíduo em qualquer idade; se apresenta como um dos aspectos do viver juntos(as) e será sempre uma manifestação rica e vital das relações humanas.

Na última década, tanto a Gerontologia brasileira e quanto às pesquisas internacionais, defendem a legitimação da sexualidade na velhice. Isto porque gerontólogos(as) incluem a sexualidade como um dos pilares do envelhecimento ativo (BRIGUEIRO, 2000).

Sousa (2008) admite que o envelhecimento não é uma etapa constituída apenas de perdas, mas de muitos ganhos. Dentre os tantos proveitos desta fase, cita a aquisição de uma visão mais ampla da existência e mais senso de autoconhecimento e conhecimento sobre o(a) outro(a). Assim,

resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar no amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor, que passam pela ternura, pelos contatos físicos, que erogenizam o corpo, com o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. [...] O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas (SANTOS, 2003, p. 23).

As expressões de afeto, fantasias, o desejo de seduzir e ser seduzido(a) também estão presentes na vida das pessoas mais velhas e não desaparecem com o avanço da idade. Parafraseando Ribeiro (2000), a idade permite às pessoas vivenciarem o sexo em suas sutilezas, com uma linguagem que enriquece, aperfeiçoa e reforça as relações humanas. Viver a sexualidade reflete, independente da idade, a intensidade e a facilidade com que nos entregamos, permitindo-nos completar e sermos completados(as) (PATRIOTA e ALMEIDA, 2009). A sexualidade do(a) idoso(a) deve ser vista a partir dessa atitude e entendida como uma dimensão humana, aberta às múltiplas funções. A mudança deve estar voltada para uma atitude que conduza as pessoas a uma reflexão integral.

3

Educação para a Terceira Idade: um jeito de acrescentar vida aos anos

3.1 Olhar ético-legal e social da educação para a pessoa idosa

A velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e sua própria história, por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence (GIATTI e BARRETO, 2003, p.759).

Acreditamos que existam muitas formas de se destacar o valor de pessoas em processo de envelhecimento de modo mais efetivo, especialmente reconhecendo a importância de suas habilidades para contribuir no dia a dia, compartilhando experiências, dividindo responsabilidades, entre outros. Para tanto, os(as) idosos(as) precisam vencer os muitos desafios impostos pela sociedade e pelo próprio processo do envelhecimento e buscar novos espaços para a realização de atividades produtivas ou prazerosas, que elevem sua autoestima e desenvolvam a sua criatividade.

Isto se torna mais evidente depois de realizarmos um estudo prévio na legislação brasileira e verificamos que ela é comprometida com a busca por mudanças no que se refere à maneira preconceituosa de como o(a) idoso(a) é tratado(a). Percebemos que ela é baseada no objetivo de integrar os indivíduos mais velhos à sociedade.

Cabe-nos então, citar a atual Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no Título VIII – Da Ordem Social, no Capítulo VII – Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso. O documento prevê que

a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1988, Art. 230).

Com o objetivo de assegurar os direitos dos(as) idosos(as) brasileiros(as), criando condições para assegurar-lhes autonomia, integração e participação efetiva na sociedade, a lei 8.842 datada de 4 de janeiro de 1994 (BRASIL, 1994), instaura a Política Nacional do Idoso no Brasil e cria o

Conselho Nacional do Idoso. E para consolidar os direitos já assegurados, em 2003, foi designado o Estatuto do Idoso, referente à Lei n.10.741/2003 (BRASIL, 2005). O documento é composto por 230 artigos que tratam de transporte coletivo, violência, saúde, trabalho, habitação, lazer, cultura, esporte, educação e entidades de atendimento ao(à) idoso(a). Dentre os Artigos que integram este documento tão importante, interessa-nos predominantemente o Título II, Dos Direitos Fundamentais, em seu Capítulo V, Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer.

O Artigo 20 prevê que o(a)idoso(a) “tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2005, p.18). Assim, podemos afirmar que um dos grandes desafios impostos pelas políticas públicas de atendimento aos(às) idosos(as) é a promoção da inclusão por meio da educação enquanto um espaço aberto para questionamentos, decisões, capacitação e diálogo (MEARCE; KATCH e KATCH, 1998). Esta colocação pode ser ilustrada pelas palavras de Oliveira (2012, p. 218),

tão fundamental quanto a cidadania, é o direito pela educação, pois não se alcançará a cidadania sem que haja conhecimento pleno deste direito. Logo, pensar a educação para a Terceira Idade, é pensar mais que uma ocupação para o idoso, é permitir uma ação intensiva e intencional para que este sujeito se perceba, entenda seu entorno social, político e econômico, como também não seja ludibriado ou tenha seus direitos negligenciados.

Especificamente em relação à educação, o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2005) garante que cabe aos Governos criar “[...] oportunidades de acesso ao idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, Art. 21, p.18). Garante ainda que os cursos especiais para esta faixa etária devem incluir conteúdos referentes às técnicas de comunicação e computação, visando mais integração destes indivíduos na sociedade contemporânea. O documento também reconhece a importância da inserção de “[...] conteúdos voltados para o envelhecimento e valorização de idosos e idosas em diversos níveis de ensino formal, com o intuito de banir o preconceito e produzir conhecimentos sobre o processo” (BRASIL, Art. 22, p.19).

O Artigo 25 do Estatuto do Idoso (2005) contempla o incentivo à produção de materiais como livros e periódicos com conteúdo pertinente aos(as) idoso(as) bem como a criação de Universidades Abertas à Terceira Idade, nas quais “[...] as atenções se endereçam para as vivências do idoso, suas aspirações, atividades e seu retorno aos bancos escolares” (GOMES e TERUYA, 2014, p. 109). No entanto, dentro do espaço escolar há ainda a necessidade de formar professore(as) aptos(as) para atender o(a) idoso(a) que quer aprender.

Assim, pautadas na importância do respeito ao(à) idoso(a), reconhecemos suas potencialidades e pregamos a importância de valorizar as pessoas mais velhas também como ativas e capazes. Nas palavras de Paz (2006), envelhecer dignamente é direito de todos(as), sem limite de idade, vendo-se respeitados(as) e não como descartável pelo tempo. O autor reconhece que a legislação brasileira possibilita um grande avanço social já que não garante apenas o direito dos(as) idosos(as), mas também a educação das novas gerações para que estejam mais bem preparadas para entender o processo do envelhecimento. Neste sentido, Demo (2001, p. 96) complementa que

a educação na verdade não opera nenhum milagre, como por vezes se imagina. Se bem conjugada com conhecimento crítico, aprendizagem reconstrutiva política e ética social oferecem elementos pertinentes para possível gestação de sociedades menos perversas.

Consideramos a educação formal e não formal como meio fundamental para conscientização e construção da cidadania e ainda como ponto de partida para a ação reflexiva sobre os processos que envolvem a vida. Palma (2000) confirma que pode soar um pouco estranho, aos ouvidos de algumas pessoas, o tema ‘educação para idosos(as)’, seja ela formal ou não formal. Esse estranhamento pode ser entendido pela ideia ainda dominante da nossa cultura de que ‘educação’ e ‘velhice’ são expressões incompatíveis e que idosos e idosas já estariam fora do processo da aprendizagem, entendido como se tivesse uma data estabelecida e um ritmo previamente demarcado.

Sabemos, graças à Neurociência⁹, que a capacidade de aprender na idade mais avançada não é igual à capacidade de aprender na juventude, mas devemos aceitar a ideia de que os(as) idosos(as) continuam aprendendo de outra forma, com outro ritmo, com outros interesses particulares (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2002).

Baseados nas modificações intelectuais que podem ocorrer com o envelhecimento, especialmente em relação à memória, tem-se a falsa ideia de que há uma completa deterioração das funções cognitivas, perdendo, assim, o idoso a sua capacidade de aprendizagem. Este preconceito tem suas raízes também numa visão ainda hoje deturpada da educação que se destina aos jovens com o objetivo de prepará-los para competir no mercado de trabalho, isto é, para produzir. Por isso, parece tão estranho a figura do idoso ocupando um lugar nas salas de aula, nas oficinas, disputando vagas nas universidades e até mesmo no mercado de trabalho (LOURES *et al.*, 2007, p. 197).

Diante do exposto, percebemos que a educação tem-se constituído, mais do que nunca, em um elemento significativo também para as pessoas idosas. Certamente, ela tem um papel transformador importantíssimo. Loures *et al* (2007) complementam este pensamento postulando que a velhice é apenas uma etapa de vida, e que continuar evoluindo pode e deve ser entendido como continuar aprendendo também. Ressaltamos desta maneira, que todas as idades têm necessidades de diferentes tipos de conhecimentos e, portanto, a educação deveria ser um processo contínuo vivido pelo ser humano. Não nos referimos aqui somente à escola e universidades como estabelecimentos destinados para a formação, mas também às instituições sociais – como, a Igreja, os clubes, os espaços de convivência – já que a sociedade igualmente exerce o papel de transmitir, conservar e aperfeiçoar os valores e conhecimentos adquiridos diariamente.

Muitas pesquisas e trabalhos empíricos (PANAYOTOFF, 1993; BROWNING, 1995; ORDONEZ, BATISTONI & CACHIONI, 2011, traduzidos por nós) reconhecem os inúmeros benefícios proporcionados pela educação sobre a qualidade de vida dos(as) idosos(as), promovidos por iniciativas educativas em suas várias possibilidades. Como exemplo podemos destacar o

⁹ É a ciência que estuda o Sistema Nervoso humano: sua estrutura, seu desenvolvimento, funcionamento, evolução e alterações (GUYTON *et al.*, 2006).

aumento da satisfação com a vida, com melhorias na saúde e habilidades cognitivas entre os(as) participantes; as perdas cognitivas do envelhecimento que podem ser compensadas por ganho de conhecimento; promovem sentimentos de bem-estar; proporcionam relações interpessoais e têm efeito positivo no que se refere à depressão e à satisfação social; proporcionam a oportunidade de obter suporte emocional, informacional e instrumental, que podem auxiliar no enfrentamento dos desafios relativos ao envelhecimento; contribuem ainda para o crescimento pessoal, proporcionam oportunidades de trabalhos na comunidade; favorecem o desenvolvimento da criatividade e da produtividade; criam espaços de socialização e aquisição de novos conhecimentos; contribuem com novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice (PANAYOTOFF, 1993; BROWNING, 1995; ORDONEZ, BATISTONI & CACHIONI, 2011, traduzidos por nós).

Reconhecemos todos estes pontos como elementos essenciais para o envelhecimento bem sucedido e reafirmamos a importância da oferta de oportunidades educacionais a idosos(as), que pode ser justificada pela natureza do potencial compensatório dos declínios ocorridos nesta etapa do ciclo vital, como descrevem Neri e Cachioni (1999). Reforçamos ainda que a participação em atividades educacionais pode favorecer o envolvimento social, o engajamento, o senso da autoeficácia e de bem-estar dos(as) idosos(as).

3.2 Universidade Aberta à Terceira Idade: raízes históricas e significados

O tempo é ambivalente: pode ser benéfico ou prejudicial, de acordo com as condições da pessoa e do meio, se o tempo livre não for preenchido com atividades significativas para a pessoa, pode se tornar uma carga (MORAGAS, 1997, p. 218).

O fenômeno mundial do aumento do número de idosos(as) despertou em várias nações a preocupação das sociedades reconhecerem primeiro a existência destes(as) e com isto, sua importância social e suas necessidades. Surgem então nesta prerrogativa as primeiras iniciativas para a educação dos indivíduos mais velhos.

Com este argumento esboçado anteriormente, cabe citar o conteúdo de um texto publicado, em 1976, por Moody que conceitua quatro modelos de educação para a velhice. O primeiro, e mais pessimista, considera o(a) idoso(a) improdutivo(a) e dependente sem necessidade de investimentos na educação. O segundo descreve os serviços educativos para esta camada da população como um ‘remédio’ e que deve ser ofertado na forma de entretenimento, lazer e contatos sociais. Não existe neste modelo nenhuma preocupação com uma pedagogia específica para os(as) idosos(as), já que na época em que o documento foi escrito se acreditava que ele(a) não mais se desenvolveria cognitivamente. O terceiro modelo preconiza que a educação se define como meio de manutenção das habilidades e das experiências de idosos(as) para que possam participar e interferir nos dilemas da sociedade, por meio de programas educacionais específicos organizados para eles(as) e ainda de acordo com a vontade dos(as) mesmos(as). Já o quarto modelo fundamenta-se na ideia de autorrealização e de educação permanente, com o reconhecimento dos valores, direitos e oportunidades dos(as) idosos(as) (MOODY, 1976).

Os dois últimos modelos têm para nós significância, já que fundamentam a educação para o envelhecimento. De tal modo, com a leitura do presente trabalho, percebemos que o projeto de um currículo específico para as pessoas idosas deva contemplar atividades que estimulem a sua autonomia, responsabilidade social e integração na sociedade, levando em conta a sua realidade, suas limitações, seus interesses.

Este desejo não é uma meta tão recente. Cachioni (2012) descreve que depois da Segunda Guerra Mundial, em 1968, foram criadas as “Universidades do Tempo Livre”, idealizadas e construídas na França. Estas instituições tinham por finalidade além da alfabetização de adultos(as) transmitir informações sobre saúde, religião, política e trabalho com a intenção de ocupar o tempo livre dos(as) aposentados(as) e favorecer relações sociais entre eles(as).

No pós-guerra, percebemos uma valorização das teorias humanistas e preocupação social. Tal preocupação passa a ser mais valorizada e isto pode ser exemplificado pela criação na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, a “Université du Troisième Âge (UTA)” – Universidade da Terceira

Idade – por Pierre Vellas, especialista em Direito Institucional, em 1973 (CACHIONI, 2012).

O professor pesquisou sobre velhice em outros países, conheceu tudo o que pôde sobre políticas internacionais para os velhos. Visitou hospícios, asilos e pensões de aposentados. Verificou que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes. Tirar os idosos do isolamento, propiciar-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificar sua imagem perante a sociedade, foram os objetivos desse primeiro programa. As estratégias que embasaram a definição das atividades foi traçada a partir da história e dos dramas pessoais dos estudantes. Os problemas de alguns eram amostras de uma realidade generalizada: solidão, isolamento, depressão, problemas de saúde (CACHIONI, 2012, p.101).

Cachioni (1999) explica que a verdadeira intenção do professor Vellas era abrir a universidade a todos(as) os(as) idosos(as), sem exceção, para oferecer-lhes atividades artísticas, intelectuais e físicas. Entretanto conseguiu extrapolar este desejo, alcançando o feito do programa “Universidade da Terceira Idade” (UTI) ultrapassar as fronteiras da França com contribuições em pesquisas para a melhoria da qualidade dos(as) idosos(as) e com uma metodologia própria de estímulo para reflexões, consciência crítica e o exercício da cidadania.

Liberato (1996) e também Cachioni (1999), contaram que outras Instituições no mundo também implantaram o Programa UTI. Primeiro em 1975, a Polônia com a criação da Universidade da Terceira Idade de Varsóvia e a Suíça, em Genebra, inaugura a “Fondation de L’Université Du 3^a Âge”. No mesmo ano, o Programa se expandiu para universidades dos Estados Unidos, da Itália, da Espanha e do Canadá. Em 1976 foi vez do Japão. No ano de 1977, a Áustria implanta a Associação Austríaca de Cursos Universitários que organizou diversos cursos na área gerontológica em Viena, Gratz e Salsburg. O ano de 1979 foi marcado pela implantação do programa por universidades da Inglaterra, de Israel, de Jerusalém. A ex-União Soviética criou as Universidades de Saúde e de Longevidade e a Alemanha, universidades que ofereciam cursos para aposentados(as). Em 1987, na Suíça mais precisamente a Universidade de Zurique, inaugura a Universidade para Idosos(as) (CACHIONI, 1999).

Por fim, na década de 80, esta ideia chega à América Latina, começando pelo Uruguai, Argentina, México e finalmente, Brasil. Na América Latina, o Programa é acessível para todos(as) os(as) idosos(as) sem limite de idade e nível escolar, como nos apresenta Bayley (1994).

O modelo francês predominante na Espanha, Alemanha, Suíça, França, Bélgica, Polônia, Portugal, Japão, Suécia e Argentina, conserva os princípios do sistema tradicional acadêmico, garantindo, para Herberstreit (2006), acesso a diferentes cursos universitários, aulas, grupos de estudos, oficinas de trabalhos, excursões e programas de saúde. O autor ainda nos informa que os ajustes na metodologia ou nos cursos são feitos de acordo com as necessidades, diferenças e grau de autonomia de quem frequenta estes cursos para idosos(as).

O modelo britânico proposto pelos professores Peter Laslett e Michael Young, em 1981, na Universidade de Cambridge, defende que a formação e as experiências ao longo da vida constituem uma gama de conhecimentos importantes para serem compartilhados com indivíduos da mesma idade e também com outras gerações. Este modelo é bem aceito e predominante na Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia (HERBERSTREIT, 2006).

Herberstreit (2006) ainda nos mostra que com a intenção de atender as necessidades e a heterogeneidade da população idosa, algumas regiões optam por características dos modelos britânico e francês. Neri (2008) complementa a ideia assegurando que esta mistura atende bem diferentes contextos locais e institucionais. Segundo ela é o que acontece ainda nos dias atuais nos Estados Unidos, Brasil, Canadá, Itália, China e Finlândia.

Em 1975, com o reconhecimento e a expansão mundial do projeto proposto por Pierre Vellas, foi fundada a Association Internationale des Universités du Troisième Âge – AIUTA. Esta Associação é integrada por instituições universitárias, de todas as partes do mundo, com o mesmo objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida dos(as) idosos(as) (SWINDELL e THOMPSON, 1995, traduzido por nós). Em 1981, já existiam mais de 170 instituições associadas à AIUTA e, no ano de 1999, mais de cinco mil instituições conforme descrevem os estudos de Cachioni (2012).

Fundamentadas no diálogo igualitário, na inteligência cultural, na capacitação com a intenção de propor mudanças e garantir solidariedade, a

Universidade Aberta à Terceira Idade é um modelo de atenção baseado na diversidade e na equidade cuja premissa básica é o fato de todos(as) terem o mesmo direito de aprender o que deseja e o que necessite em busca de uma melhoria na qualidade de vida (MARTUCCI; PURQUÉRIO, 2005).

Acreditamos que estas instituições difundidas em todos os Continentes têm oferecido condições, para pessoas com mais de 60 anos de idade, de cuidar, de forma equilibrada, autônoma e produtiva, do cotidiano de suas vidas bem como dos seus valores éticos, políticos, sociais e culturais. Proposições que vão muito além das expectativas do professor Vellas, citadas por Cachioni (1999), ao propor este tipo de instituição que como já dito anteriormente, era da simples busca de preenchimento do 'ócio' ou ainda de ocupar o tempo vago dessas pessoas.

Falando um pouco da realidade da realidade das Universidades Abertas à Terceira Idade brasileiras, devemos referenciar o pioneirismo do Serviço Social do Comércio (SESC) com os primeiros 'Grupos de Convivência' e posteriormente com as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade, como explica Cachioni (2012, p.102), que

nas décadas de 1960 e 1970, foram criados os primeiros programas com cunho educativo para os mais velhos. O SESC liderou este trabalho, que posteriormente, com a internacionalização da gerontologia, encontrou solo fértil nas universidades brasileiras. Nesse mesmo período, importamos e incorporamos a expressão *Terceira Idade*, presença predominante na denominação de grupos, centros e programas nacionais para pessoas idosas.

Em 1982, foi fundado na Universidade Federal de Santa Catarina, o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) que implementou a realização de estudos e a divulgação de conhecimentos gerontológicos (GUEDES e VAHL, 1992).

Os estudos de Cavalcante (1989) apontam que no ano de 1988, foi fundada pela Universidade Estadual do Ceará, a Universidade Sem Fronteiras, que propôs várias atividades de extensão como a formação de grupos de pessoas idosas, apoio docente e cursos especiais para idosos(as), cursos e seminários sobre idosos(as).

Ainda no final da década de 80, Veras e Camargo (1995) apresentam que foi criado um grupo, com profissionais de diversas áreas do conhecimento, interessado em questões relacionadas ao envelhecimento na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, denominado Núcleo de Assistência ao Idoso (NAI).

Em 1990, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/CAMPINAS), institui a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI). Este Programa, muito próximo da proposta francesa, marcou a evolução da Gerontologia educacional no Brasil, já que foi responsável pela pulverização de Programas voltados para idosos(as) em vários Estados brasileiros como São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco, Goiás, Maranhão, Rio Grande do Sul, Distrito Federal e Paraná (CACHIONI, 2001, LACERDA, 2009). Outra informação importante sobre a UNATI da PUC/Campinas foi o fato deste ter sido o primeiro Programa a ser divulgado na mídia em caráter nacional, possibilitando um grande incremento de instituições congêneres em todo país (LACERDA, 2009).

No Brasil, as UNATI podem ser encontradas com variadas denominações:

Universidade Aberta à Terceira Idade; Universidade para a Terceira Idade; Universidade com a Terceira Idade; Universidade na idade Adulta; Universidade Alternativa; Universidade sem Limites; Universidade sem Fronteiras; Programa da Terceira Idade; Faculdade da Terceira Idade; Faculdade de Atuação Permanente; Núcleo de Estudo e Pesquisa ou Núcleo Integrado de Apoio a Terceira Idade; Centro Regional de Estudos e Atividades da Terceira Idade; Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade; Programa de Participação Permanente; Projeto Sênior; Atividade Física para a Terceira Idade; Curso de Extensão para a Terceira Idade; Grupo de Convivência; Grupo de Trabalho da Terceira Idade; Encontros para a Terceira Idade; Educação Continuada e Terceira Idade (CACHIONI, 2012, p.52).

Na concepção de Taam (2009, p. 46), as UNATI não se diferenciam somente nas denominações, mas também em outros pontos como: horários, formas de ingresso, pré-requisitos para participação, atividades, cursos oferecidos e organizações, mas todas de formas diferentes, “[...] contribuem para que o idoso seja autor e ator principal de sua própria vida”.

Além disso, todos esses Programas compartilham de propósitos como

o de rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice; promover a autoestima e o resgate da cidadania; incentivar a autonomia, a integração social e a autoexpressão, e promover uma velhice bem-sucedida em indivíduos e grupos, essas instituições hoje se espalham por todo o país (CACHIONI, 2012, p. 38).

Assim, compreendemos que as propostas e discursos estão preocupados com a qualidade de vida, a promoção da saúde, a manutenção da autonomia e a inserção social do idoso; outro ponto em comum é a oferta de oportunidades educacionais e culturais que possibilitem e promovam o desenvolvimento pessoal e coletivo dos idosos (CACHIONI, 2012).

Lacerda (2009) afirma que, na atualidade, as instituições de ensino superior particulares são as maiores investidoras nas UNATI, seguidas das estaduais e federais. A influência exercida pelo modelo francês pode ser evidenciada pelo vínculo com instituições de ensino formal bem como exigências em termos de assiduidade e horários. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que muitos ajustes são realizados nos moldes britânicos, já relatados, para melhor adequar as atividades oferecidas à realidade dos(as) frequentadores(as).

No ano de 2009, nosso país contava com 100 Universidades Abertas à Terceira Idade. Atualmente existem 156 unidades espalhadas pelo Brasil. Especificamente no Paraná, o programa é desenvolvido na Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), nos campi Irati e Santa Cruz, em Guarapuava; na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual de Maringá (UEM) e na Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE) (PARANÁ, 2011).

3.3 UNATI/UEM: Educação permanente, não formal, como instrumento para valorização e reconhecimento do(a) idoso(a)

Por meio dos espaços que conseguirmos, da forma como for possível, temos que oferecer oportunidades educacionais que ampliem o exercício da cidadania e façam com que os olhos cansados, mas ainda curiosos, dos que envelheceram possam olhar mais longe e mais alto (TAAM, 2009, p. 51).

A Universidade Estadual de Maringá foi criada no ano de 1970 pelo Decreto Estadual nº 18.109 de 28/01/1970, sob a forma de fundação de direito público, a Fundação Universidade Estadual de Maringá (FUEM). A referida Instituição foi reconhecida em 11/05/1976, pelo Governo Federal (Decreto nº 77.583) e tornou-se autarquia pela Lei Estadual nº 9.663 de 16/07/1991.

A constituição da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá (UNATI/UEM) teve como marco inicial o dia 28 de setembro de 2007, data em que o Reitor Prof. Décio Sperandio

considerando a necessidade de um projeto de inclusão social para pessoas idosas, resolve instituir um grupo de trabalho, composto por representantes de dez departamentos da UEM, para analisar as condições necessárias à criação de uma Universidade Aberta à Terceira Idade (STIELTJES; TAAM, 2011, p. 141).

Este ‘pré-projeto’ de atendimento a esta parcela da população de Maringá e cidades vizinhas oferecia cursos nas áreas de Educação para a saúde, Arte e Cultura, Conhecimentos Sobre a Terceira Idade, Línguas Estrangeiras, Informática e Atividades Físicas (STIELTJES; TAAM, 2011).

Stieltjes e Taam (2011) descrevem que a UNATI/UEM, idealizada pelo Professor Décio Sperandio, foi oficialmente criada em 14 de dezembro de 2009, como um órgão suplementar da Reitoria, o que permitiu uma presença mais sólida e significativa tanto no aspecto pedagógico quanto político, possibilitando a atuação no tripé que fundamenta as Universidades: o ensino, a pesquisa e a extensão.

A aula inaugural aconteceu no dia 7 de março do ano de 2010. Na ocasião foram oferecidas 340 vagas em 54 cursos ou atividades diferentes nas áreas de educação para a Saúde, Arte e Cultura, conhecimentos sobre Terceira Idade, línguas estrangeiras, informática, oficinas de teatro, além de atividades físicas como dança e hidroginástica, ministrados por 44 professores(as) efetivos(as) da Universidade Estadual de Maringá (STIELTJES; TAAM, 2011)..

Atualmente, a UNATI/UEM atende 400 alunos(as) com idade igual ou superior a 60 anos de idade, ofertando 40 cursos gratuitos divididos e organizados em 6 eixos temáticos, a saber: “Arte e Cultura”; “Processos e

Procedimentos Comunicativos”; “Saúde Física e Mental”, “Meio físico e Social”; “Direito e Cidadania” e “Humanidades”. Eles são oferecidos em cinco dias da semana (UEM, 2014).

Os cursos são oferecidos em quatro dias da semana, nos turnos da manhã e da tarde; a carga horária varia de acordo com a natureza do curso e o conteúdo programático: 17h, 34h, 68h ou 102h. As aulas são ministradas por professores da UEM e computadas em suas atribuições de ensino. As sextas feiras são reservadas para palestras, minicursos, reunião de grupos de pesquisa etc. O aluno da UNATI escolhe os cursos que deseja fazer (não ultrapassando o limite de quatro cursos por semestre). O número de vagas é definido pelo docente responsável pelo curso (STIELTJES; TAAM, 2011, p.151).

Os cursos não têm cunho profissionalizante, então o(a) aluno(a) tem liberdade para escolher as atividades de ensino, de acordo com suas preferências. Além disso, todo o material necessário como livros, textos, materiais de pintura e desenho, entre outros, é disponibilizado gratuitamente, conforme relatam Stieltjes e Taam (2011). Os autores ainda salientam que “[...] na UNATI/UEM nada é cobrado do(a) aluno(a); fazê-lo seria reproduzir o longo e doloroso processo de exclusão vivido por muitos dos alunos (p. 151)”.

Com a intenção de uma melhor apresentação da referida instituição, citamos os seus objetivos listados no texto “A UNATI da UEM: Educação e Política” do professor Claudio Stieltjes e da professora Regina Taam (2011): possibilitar às pessoas idosas o acesso à Universidade, como meio de ampliação do espaço cultural, pelo oferecimento de cursos e atividades que propiciem a atualização de conhecimentos, tanto gerais como específicos, aos interesses deste segmento; estimular a participação da população idosa nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturais da sua comunidade; proporcionar informações que permitam a reflexão sobre o processo de envelhecimento; proporcionar espaço de convivência e troca de experiências; possibilitar ao idoso acesso a programas, serviços e recursos que atendam a seus interesses e necessidades, nas diversas unidades universitárias; tirar os idosos do isolamento, proporcionando-lhes saúde, energia e interesse pela vida e modificando sua imagem perante a sociedade.

As turmas da UNATI/UEM são marcadas pela diversidade de nível de escolaridade, nível socioeconômico, de idade, de experiências de vida, de

capacidades fisiológicas e condições físicas e de hábitos diários. Fazendo uso das palavras de Stieltjes e Taam (2011), na UNATI/UEM existe subjetividade. Os(As) autores(as) complementam que os(as) alunos(as) são bastante críticos(as) em relação aos ensinamentos recebidos, perguntando e comentando. Esta interação proporciona uma compreensão entre alunos(as) e professores(as) não apenas em relação aos conteúdos das disciplinas, “[...] mas em relação à sua realidade, complexa, surpreendente, desconcertante, sempre a desafiadora” (STIELTJES; TAAM, 2011, p. 154).

Deste modo, defendendo a ideia de que nunca é tarde para aprender, a UNATI/UEM proporciona a oportunidade para idosos e idosas redescobrirem formas de viver, adequando sua metodologia de ensino e conteúdos na transdisciplinariedade, ou seja, integrando diferentes campos do saber.

Sonhamos a UNATI que queríamos, lutamos por ela e fizemos do nosso sonho o sonho de muitos companheiros da academia [...] a UNATI/UEM passa a fazer parte da vida da universidade, apresentando-se como educação permanente. [...] Professores e coordenadores sabem que atuam com pessoas que trazem marcas de uma longa existência, onde valores e crenças foram construídos e algumas vezes destruídos (STIELTJES; TAAM, 2011, p.151).

Entendemos que a educação permanente, não formal, é um instrumento eficiente para valorização e para o reconhecimento do(a) idoso(a) como indivíduo participativo e merecedor de atendimento com qualidade em todos os seguimentos sociais.

Neste sentido, é necessário contextualizarmos o termo “Educação Permanente” idealizado em 1972, pela UNESCO no Relatório “Aprender a ser”. (FAURE, 1972). O Relatório Faure (1972), como também é denominado, lança as bases da ‘educação ao longo de toda a vida’, ampliando a compreensão da educação formal tradicionalmente conhecida e apresentando conceitos de educação global (dentro e fora da escola) e educação permanente ao longo de toda a existência. Ele parte do princípio de que

uma educação para formar o homem[mulher] completo, cujo advento se torna mais necessário à medida que coações sempre mais duras separam e atomizam cada ser, terá de ser global e permanente. Trata-se de não mais adquirir, de maneira exata, conhecimentos definitivos, mas de se preparar para

elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução e de “aprender a ser” (FAURE, 1972, p. 10).

A educação ganha então uma concepção nova. Ela passa a ser concebida como ‘um processo do ser’. Assim é reconhecido que o indivíduo pode também aprender com as experiências acumuladas. Desta forma, a educação

[...] tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade de situações e das circunstâncias da existência. Retoma a verdadeira natureza, que é ser global e permanente, e ultrapassa os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos (FAURE, 1972, p. 225).

Seguindo esta ideia, a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, sob a coordenação de Jacques Delors (1998) “Educação um tesouro a descobrir”, proposto pela a UNESCO, também considera esta forma de educação com a perspectiva da educação permanente mais ampla e atual. Isto é justificado pelo fato da educação ocupar cada vez mais espaço na vida das pessoas o que pode pela evolução do mundo e da sociedade, exigindo uma atualização contínua dos conhecimentos, visto que “[...] uns saberes penetram e enriquecem os outros” (DELORS, 1998, p. 104).

A educação permanente divulgada no texto tem como princípio

fazer com que cada indivíduo saiba conduzir seu destino [...] a educação ao longo de toda a vida torna-se assim, para nós, o meio de chegar a um equilíbrio mais perfeito entre trabalho e aprendizagem bem como ao exercício de uma cidadania ativa (DELORS, 1998, p. 105).

Nesta perspectiva de educação permanente unida ao fato da Universidade ser o espaço por excelência da busca por conhecimentos, pesquisa e democratização do saber, defendemos a ideia do ambiente universitário também ter espaço para o(a) idoso(a). A partir do momento que ele(a) se insere na comunidade acadêmica, acontece a interação intergeracional, fomentando debates sobre questões relativas ao envelhecimento e demonstrando que preconceito e discriminação sustentados socialmente e culturalmente não possuem nenhuma fundamentação científica.

A educação surge como ferramenta para que aconteça o fortalecimento da autoestima, integração social e valorização das relações entre diferentes gerações dentro do ambiente acadêmico, espaço caracterizado por estar repleto de jovens, por ser gerador de novos conhecimentos (VELLAS, 2009).

Acreditamos que a procura pela Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Maringá, atualmente, pode ser explicada por representar a oportunidade da participação social em atividades compatíveis com suas reais capacidades, sem constrangimento ou vergonha. Mearce, Katch e Katch (1998) garantem que a estimulação do entusiasmo das pessoas mais velhas, o satisfazer de suas necessidades e, muito particularmente, de outras novas aptidões, que são atividades propostas por estes Programas, vão ao encontro do desenvolvimento pessoal.

Martins de Sá (1992) também explica que a participação nas UNATI implica uma participação efetiva na sociedade. A autora ainda assegura que estas instituições com abordagens multidisciplinar priorizam o processo de valorização da Terceira Idade, analisando constantemente os diversos aspectos biopsicológicos, político, espiritual e sociocultural, como finalidade para integrar esses cidadãos ao cotidiano, tornando-os mais ativos, alegres e participativos.

3.4 Educação sexual para a Terceira Idade no contexto da UNATI/UEM

Finalidade primária da Educação Sexual: Não é a de “ensinar” muita coisa, mas de permitir que se pense sobre o tema (GAIARSA, 1986, p.32).

Os estudos de Feriancic (2003) salientam que dentre os temas abordados nos grupos de Terceira Idade, aqueles relacionados à sexualidade, desperta bastante interesse por estas pessoas. Neste aspecto, o autor ressalta a necessidade de construir projetos que incluam o tema da sexualidade na Terceira Idade e que forneçam ferramentas para auxiliá-los(as) a refletir, conhecer e entender melhor a sua sexualidade.

Apesar disto, Vieira (2012) explica que quando estes assuntos são abordados, eles são tratados negativamente com predomínio das perspectivas

médicas ou psicológicas centradas em questões patológicas e perdas fisiológicas, desprezando assuntos de interesse e da realidade dessas pessoas. Em relação às pesquisas e estudos sobre o processo do envelhecimento, percebemos que os grupos acadêmicos e a comunidade científica apresentam interesse significativo mais sobre as condições de vida do(a) idoso(a) devido ao aumento da expectativa de vida do ser humano, esquecendo-se da sexualidade nesta fase da vida. A abordagem científica em relação à sexualidade na Terceira Idade é limitada (RISMAN, 2005). Figueiró (2009, p.141) nos aponta algumas razões para isto ainda acontecer nos dias atuais.

Além do despreparo, todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com ideias de promiscuidade e de imoralidade. Neste contexto de formação cultural, acabamos carregando conosco uma gama de tabus, preconceitos e sentimentos, muitas vezes, negativos, em relação ao sexo, o que acentua nossa dificuldade em falar abertamente sobre ele.

Precisamos também nos atentar para os resultados de Patriota e Almeida. Segundo as autoras, a procura dos(as) idosos(as) por uma vivência da sua sexualidade de forma satisfatória tem se demonstrado bem favorável na última década. A busca por mais informações sobre assuntos relacionados à sexualidade e pelo acesso ao atendimento médico e/ou psicossocial capaz de atender possíveis problemas relacionados com a questão sexual não somente ligados à patologia, torna-se cada vez mais frequente entre o Grupo da Terceira Idade.

Neste sentido, partimos dos ensinamentos de Freire (2014) sobre a função da educação como elo para libertar homens e mulheres de sua alienação, possibilitando-lhes uma transformação crítica e criativa. Maio (2011, p.200) nos alerta para a urgência e a necessidade do debate sobre temas relacionados à sexualidade humana no ambiente escolar e recomenda “[...] que não seja desvinculado de aspectos culturais, sociais, históricos e pedagógicos”.

Ribeiro (1990, p.2) explica que a

educação sexual refere-se aos processos culturais contínuos, desde o nascimento, que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade. Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com amigos, pela televisão, pelos jornais, pelas revistas.

Maio (2011) complementa esta ideia afirmando que a 'Educação Sexual' prestada pela família, escola, meios de comunicação, são caracterizadas pela repressão e omissão e não é caracterizada por um diálogo humanista. Oliveira e Maio (2012) descrevem que na atualidade muitos(as) pesquisadores(as) são reconhecidos(as) pelo trabalho que realizam acerca da educação sexual, discutindo sobre a implantação de projetos e programas que discutam de forma emancipatória assuntos como gênero, diversidade sexual e sexualidade, uma vez que são temas imprescindíveis na escola. Dentre esses pesquisadores(as), podemos citar Maia e Ribeiro (2011), Maio (2011), Figueiró (2009), Werebe (1998), Xavier Filha (2012). Atentamos para o fato de que esses temas descritos anteriormente, apesar de serem tidos como corriqueiros na realidade da sociedade em que vivemos, são tratados muitas vezes de maneira equivocada, e ainda mais, quando consideramos como público ouvinte os(as) idosos(as).

Quanto às práticas escolares, Maia e Ribeiro (p. 76, 2011) comentam que

quando chega à escola, cada pessoa já carrega consigo os valores sexuais transmitidos pela cultura e sua concepção de sexualidade foi influenciada pela família e pelo grupo social do qual faz parte. Assim, a educação sexual escolar precisa não apenas orientar, ensinar, informar, mas também discutir, refletir e questionar esses valores e concepções de maneira a possibilitar que cada indivíduo tenha uma compreensão dos referenciais culturais, históricos e éticos que fundamentam sua visão de sexualidade e sua prática sexual.

Resgatamos com este trecho a importância que tem as instituições de ensino em estimular a criticidade de aprendentes independente de sua idade. Nesse sentido, Maio (2011, p.182) apresenta que uma proposta de educação sexual “[...] adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o

objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade”.

Acreditamos que com o novo perfil do(a) idoso(a) brasileiro(a) e a representação da sexualidade cada vez mais presente neste grupo, surge a necessidade de uma nova mentalidade social e política voltada para a educação sexual na Terceira Idade, até então voltada somente para o público jovem.

Ribeiro (2002) chama a atenção sobre o papel das práticas escolares relacionadas à sexualidade na velhice como ferramenta fundamental na construção sociocultural.

Por conseguinte, Zamboni (2010) salienta ser necessário propor um processo de educação sexual direcionado para as pessoas que estão nesta faixa etária, a fim de (re)educá-las, proporcionando-lhes bem-estar, qualidade de vida e autoconhecimento. Posto isto, Maia e Ribeiro (2011) salientam que a educação sexual deve oferecer elementos para o(a) educando(a) de qualquer idade ser o sujeito da educação conhecendo o seu próprio corpo, aceitando-o como ele é, seu funcionamento e suas exigências. No entanto, os mesmos autores complementam que

deve ser um processo intencional, planejado e organizado que vise proporcionar ao aluno uma formação que envolva conhecimento, reflexão e questionamento; mudança de atitudes, concepções e valores; produção e desenvolvimento de uma cidadania ativa; e instrumentalização para o combate à homofobia e à discriminação de gênero (MAIA; RIBEIRO, p. 77, 2011).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), existe a proposta de se ensinar educação sexual nas escolas como um tema transversal, ou seja, como um assunto ministrado no interior das várias áreas de conhecimento. No documento, a educação sexual está didaticamente dividida em três blocos, a saber: corpo, matriz da sexualidade; relações de gênero e prevenção às DST (FIGUEIRÓ, 2009). Acreditamos que temas em educação sexual podem ser inseridos na realidade da UNATI, para acrescentar informações relevantes para aqueles(as) idosos(as) que a frequentam.

Werebe (1981) propõe duas maneiras de trabalho com temas em educação sexual: a formal, que significa a ensinar ‘dentro da programação’, fazendo planejamento prévio e a informal, que corresponde à ‘extraprogramação’, isto é, aproveitar, de forma espontânea, um fato, uma pergunta, uma situação ocorrida e, ensinar a partir daí. Aqui, vale também comentar a opinião de Maia e Ribeiro (2011) que o planejamento de um trabalho efetivo de Educação Sexual deve ultrapassar o sentido biológico, orgânico e profilático, abordar a sexualidade também como uma questão social, cultural e política.

Entendemos ser relevante apresentar também as ideias de Figueiró (2009, p.150) acerca de estratégias de ensino de temas em educação sexual.

Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; para educar sexualmente é preciso saber ouvir; o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Assim, percebemos a importância de se estimular a espontaneidade do grupo em questão, ouvir as dúvidas e o conhecimento pré-existente sobre determinado tema antes de aprofundar. Ronca e Escobar (1984) defendem a ideia de que o(a) aluno(a) deve ser envolvido(a) sempre, seja por perguntas lançadas, seja por exemplos e pela possibilidade de participação com suas opiniões, dúvidas e expressão de sentimentos.

Seguindo esta ideia, Fávero (1992) nos ensina que é papel da Universidade proporcionar o encontro de várias culturas e diferentes pontos de vista. Mas para que isto aconteça, é necessária a disseminação efetiva do saber e, conseqüentemente, a socialização dos conhecimentos por meio de reflexões acerca da realidade social, cultural e política em que vivemos. Transpomos esta afirmação para a realidade da Universidade Aberta à Terceira Idade fazendo uso das palavras de Oliveira e Maio (2012) que afirmam a necessidade da universidade contribuir para a formação de sujeitos capazes de

produzir novos conhecimentos adequados para a mudança da realidade, sejam estes jovens, adultos(as) ou idosos(as).

Educação Sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre sexualidade, no espaço da escola, não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude de educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e pode ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer (FIGUEIRÓ, 2009, p. 163).

Discutir a sexualidade em grupo idoso pode ser constrangedor devido à ausência de um diálogo franco e aberto sobre o tema que essas pessoas conheceram ao longo da vida, mas é certamente desafiador e necessário para muitos que anseiam por um espaço onde possam tirar dúvidas e refletirem sobre sua própria sexualidade (ASSIS, 2002).

4

***Eu falo, ela comenta, ele
complementa, nós
entendemos melhor:
abordagem
metodológica***

4.1 (Des)caminhos percorridos nesta investigação

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição do conhecimento e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (FOUCAULT, 1998, p.13).

Para definirmos como ocorreu o desenvolvimento deste trabalho, faremos uso de uma metáfora¹⁰ que neste caso, representa muito bem as características envolvidas no planejamento e realização desta pesquisa científica: uma viagem.

Quando decidimos fazer uma viagem, primeiramente precisamos definir nosso destino, para aonde vamos. O próximo passo é então decidir como chegar até lá.

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma aproximação do conhecimento que são, aí, sim, bastante pessoais (DUARTE, 2002, p. 140).

Aranha e Martins (1993, p.154) descrevem a definição etimológica da palavra ‘método’ de acordo com a metáfora que propomos anteriormente: “*método* vem de meta, ‘ao longo de’, e *hódos*, ‘via, caminho’. É a ordem que se segue [...] no estudo feito por uma ciência, ou para alcançar um fim determinado”.

Assim, temos o desafio de, partindo de um ponto determinado por nossa experiência pessoal e profissional, por nossos pressupostos teóricos, epistemológicos, ontológicos e éticos, alcançar as nossas metas propostas para este trabalho. Para isto ser possível, temos disponíveis ferramentas, ou referências que podem ser exemplificadas por teorias, métodos, ideias, conhecimentos, técnicas, que viabilizam nossa atividade enquanto pesquisadores (WORTMANN, 2005). Deste modo, precisamos delinear: a) De

¹⁰ Metáforas, para Severino (2007), são figuras de linguagem utilizadas em textos literários que caracterizam comparações no sentido figurado.

onde partiremos? (Pressupostos ontológicos, epistemológicos, teóricos e compromissos éticos); b) Onde queremos chegar? (Objetivos); c) Quais caminhos percorreremos para chegar ao destino? (Método).

Escolhemos nos referir a (des)caminhos, para concordar com Foucault (1998, p.13), “[...] existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.” Acreditamos desta forma, que a pesquisa científica surge sempre de uma preocupação, insatisfação ou inquietação com respostas que já temos, com explicações das quais duvidamos, de desconfortos.

Em primeiro lugar falo de sentimentos. Para além das exigências cartoriais, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já-sabido. Pode parecer pouca coisa, uma banalidade, algo de menos-valia, atribuir um sentimento o mote para que se investigue, mas não o é. Simplesmente, porque se alguém está satisfeito(a) com o que está dado, com as formas como avalia, julga, categoriza, pensa determinado aspecto da realidade, vai passar tanto trabalho para investigar o quê e para quê? Além disso, para alguém sentir e aceitar que está insatisfeito(a) é necessário que, em outra esfera que não a dos dados ditos empíricos, sua experiência de pensamento engaje-se na criação de uma nova política das verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentidos há sentidos (CORAZZA, 2002, p.111).

A autora ainda se refere ao fato de uma pesquisa ser uma maneira própria de se pensar, de se sentir, de desejar, de amar, de fazer amigos(as), de questionar, de ficar ou não satisfeito(a), enfim, uma pesquisa está implícita no mais íntimo do(a) pesquisador(a).

Na tentativa de reduzir os desconfortos, posicionamos este estudo de campo em uma abordagem qualitativa centrada nos Estudos Culturais na perspectiva Pós-Estruturalista de Michel Foucault (1985, 1987, 1998, 1999, 2001, 2004 e 2009), realizando grupos focais e entrevistas semiestruturadas.

Os Estudos Culturais surgem em meados da década de 1950 no contexto britânico junto com movimentos teóricos e políticos. No plano teórico, rompem com a ideia de disciplina e não se configuram como tal, mas como uma área que propõe a

interação de diferentes disciplinas. Diferente do objeto estudado no campo da antropologia, eles analisam os aspectos culturais da sociedade contemporânea. Tratasse de um campo onde convergem preocupações e métodos para entender fenômenos que não são compreensíveis nas disciplinas existentes (TERUYA, 2009, p. 152).

Desta maneira, os Estudos Culturais possibilitam discussões que favorecem a criticidade, considerando elementos como a cultura e as representações sociais.

[...] é sempre a partir de mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferenças culturais que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido. Mesmo aquelas cuja linguagem ou estrutura de significação escapam aos padrões convencionais que retratam hábitos e práticas distintos daqueles com os quais estamos familiarizados podem ser bem assimilados e compreendidos por nós, pois nosso entendimento é permanentemente mediado por normas e valores da nossa cultura e pela experiência que temos com outras formas de narrativas (DUARTE, 2002, p. 81-82).

Buscamos então construir um percurso metodológico que viabilizasse a reflexão e a construção de um novo olhar sobre questões relacionadas à sexualidade de idosos(as) e à educação sexual para esta população. Em outras palavras, conforme Corazza (2002) propõe, tentamos construir um olhar científico, curioso, indagador e criativo sobre a temática em questão.

E por que Foucault? Esta resposta pode ser baseada no livro “Por que Foucault? Novas diretrizes para pesquisa educacional” de Michael Peters e Tina Besley (2008) que demonstra muitas contribuições do referido autor para a área da Educação. Estes estudos mostram sob o olhar de Foucault, que a própria cultura dita diferentes maneiras de agir e de pensar, e que estas constituem os sujeitos, assim, precisam ser repensadas, aprendidas, e ensinadas. Nesse contexto, citamos o próprio Foucault (2004, p. 11) que nos ensina o fato de toda aprendizagem pressupor e demandar necessariamente desaprendizagens, que estão relacionadas ao modo de vida em sociedade e/ou à cultura. Isto é cuidar de si mesmo(a), ou seja, uma maneira de “[...] encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro”.

Para atingirmos os objetivos propostos neste trabalho, vários procedimentos foram necessários. Assim, o trajeto metodológico que fizemos pode ser compreendido como um processo “[...] de pensamento orientado em uma certa direção de procedimentos de intervenção utilizados pelo(a) pesquisador(a) em sua interação com o fenômeno investigado, o que conduz à construção de novos conhecimentos” (BRANCO & VALSINER, 1997, p. 39). Então, como pretendemos chegar ao nosso objetivo? Ou de forma metafórica, que caminhos foram percorridos para chegar ao nosso destino?

Primeiramente foi necessária uma vasta pesquisa bibliográfica para verificarmos os materiais científicos disponíveis sobre os temas abordados na presente dissertação, ou seja, envelhecimento, sexualidade na Terceira Idade e educação sexual para a Terceira Idade. Os estudos de Severino (2007, p. 122) propõem que esta pesquisa bibliográfica seja “[...] aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, artigos, livros, dissertações, teses etc.” Foram estes estudos anteriormente realizados que nos incitaram e nos embasaram para as análises dos dados obtidos empiricamente, isto é, dos depoimentos obtidos com as entrevistas e grupos focais sobre as representações de idosos e idosas afetas à sexualidade, envelhecimento e educação sexual.

Relacionando tudo isto às contribuições de Deleuze (1992) que explicitam o fato de cada pesquisa representar uma linguagem, um discurso que carrega marcas históricas que constituem a realidade em que vivemos, justificamos nossa escolha pela abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa que tem por objetivo analisar e interpretar aspectos profundos e detalhados das características da população estudada, traduz a realidade socialmente construída, descreve os momentos significativos e problemáticos da vida dos indivíduos e os aspectos contextuais envolvidos na investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006). Elegemos este tipo de abordagem por nos possibilitar identificar melhor as características da vivência da sexualidade dos(as) idosos(as), considerando suas representações de valores, crenças, hábitos, atitudes, pensamentos, vivências.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos, locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível, e após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Estes textos agrupam discursos, ideias, imagens e práticas que garantem maneiras de se conhecer melhor o sujeito dentro da sociedade em que vive, possibilitando a obtenção de dados ricos e bastante profundos (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004). Complementando esta ideia, Denzin e Lincoln (2006) nos ensinam que a abordagem qualitativa pode ser empregada para a compreensão de fenômenos diversos, buscando na subjetividade das respostas ou das falas, entender um pouco mais sobre as atitudes e os pensamentos dos(as) idosos(as).

O próprio termo 'discurso' refere-se a uma série de afirmações em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997, p.26).

Denzin e Lincoln (2006) descrevem que em uma pesquisa qualitativa, cabem uma variedade infinita de teorias e métodos e que os(as) pesquisadores(as) que escolhem trabalhar dentro deste tipo de abordagem, realiza recortes e montagens de teorias e do seu objeto na produção de conhecimentos que são localizados e interessados. Desta forma, acreditamos que o fato de termos realizado uma pesquisa qualitativa, possibilitou-nos a escolha de métodos e teorias convenientes para o que estávamos dispostas a pesquisar, reconhecer que nossas reflexões foram importantes em todas as fases deste estudo e na produção do conhecimento que está sendo apresentado nesta dissertação, e ainda, a possibilidade de assumirmos que a perspectiva a partir da qual nosso objeto de estudo (idosos e idosas) foi estudado, é apenas uma entre outras tantas possíveis (FLICK, 2009).

Então, apoiamo-nos em Geertz (1989), que entende cultura como uma teia de significados produzidos pela humanidade diariamente. Ele considera que a análise da cultura deve ser feita no sentido de imprimir significados. Stuart Hall (1997, p. 16) ainda compartilha a importância de pensarmos nas questões culturais.

Por substantivo, entendemos o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade... Por 'epistemológico' nos referimos à posição da cultura em relação às questões de conhecimento e contextualização, em como a 'cultura' é usada para transformar nossa compreensão, explicação e nossos modelos teóricos do mundo.

Assim, podemos afirmar que a cultura, as representações individuais exercem efeitos positivos sobre os sujeitos assim como os saberes. Tal afirmação, definida por Hall (1997) como 'Construcionismo Cultural', "[...] propõe entender como determinados discursos se ligam ao poder, regulam condutas, formam ou constroem identidades e subjetividades e definem como são representadas, refletidas, praticadas e estudadas" certas condutas (WORTMANN, 2005, p. 51).

Denzin e Lincoln (2006) nos ensinam que em pesquisas qualitativas, o ideal é que a quantidade de colaboradores(as) seja pequena, já que neste contexto metodológico o que importa é a descrição da realidade, em profundidade, abrangência que possibilitem generalizar o resultado obtido para a população em geral.

Partimos então para a pesquisa de campo, que para Severino (2007, p.26) é representada por três dimensões: a epistêmica, a pedagógica e a social:

a dimensão epistêmica, uma vez que se trata de uma forma de conhecer o real [...]. A dimensão pedagógica, pois é por intermédio de sua prática que ensinamos e aprendemos significativamente [...]. Social, na medida em que são seus resultados que viabilizam uma intervenção eficaz na sociedade através de uma atividade de extensão.

Nesse sentido, podemos afirmar que esta investigação considerou estas três dimensões e, para alcançá-las, realizamos as coletas de dados empíricos,

primeiramente por meio de uma entrevista inicial semiestruturada (APÊNDICE 1) com os(as) participantes do estudo, cujo teor das respostas nos orientaram para dar continuidade à coleta de informações pela técnica dos grupos focais.

Consideramos importante registrar que, como nos alerta Flick (2009), toda técnica de pesquisa apresenta limites e possibilidades, assim, a combinação entre variadas técnicas pode potencializar um trabalho de campo.

Como os Grupos Focais a entrevista semiestruturada parte do pressuposto da interação entre entrevistador(a) e entrevistado(a), sendo conduzida a partir de um roteiro que encaminhará as discussões (SILVEIRA, 2007). Além disso, o roteiro das entrevistas, nas palavras de Silveira (2007) não funciona somente como um instrumento para a obtenção de informações, mas como um provocador de outras verdades com significados variados e complexos.

[...] o processo de elaboração do questionário é longo e complexo, exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos geral e específicos (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 185).

Para a constituição do questionário utilizado, consideramos questões que poderiam nos ajudar a extrair dos(as) participantes respostas válidas que nos ajudariam na análise dos dados. Para tanto, nos amparamos em três aspectos citados por Marconi e Lakatos (2010, p.186, grifos do original: “a) **Fidedignidade**. Qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados. b) **Validade**. Os dados escolhidos são necessários à pesquisa. c) **Operatividade**. Vocabulário acessível e significado claro”.

Após a criteriosa análise do questionário pela professora orientadora, decidimos não realizar um estudo piloto, visto que as perguntas abertas¹¹ que compunham o instrumento foram elaboradas com linguagem bastante acessível. Concordamos que

¹¹ Existem basicamente três tipos de perguntas que podem compor um instrumento de coleta de dados: abertas, fechadas e de múltipla escolha. As perguntas abertas são aquelas que permitem que o(a) entrevistado(a) responda livremente usando suas próprias palavras, sendo liberado(a) para emitir suas opiniões (SEVERINO, 2007).

para elaborar as perguntas de um questionário é indispensável levar em conta que o informante não poderá contar com explicações adicionais do pesquisador [...]. a linguagem empregada deve ser a mais clara possível, com vocabulário adequado ao nível de escolaridade dos informantes. As perguntas não podem sugerir ou induzir as respostas nem ser redigidas nas formas afirmativas ou negativas, que levem à concordância, até pela lei do menos esforço (ANDRADE, 2003, p.149-150).

Mesmo com o conhecimento prévio de que a interpretação das respostas destas questões abertas seria muito mais difícil, optamos por esta categoria por acreditarmos que ela possibilitaria “[...] investigações mais profundas e precisas” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 187). Pudemos ainda garantir que nos atentamos para relacionar todas as questões com a temática de estudo para evitar desvios no que estamos investigando, tendo em vista ainda que teríamos que explorar mais nossos objetivos nos Grupos Focais.

Diante disso, precisamos indicar algumas particularidades interessantes sobre os Grupos Focais. Gomes (2005) explica que o termo Grupo Focal foi criado, inicialmente, nos Estados Unidos, para denominar pesquisas envolvendo entrevistas de grupos que pretendiam estudar a compreensão de pessoas sobre rádio e televisão, embora Gatti (2005) tenha afirmado que este tipo de pesquisa já vinha sendo utilizada desde os anos 1920 na área de *marketing*. Segundo Levolino e Pelicioni (2001), o uso desta técnica na área da educação é bem recente, datada dos anos de 1990.

Quanto à composição do grupo, Cruz Neto *et al.* (2002) apontam ser importante relevar a homogeneidade de características sociais, culturais e econômicas dos(as) participantes. Carlini-Cotrim (1996) nos adverte que o grupo deve conter entre cinco a dez participantes, que não tenham muita proximidade pessoal, mas reforçam a necessidade de que tenham ligações de ordem social que os(as) posicionem em um mesmo contexto, facilitando as conexões necessárias para desencadear as discussões propostas.

Em relação ao número de encontros, Cruz Neto *et al.* (2002) recomendam fazer entre 3 a 5 encontros para que não se tenham informações repetidas ou que seja desgastante ou estressante para os membros do grupo. Preconizam ainda que o local de realização das reuniões seja de fácil acesso, que ofereça características físicas favoráveis para ouvir, falar, e gravar. O

ambiente ainda precisa ser neutro, de modo que não exponha nenhum participante a constrangimentos.

Analisando todo o contexto em que este estudo se concentra, podemos afirmar com a experiência de ter realizado os grupos focais, que os mesmos não foram escolhidos como estratégia para estudar os(as) participantes, mas para investigar com eles(as). Barbour (2009), comenta que a produtividade dos Grupos Focais é explicada na interação existente entre os(as) participantes e o(a) pesquisador(a), e que este fato é imprescindível para que esta metodologia colabore para o alcance dos objetivos propostos.

Assim, concordamos com Cruz Neto *et al.* (2002) que exaltam a participação do(a) moderador(a) nas dinâmicas propostas bem como a importância deste(a) estar atento(a) para quaisquer observações e comportamentos do grupo durante as discussões. Para isto acontecer de uma maneira mais natural, Flick (2009) recomenda conduzir os debates com perguntas abertas que, segundo ele, potencializam e ampliam as contribuições sobre o tema estudado. O autor ainda ressalta ser fundamental valorizar tanto consensos quanto contrariedades surgidas dentro no coletivo.

Posto tudo isto, justificamos que, para a realização da presente pesquisa, foi eleito como amostra um grupo por conveniência constituído por sete idosas e um idoso que frequentavam a disciplina intitulada “Sexualidade em Mídias”, oferecida pela UNATI/UEM, no primeiro semestre do ano de 2014. Nesse sentido, procuramos a formação de um grupo interessado em falar e pensar sobre as questões propostas, já que de certa forma, os questionamentos faziam parte da disciplina da qual escolheram participar.

Realizamos quatro encontros, que nos serviram de base para a produção dos materiais que analisamos. No primeiro encontro, apresentamos a pesquisa ao grupo e realizamos a entrevista semiestruturada. Nos três encontros seguintes, aconteceram os Grupos Focais. Os temas discutidos nestes encontros tiveram a seguinte organização:

1º Encontro:

- Fale um pouco de você, da sua personalidade, modo de ser, história de vida.
- Discutir as vantagens e desvantagens de ser homem e ser mulher nos dias atuais.
- O fato de ser homem ou mulher influencia na trajetória escolar?
- Será que estamos atentos às questões de gênero e sexualidade presentes na escola?

2º Encontro:

- É difícil trabalhar com questões de sexualidade nos grupos que você frequenta? E na UNATI/UEM?
- Sente que os professores estão abertos para tratar sobre esses assuntos?
- Como era falar de sexo na escola quando você estudava? Como essas relações evoluíram ao longo do tempo?

3º Encontro:

- A escola é lugar de se falar de sexo? Para que idade?
- Tem dúvidas relacionadas à sexualidade à Terceira Idade?
- Ideias de temas (conteúdos) a serem trabalhados relacionados à educação sexual e como (metodologia) trabalhar esses assuntos na UNATI/UEM.

Todos os encontros aconteceram nas dependências da Universidade Estadual de Maringá, semanalmente, às quintas-feiras, no período da manhã, com duração de aproximadamente 150 minutos, no horário de aula da disciplina “Sexualidade em Multimeios” ofertada pela UNATI/UEM.

Tal disciplina atualmente ministrada pela Professora Doutora Luzia Marta Bellini, do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE) da UEM, conta com a participação assídua de oito mulheres e um homem. Tendo como ementa discutir a sexualidade como fenômeno de comunicação, os objetivos propostos para o curso são: refletir sobre as diferentes manifestações da

sexualidade, compreender a sexualidade como construção simbólica e analisar a apropriação dos discursos sobre sexualidade entre idosos(as). Para que estes objetivos sejam alcançados, a ministrante promove conversas e incentiva leituras relacionadas à temática sexualidade e os interesses dos(as) matriculados(as), dentre eles envelhecimento, afetividade e amor; corporeidades e histórias de vida e ainda as emoções na vida tardia¹².

Os grupos focais foram coordenados pela mestranda, auxiliada pela professora orientadora Dra. Eliane Rose Maio desta pesquisa e também pela professora responsável pela referida disciplina, Dra. Luzia Marta Bellini. Todos os encontros foram gravados na íntegra e posteriormente transcritos. Anotamos também algumas observações sobre o comportamento e as reações dos(as) participantes durante as reuniões. Antes de cada encontro, a gravação do encontro anterior era ouvida, e as anotações eram revisadas para um melhor preparo da discussão seguinte.

Cabe citar que este trabalho foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEM (COPEP/UEM), sob o número: 46436915.6.0000.0104, e seus aspectos éticos estão de acordo com o preconizado pela Resolução 196, de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, que trata das Diretrizes e Normas regulamentadoras de Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 1996) (ANEXO 1). Todos(as) os(as) envolvidos(as) na pesquisa foram esclarecidos(as) sobre o objetivo, natureza, finalidade da pesquisa bem como a necessidade de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) antes do início das atividades propostas pelas pesquisadoras. Assim, foi permitida a cada participante a possibilidade de participar ou não do estudo, sendo informado que a eventual negação não resultaria em prejuízos de qualquer espécie. Os(as) colaboradores(as) receberam a informação da necessidade da gravação das reuniões na íntegra e a garantia do anonimato por meio da adoção de nomes fictícios como também o uso dos dados produzidos em eventos e publicações científicas.

Os nomes fictícios adotados foram escolhidos individualmente pelos(as) próprios(as) participantes, depois de apresentarmos uma lista com 80

¹² Estas informações constam na ementa da disciplina “Sexualidade em Multimeios” ofertada pela UNATI/UEM.

sugestões de nomes de pedras preciosas. Assim, o grupo foi formado da seguinte maneira:

Pérola: Mulher, branca, 61 anos, casada, mora somente com o companheiro. Frequenta a igreja católica. É professora aposentada. Gosta de ir ao cinema, sair com as amigas e bordar. Frequenta a UNATI/UEM desde 2013.

Esmeralda: Mulher, branca, 62 anos, divorciada. Atualmente namora um senhor 12 anos mais velho e mora com a filha. Frequenta a igreja católica. Já realizou varias cirurgias plásticas. É aposentada no setor público. Gosta de sair para dançar com o namorado. Frequenta atividades variadas na UNATI/UEM desde 2013.

Rubi: Mulher, branca, 70 anos, casada. Mora com o companheiro e frequenta regularmente a Igreja Católica. Foi empresária, mas atualmente está aposentada. Não conseguiu concluir o Ensino Fundamental (estudou só 4 anos) por ter que trabalhar pra ajudar a família. Gosta de fazer ginástica e de mexer no computador. Não tem muitos(as) amigos(as) fora da UNATI/UEM, que frequenta desde 2011.

Ametista: Mulher, branca, 65 anos, casada, mora com o companheiro. Frequenta esporadicamente a igreja católica. Gosta de sair com as amigas, às vezes prefere sair sozinha, mas quando é para comprar alguma coisa, leva o marido. É professora aposentada da Rede Estadual do Paraná. Frequenta a UNATI/UEM desde 2012.

Cristal: Mulher, negra, 63 anos, solteira, mora só em uma casa enorme, mas não se sente sozinha. Tem uma filha que mora em outro Estado e agora acaba de ser avó. Considera-se cristã por não frequentar uma única igreja. Possui o Ensino Médio completo. É aposentada. Gosta de ler, frequentar sebos e brechós. Frequenta a UNATI/UEM desde 2013.

Diamante: Homem, negro, 68 anos, casado. Mora com a esposa. Frequenta a Igreja Católica. Terminou o ensino médio, foi cartorário e atualmente está aposentado. Gosta de pescar com os amigos mais antigos e jogar conversa fora com quem estiver disposto a ouvi-lo. Frequenta a UNATI/UEM desde 2011.

Topázio: Mulher, branca, 65 anos, casada. Mora com o companheiro e os filhos. É espírita. Aposentou-se recentemente na Universidade Estadual de Maringá onde atuou como professora do Curso de Graduação em Educação Física. Gosta de passear com as amigas e com os(as) filhos(as). Pratica várias atividades físicas rotineiramente. Frequenta a UNATI/UEM desde 2014.

Jade: Mulher, negra, 75 anos, casada. Mora com o companheiro. Frequenta regularmente a Igreja Católica. Estudou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental. Trabalhou a vida toda na roça e em casas de famílias. Conseguiu se aposentar recentemente. Frequenta atividades diversas em grupos da igreja. Frequenta a UNATI/UEM desde 2012.

Safira: Mulher, branca, 66 anos. Mora com o companheiro. Frequenta a Igreja Católica. É professora do Estado do Paraná aposentada. Sempre trabalhou com crianças. Gosta de bordar, cozinhar, cuidar dos(as) netos(as) e sair com as amigas. Frequenta a UNATI/UEM desde 2013.

Para melhor estudarmos qualitativamente os dados obtidos na presente pesquisa, optamos pela Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977)¹³, que preconiza o estudo de informações importantes na forma de diferentes linguagens, dentre as quais podemos citar a oral, a gestual, a gráfica, com o objetivo de desvendar aquilo que se apresenta além das palavras (SEVERINO, 2007). Com as palavras de Bardin (1977, p. 42), esta técnica de análise “[...]”

¹³ Até na década de 1940, a análise de conteúdo era tida como uma técnica de descrição objetiva, sistemática e quantitativa. Foi por volta da década de 1950 que a técnica deixa de ser descritiva e com função exploratória, objetiva a inferência e a descoberta daquilo que não é evidente (BARDIN, 1977).

visa obter por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”. Em outras palavras,

convém fazermos uma leitura de todas suas falas e ver que trazem também marcas de seus esforços, sua teimosia, sua capacidade de resistir, de recuperar a humanidade, de esperar, sonhar, amar, viver, conviver, tentar ser felizes. Não são estas as grandes questões que interrogam todas as ciências (ARROYO, 2004, p. 135).

Para facilitar tal processo, classificamos os dados em categorias de análise, buscando núcleos de sentido “[...] que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico” (BARDIN, 1977, p. 131). As categorias de análise consideradas para este trabalho encontram-se representadas no quadro a seguir:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">a) Corpo, Idade e envelhecimento<ul style="list-style-type: none">- Percepções sobre o corpo envelhecido- Ser homem e ser mulherb) Sexualidade na velhice<ul style="list-style-type: none">- Percepção da sexualidade- Importância da sexualidade na velhicec) Educação Sexual<ul style="list-style-type: none">- Como foi minha educação sexual- Educação sexual para a Terceira Idade |
|--|

5

Quebrando o Silêncio

Com a tentativa de falarmos sobre esse silêncio imposto, como apresentamos anteriormente, sobre assuntos referentes à sexualidade no envelhecimento, trazemos os resultados referentes às representações dos(as) participantes, por meio das três categorias escolhidas para este trabalho, que nesta seção, denominamos: Representações sobre idade, corpo, gênero e envelhecimento; Representações sobre sexualidade na velhice e Considerações sobre educação sexual para a Terceira Idade.

5.1 Representações sobre Idade, Corpo, Gênero e Envelhecimento

Os corpos nos trazem o outro como presença e como interrogação (ARROYO, 2004, p. 128).

Arroyo (2004, p. 266-267) nos ensina que a idade além de ser uma forma de classificar as pessoas é também um tipo de identidade, já que mostra muito sobre as histórias que vivemos.

Somos enquadrados em uma determinada idade ou em um determinado tempo de vida, na infância, na juventude, na adolescência, na vida adulta ou na velhice. [...] Entretanto, pertencer a uma determinada faixa etária é uma condição provisória. Mas sempre seremos classificados em uma delas. Atravessamos pelos diversos grupos etários e não escaparemos de sermos classificados em algum deles. [...] Queremos ser reconhecidos em nosso tempo, vive-lo e não ser confundidos com tempos deixados para trás, com tempos que vemos como distantes com os quais não nos identificamos.

É nesse contexto marcado pela identidade construída com a idade, que iniciamos a análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Concordamos com a máxima de que os primeiros sinais da velhice manifestam-se na aparência, e isto não podemos negar, de forma que o espelho passa a ser a principal testemunha do processo.

Jade: Nos meus 40 anos, achava que não ia ficar velha nunca. Hoje eu me vejo no espelho e até assusto.
--

Bernard (1995) diz que durante o processo do envelhecimento o corpo assume um papel preponderante já que é nele que acontecem as mudanças, não só na aparência, como nas suas funções, o que faz com que a velhice seja tão temida. Assim, podemos dizer que cada um(a) tem uma imagem formada de si mesmo(a) e esta imagem muda em cada etapa de vida. Tendo a velhice como uma etapa de vida como a infância e a juventude, nela se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal já que é difícil aceitar uma imagem envelhecida na sociedade ocidental e hegemônica que tem como referência a beleza da juventude (SILVINO, 1995). Ao serem questionados(as) sobre considerarem-se velhos(as) e pontuar o que pode e o que não pode ser feito com o corpo envelhecido. As respostas tiveram o teor demonstrado abaixo:

Esmeralda: Preciso mesmo dizer qual é a minha idade? (Risos) Ah, eu tenho mais de 60, já estou na Terceira Idade... mas ainda não sou avó! [...] Com meu corpo de hoje? Faço tudo o que eu fazia antes... Ah, mentira, faço bem mais do que eu fazia antes.

Safira: Às vezes fico bem irritada. Eu não sei comprar roupas de velha, sapatos de velho... Acho que minha cabeça não envelheceu. [...] Com meu corpo de hoje faço o que fazia antes. Vejo muita diferença na minha mãe, por exemplo... Na minha idade, ela era bem diferente do que eu sou hoje... ela era velha. Eu não acho que sou velha. Acho que o mundo vai mudando. A geração de hoje, quando tiver a minha idade, será muito mais nova que eu.

Pérola: Às vezes me sinto velha, às vezes não. Com meu corpo de hoje faço muitas coisas que não fazia quando era jovem! Mas faço bem mais coisas que a minha mãe fazia com a minha idade. Minha mãe faleceu com 58 anos sendo velha, com aparência de velha, sofrida. Nossa... e minha avó, eu nem conheci! As pessoas morriam de velhice muito jovens. Hoje mudou muito. Percebi com a idade a importância de me cuidar. Me orgulho de poder dizer que tenho mais de 60 anos com essa cabeça e esse corpo que tenho hoje.

Rubi: Sim, eu me sinto velha... Mas não me vejo como as velhas de antigamente. Hoje é tudo moderno, a gente precisa acompanhar. Com meu corpo de hoje, posso usar roupas adequadas para minha idade, não as mesmas que usava quando tinha meus 30 anos. Mas sou bem moderna... Imagina que antigamente as mulheres de 70 anos usavam calça jeans?! Nem pensar... Tenho que me comportar como uma senhora de 70 anos, ouvir meus filhos... Não que eu preciso fazer o que eles mandam. Mas sigo muitos conselhos deles.

Observamos que não faltam comparações sobre as condições de vida atual com as mesmas condições de pessoas com idades semelhantes em épocas passadas. Concordamos com Hall (1997) que a base dos discursos obtidos para compreender determinados pontos sobre como o envelhecimento está sendo percebido, vivido e aprendido na sociedade atual. Além disso, as pessoas estão se (re)inventando para acompanhar este processo na intenção de alcançarem o tão sonhado ‘envelhecimento ativo’.

Arroyo (2004) destaca que os estudos em Antropologia têm mostrado as idades e temporalidades da vida como uma reelaboração simbólica do processo biológico que aparenta estar sendo (re)significado pela cultura por meio de ‘rituais’ que definem fronteiras, papéis, práticas, condutas, direitos e deveres para cada idade.

Se há uma reelaboração simbólica do processo biológico, teremos de tentar entender esse processo biológico e as representações, a posição social, os significados culturais, os tratamentos específicos dados a cada tempo-ciclo da vida humana em cada sociedade. Um conhecimento que bem merecia fazer parte dos currículos de formação de educadores(as) (ARROYO, 2004, p.277).

Diante disto, citamos Blessmann (2003) que discute sobre o fato de nossa visão de ‘ser humano’ estar bastante centrada na presença corporal. Arroyo (2004) nos mostra que o corpo faz parte da condição humana, do desenvolvimento pleno, além de poder revelar muito sobre a nossa existência.

Diamante: Esses olhos aqui, já viram coisas que até Deus duvida... se eu não tivesse a idade que tenho, não teria feito metade das coisas que fiz e que vivi. Te falo uma coisa, eu não queria voltar no tempo, não!

Perguntamos aos(às) participantes se conhecem bem o seu corpo e o corpo do(a) companheiro(a). A maioria disse conhecer bem o próprio corpo, mas não saber muito bem características do corpo do sexo oposto, principalmente quando se trata de reconhecer alguma doença ou 'algo errado'.

Cristal: Conheço bem meu corpo. Agora, nunca parei para olhar com detalhes o corpo de um homem nu. Isso é falha nossa, mas também, imagina que constrangedor, ficar olhando para os documentos do marido (risos)?

Diamante: Conheço o meu corpo no geral. O da minha mulher no geral... Você quer saber se conheço as partes?

Jade: Conheço sim... conheço o meu corpo, o corpo do meu marido, dos meus filhos e netos, dos pequenos, né? Porque eles crescem e ficam com vergonha de mostrar a torneirinha para a avó. Nem banho querem tomar com a porta aberta... Deus o livre se a gente entra no quarto quando eles estão se trocando!

Percebemos com estas falas que assim como nos achados da Professora Eliane Maio (2011), o corpo, o sexo e a sexualidade ainda são reprimidos e esta repressão pode ser claramente observada por meio das palavras. Constatamos também nesta pesquisa, a dificuldade que as pessoas têm em se referirem aos órgãos genitais e como cultivamos isto de geração em geração. A autora (MAIO, 2011, p. 81) nos chama a atenção para o sexismo linguístico visto nos discursos relacionados acima que podem ser definidos como “[...] uma atribuição da educação formal e informal, ao qual as pessoas estão submetidas desde a mais tenra idade” com o intuito de proteção, de serem melhor aceitas socialmente.

Somos vistos(as) como seres biológicos resultantes das interações entre o mundo e a cultura. Blessmann (2003) ainda nos adverte para o fato de que, na contemporaneidade, a sociedade é organizada em função do consumismo e tem como referência a beleza, o comportamento e os hábitos da juventude. Isto torna a aparência algo bem relevante, deixando-nos a possibilidade de afirmar que poucas pessoas querem ser ou parecer velhos(as). A respeito disso, Couto e Meyer (2011, p.2), complementam que, atualmente,

manter-se jovem torna-se um imperativo. É preciso ser jovem e, quando deixa de sê-lo, é preciso investir no próprio rejuvenescimento, abolindo qualquer sinal na pele que traduza marcas do tempo, revitalizando o corpo e a mente, adotando uma vida ativa e performática e mantendo a saúde e a boa forma a qualquer custo. Tudo isto articulado ao imperativo do prazer que deve ser perseguido e vivenciado indefinidamente.

Quanto a esta questão relativa à aparência física, a maioria dos(as) participantes da presente pesquisa, demonstrou estar preocupado(a) e bastante exigente. Eles(as) afirmaram ser vaidosos(as) e cuidadosos(as) com o corpo, com a alimentação e com a prática de atividades físicas. Algumas pessoas relataram tais cuidados mais timidamente que outras, como se o fato de se cuidar fosse algo não apropriado.

Diamante: A gente vai ficando velho, a barriguinha vai aparecendo... O cabelo branqueando, bem coisa de gente velha... Daí, eu tento me exercitar, não beber toda semana... Às vezes fico irritado com isso até. Não como tudo o que eu queria. Mas, temos que nos cuidar! Senão... Imagine onde vamos parar? A minha aparência de hoje, como homem mais velho não incomoda, não. É um estilo novo... Até brinco com meus amigos e minha mulher, que a cada ano que passa, fico melhor do que era antes.

Esmeralda: Ah... eu já fiz as plásticas na barriga, culote, coloquei silicone... daqui uns 3 anos dou uma esticada aqui no olho... Meu ex-marido ficava doido com essa minha obsessão. Te falo uma coisa: Vou chegar com 70 anos enxuta! Acho que ter um namorado 12 anos mais velho, deu uma aumentada em minha autoestima. Hoje, mesmo depois dos 60 ainda me sinto atraente. Mas porque eu me cuido, faço ginástica, dieta, e vou na estética uma vez por semana! Vejo que tem mulher com a minha idade acabada, mais envelhecida...

Rubi: Do meu corpo eu cuidava bem mais quando era mais jovem. Hoje me habituei ficar sem me preocupar muito com a aparência. Só mais para sair, vir às aulas, mas também, só faço o básico, nada de extravagante. Mas não abro mão da minha dieta, e da minha caminhada de todo dia. De que parte do meu corpo que mais gosto? Meu companheiro ainda elogia meus seios e meu bumbum... (risos). Eu gosto das minhas mãos... não são enrugadas, olha!?

Cristal: Não me preocupo que estou envelhecendo... Eu curto a vida! Não sou escrava de cosméticos... mas ando muito a pé, sempre andei desde muito nova... Sabe, o que me preocupa nessa vida, é ter saúde! Com a aparência eu me preocupava mais quando ainda não tinha a Carolina, minha filha... Depois que ela nasceu, não são todos os dias que tenho ânimo de me arrumar. Hoje ela não mora mais comigo, eu moro sozinha, não tenho muitos amigos, não tenho marido, então... a vida vai passando.

Estes dados estão relacionados ao que Foucault em sua obra “O cuidado de si” (1985) denominou cultura de si, que está ancorada no princípio da necessidade de ter cuidados com o próprio corpo. Cuidados estes que demandam preocupação com a aparência física, com a alimentação, com a prática de exercícios físicos na proporção adequada. Para o autor, cuidado de si implica em “[...] um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro” (FOUCAULT, 2004, p. 11). Isto porque o cuidado com o corpo é refletido em nossas relações sociais, como podemos perceber com os depoimentos dos(as) idosos(as) envolvidos(as)

neste estudo. Então, cuidar de si, não é uma ação solitária, mas conjunta com aqueles(as) com quem convivemos.

Considerando estes pontos, o fato de ser idoso(a) terá um significado muito mais positivo já que

[...] aquele que pode ter enfim prazer consigo mesmo, pode satisfazer-se consigo [...] O idoso é, portanto, aquele que se apraz consigo, e a velhice, quando bem preparada por uma longa prática de si, é o ponto em que o eu, como diz Sêneca, finalmente atingiu a si mesmo, reencontrou-se, e em que se tem para consigo uma relação acabada e completa de domínio e de satisfação ao mesmo tempo. [...] A velhice deve ser considerada como uma maneira positiva de existência [...]. Deve-se viver para ser velho (FOUCAULT, 2004, p.134).

Transpondo estes ensinamentos para a realidade observada neste trabalho, podemos considerar que o ‘cuidado de si’ deve ser praticado durante toda a vida e não apenas ser privilégio apenas de uma fase ou de outra. Ora, se cuidamos do nosso corpo desde a juventude, teremos recompensas desse ‘cuidado’ na velhice.

Jade: Faço aquilo que eu acho que toda mulher faz. Gosto de passar um creme para ficar cheirosa, ou um perfume bem gostoso. Um batom, clarinho, arrumar a unha. Usar uma roupa bonita... Hoje com 75 anos e ando muito, mas isso eu sempre fiz, desde menina. E cosméticos também, sempre usei. Sempre fui de comer mais verduras do que fritura. Acho que se não tivesse esses cuidados sempre, não estaria aqui hoje. Tem tanta gente morrendo de pressão alta, de diabetes. Não tenho nenhuma dessas doenças... Graças a Deus, né? Ah, também faço hidroginástica aqui na UNATI. É bem gostoso.

Em Arroyo (2004, p. 122) encontramos que “[...] cada um deve saber lidar com seus sentimentos e emoções, com sua autoimagem e com as imagens e preconceitos dos outros.” Este fato parece ser mais simples de ser controlado quando se trata de juventude que é socialmente considerada a fase da beleza, da produtividade.

Safira: A gente que é mulher sabe, o tempo vai passando, o corpo todo vai mudando. Vai caindo aqui, enrugando lá, os hormônios ficam descontrolados... Um dia a gente acorda bem, no outro se sente mal... [...] Não gosto que dizem que estou velha... ninguém gosta. A gente já sabe que está velha... pra que ficar lembrando, não é?

Foucault (2004) sugere que a velhice infelizmente sempre ficará marcada pela sabedoria adquirida com a vivência, aptidão para dar conselhos, fragilidade, fraqueza gerada pela ausência de rigor físico, em outras palavras, a velhice é caracterizada como uma fase honrada, mas indesejável. O que Foucault (1985) em “O cuidado de si” considerou importante na Antiguidade para as pessoas chegarem à velhice, Couto e Meyer (2011) consideram nos dias atuais uma nova perspectiva: a de viver para parecer jovem em todas as etapas da vida. Ao relacionar tal pensamento à opinião dos(as) mais velhos(as), isto se torna evidente e então percebemos a importância de temas relativos às mudanças que acontecem no corpo durante o envelhecimento serem abordadas também em grupos de Terceira Idade, já que é fulcral conhecer as mudanças que estão em processo. Sobre isto, Arroyo (2004, p. 127-128) nos chama atenção para o fato de que

as marcas, dos corpos, da pele, do cabelo são difíceis de tratar com profissionalismo nas escolas quanto em outras instituições e outros coletivos profissionais. [...] As alunas e os alunos nos pedem e exigem que tenhamos um olhar positivo sobre seus corpos, seus traços, seus cabelos que nos mostram com orgulho [...]. Como as alunas e os alunos vão construindo suas identidades, como vão se formando no diálogo com seus corpos? Escutar as falas dos corpos dos alunos é nosso dever, como pensamos ser o dever deles escutar nossas falas.

Tal alerta, discutido também pelos(as) participantes deste estudo, nos chama atenção para repensarmos a conduta docente no trato com pessoas da Terceira Idade.

Ametista: Eu acho engraçado que temos umas professoras que têm medo que por a gente ser idosa, vamos quebrar nossos ossos durante as atividades que elas dão (risos). Ficam perguntando toda hora se a gente está bem, como se fôssemos aquelas vovozinhas que ficavam na cadeira de balanço.

Safira: Principalmente nas aulas de ginástica e de artesanato, as professoras acham que a gente vai cair ou derrubar as coisas, que porque somos da Terceira Idade não temos força... Eu me sinto uma inválida, às vezes. E quando falam com a gente como se fôssemos crianças, no diminutivo? Eu odeio isso.

Esmeralda: Não é porque eu frequento os cursos da UNATI que me acho velha. Não é isso, estou aqui para me ocupar, para fazer amizades. Tem professor que vê isso. Agora têm uns que acham a gente caquética ou doente e fraquinha. E não é esse o caso na maioria das vezes. Quando na aula de ginástica a professora fica falando se está tudo bem, daí que eu pego pesado no exercício mesmo.

Jade: Muita gente acha que na UNATI, a gente só faz passeio ou artesanato. Que nada, aqui os professores colocam a gente para estudar mesmo, pra pensar mesmo. [...] Eu fico meio com vergonha das professoras me chamarem de senhora porque eu sou bem mais velha que elas... Ou ainda quando ficam falando muito de doença.

Topázio: Comecei a frequentar as aulas de dança na UNATI esse ano. Adoro muito. Fiz muita amizade, passa o tempo que a gente nem vê. Só não gosto muito de que às vezes as professoras que são muito boas e delicadas, tratam a gente como coitadinha (risos), sabe? Frágil...

Uma leitura mais atenta das necessidades dos(as) alunos(as) nos levaria além de uma reinvenção dos processos ensino-aprendizagem. Arroyo

(2004) mostra que perceberíamos que muitos dos conhecimentos socialmente produzidos ficaram de fora dos saberes escolares se confrontássemos os conteúdos ministrados com as 'marcas' trazidas pelos(as) discentes em sua condição biológica, corpórea, material, e sociocultural.

Outro ponto importante a ser discutido nesta análise, diz respeito às diferenças entre gênero, narradas pelos(as) idosos(as).

Topázio: Vejo que o tratamento para os homens na turma das aulas é diferente do tratamento das mulheres.

Como percebemos na última fala, existe ainda o predomínio de pré-conceitos relacionados ao fato de ser homem ou ser mulher. Concordamos com Arroyo (2004, p.279) ao nos ensinar que

as categorias de idade operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres, definindo relações entre gerações, distribuindo poder e privilégios [...]. Contribuem para manter ou transformar as posições de cada um e espaços sociais específicos. As categorias de idade fazem parte da trama social, política e cultural. Fazem parte da fixação de direitos, de sua consolidação.

No entanto, acreditamos que não apenas as categorias de idade são responsáveis por estes recortes que (re)definem relações distribuindo tais poderes e/ou privilégios, mas também as relações entre gêneros diferentes.

Apoiamo-nos no conceito de gênero proposto por Scott (2006) que o define como uma construção social e cultural das diferenças entre os sexos masculino e feminino. Historicamente, percebemos uma elaboração do conceito no contexto de teorias feministas e lutas políticas que o utilizaram para expressar as desigualdades existentes entre homens e mulheres (STOLCKE, 2004). Percebemos então que nossa sociedade, baseada nas relações dos gêneros, problematiza as diversas maneiras pelas quais

características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino. Aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre homens e mulheres que vai construir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido

como masculinidade e feminilidade, em uma cultura, em determinado momento histórico (MEYER, 2003, p.223).

Nesse contexto, destacamos o apelo da participante Jade para a importância de repensarmos como acontece no ambiente escolar, as articulações entre masculinidades e feminilidades que consideramos ser aprendizagens culturais (LOURO, 2001). Cabe lembrar que no Brasil, nos Programas para a Terceira Idade, “[...] a participação masculina raramente ultrapassa 10% e o entusiasmo manifestado pelas mulheres na realização das atividades propostas contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens” (DEBERT e BRIGUEIRO, 2012, p. 45).

As identidades de gênero¹⁴ são adquiridas, como menciona Louro (2001) ao longo de toda nossa vida e estão relacionadas intimamente com as situações vividas e a todas as instituições pelas quais passamos. Nesta mesma direção, Libâneo (1998) chama atenção para os processos de aprendizagens em diferentes contextos demandam desaprendizagens principalmente por parte dos(as) professores(as). Tal fase nos alerta para a importância de repensarmos, enquanto professores(as), os valores culturalmente impostos, e assim, reconstruirmos nossa atuação docente.

No curso das discussões que impulsionaram este trabalho, uma das etapas foi conversar sobre as vantagens e desvantagens de ser homem e de ser mulher na contemporaneidade. Dentre as vantagens de ser mulher foram citadas: a possibilidade de gerar filhos, a beleza, a delicadeza, direitos a exageros, direcionar a educação dos filhos, ser maternidade do progresso, ser ‘multifunções’. Já as vantagens de ser homem apontadas pelo grupo foram: a

¹⁴ O conceito de gênero foi trabalhado inicialmente pela Antropologia e pela Psicanálise, para exprimir a construção das relações de gênero na definição das identidades feminina e masculina, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos (desiguais). Esse conceito coloca claramente o ‘ser mulher’ e ‘ser homem’ como uma construção social, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino e dos papéis sociais destinados a cada um(a) (MAIO, 2008). Por isto, como explicam Nobre e Faria (2007), gênero, um termo emprestado da gramática, foi a palavra escolhida para diferenciar a construção social do masculino e feminino do sexo biológico. Assim, gênero passa a ser um conceito relacional, ou seja, que vê um em relação ao(à) outro(a) e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens sobre as mulheres.

maior liberdade adquirida culturalmente, ser provedor, ter uma educação mais liberal, poder pecar à vontade, ser submetido a regras menos rigorosas.

Jade: Ser mulher não tem muita vantagem, não. A gente tem que estar bem todo dia. Agora é o marido pegar uma gripinha que fica todo choroso... Se a gente pega gripe, ainda tem que dar conta da comida, da casa e da roupa. Agora, para o homem não tem regra... Ele sai para trabalhar e pronto, não precisa se preocupar com mais nada.

Ametista: Uma vantagem de ser mulher é que a gente pode se enfeitar, a gente pode exagerar em tudo... pode chorar, pode ser delicada, pode ser mãe... Eu gosto de ser mulher! Só poderíamos ter mais voz ativa. Já para o homem, a vantagem na minha opinião é que eles tem uma educação mais liberal, de como se portar, com quem e quando sair, o que fazer, trabalhar no que quiser etc.

Diamante: Ser mulher deve ser gratificante, elas são mães! Nós não podemos gerar um filho dentro da gente. Acho que nem daria, homens são rudes, não têm paciência. Mas acho que mulher sofre muito também porque não pode fazer tudo que o homem faz, se não fica taxada. Uma vantagem de ser homem é ser provedor da família. Me orgulho disso, e acho que todo homem devia se sacrificar para dar o melhor para sua família. Isso é papel do homem. O homem também tem mais liberdade que a mulher, para sair, para beber, para falar palavrão.

Cristal: Ainda hoje a mulher ainda não pode fazer muita coisa que o homem faz. Mas temos que ser multifunções, coisa que o homem nunca na vida conseguirá ser. Já reparou? A gente lava a roupa fazendo almoço, daí aproveitamos para conversar com a vizinha. Tudo sem perder o reboado. O homem não faz isso jamais. Se tiver que fazer duas coisas ao mesmo tempo em casa, já vai esbravejar que trabalhou o dia inteiro para pagar as contas ou que isso é serviço de mulher. Ah é verdade, o homem tem muito mais

liberdade... pode tudo, pode pecar a vontade que ninguém os crucificará. Já a mulher... se casar e separar mais de uma vez já não presta. O homem pode tudo...

Pérola: Acho que uma vantagem de ser mulher é nós temos juízo, por isso somos maternidade do progresso... Se não existissem as mulheres, esse mundo não seria assim, não! Nós somos quem dá limites, damos cor, damos vida... Os homens não enxergam os detalhes. O negócio deles é trabalhar. Eu vejo meu marido... Se acontece alguma coisa no trabalho errada, é um mês me dando patada, sem conversar com os filhos direito. Uma vantagem de ser homem, no meu entendimento é que para eles, pode tudo e não precisa fazer nada em casa, as regras são bem menos severas.

A partir da consolidação do Capitalismo, existe a ideia de que ocorre divisão entre as esferas pública (fora de casa) e privada (dentro de casa), sendo que esta última é considerada como o lugar próprio das mulheres, do doméstico, da subjetividade, do cuidado. A esfera pública é considerada como o espaço dos homens, dos iguais, da liberdade, do direito (NOBRE e FARIA, 2007).

Percebemos nitidamente que as mulheres se reconheceram inferiores aos homens por não terem voz ativa e menos liberdade que eles, provedores¹⁵ do lar. A mulher ainda continua às sombras do poder do marido, fazendo aquilo que lhe é permitido ou que lhe é próprio como o cuidado da casa e da educação dos filhos, sem muita voz ativa. A respeito disso, Maio (2011) comenta que tal retrato é herança da sociedade burguesa do século XX que impôs para as mulheres o dever reprodutivo e de cuidar dos(as) filhos(as), da casa e satisfazer os desejos e necessidades do marido, além de valores e condutas diferenciadas das condutas permitidas para os homens no que se diz respeito à resistir sua expressão sexual. Além disso, compartilha dizendo que, nesta época, as crianças se identificavam com o progenitor de sexo semelhante. Mostravam-se então as relações entre diferenças de gênero,

¹⁵ O homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público (MAIO, 2011).

atribuindo poder maior à figura masculina, paterna, que possuía pênis e que, por trabalhar e garantir o sustento da família, era a autoridade máxima da casa e, à figura da mulher, estabelecia-se relações entre a maternidade, o afeto e entre ser guardiã da moral da família (MAIO, 2011). Louro (2008, p.17), completa tal afirmação dizendo que ser mulher “[...] dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores da cultura”.

Pérola: Tanto que as meninas eram ensinadas desde pequena a fazer o serviço de casa e ajudar a mãe... enquanto os irmãos homens, podiam brincar na rua, podiam ir ao bar com o pai... Lembro que eles voltavam para casa tirando o maior sarro da gente.

Para mulheres, é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e do homem, o que se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade (NOBRE e FARIA, 2007). Perguntamos aos(às) idosos(as), então, se percebiam diferenças na sociedade atual em relação à época em que eram mais jovens ao fato de ser homem ou mulher e constatamos ainda ser verdade esta máxima descrita anteriormente:

Diamante: Ah sim, tem muita diferença... A mulher hoje é mais livre. Pode trabalhar, sair quando quer com amigas e com amigos homens. Coisa que antigamente, Nossa Senhora... a gente não via e não deixava fazer. E se via, a mulher já ficava mal falada. Os homens cuidavam das mulheres e filhas com toda devoção, para que nada de mal acontecesse. Com as filhas o cuidado era maior. Tanto que a mulher sempre foi criada diferente do homem.

Perola: Hoje a mulher se não é feliz no casamento, se separa e pronto. Antigamente não tinha isso... A mulher se submetia a traições do marido porque não tinha profissão, dependia do homem para se sustentar e para sustentar os filhos. Deus o livre de voltar pra casa dos pais depois do casamento. Ah, antigamente tinha aquela coisa de arrumar filho quando o casamento estava em crise para segurar o marido (risos). Olha como a mulher era boba!

Rubi: Pra mim mudou, mas não muito. A diferença é que hoje a mulher pode trabalhar fora, sair, como o amigo disse... mas ainda pode menos. Bem menos...

Jade: Eu não vejo muita diferença. Hoje a mulherada tem medo de tudo isso ainda sim... E às vezes aguenta quieta o que passa em casa por causa dos filhos. Acho que preconceito tem hoje como tinha 50 anos atrás... Tudo igualzinho. Na minha família é igual antes, não mudou nada. Tenho uma neta que ficou grávida solteira, e a família inteira e os amigos, e os vizinhos falaram que ela não prestava. Essa modernidade que os outros pregam, pra mim é conversa.

Rubi: Se tivesse tanta diferença conforme é falado por ai que estamos na modernidade, porque tanta mulher ainda apanha de marido ou do namorado mesmo e ainda fica quieta em 2014? Sem tomar providência? E no outro dia lava as cuecas e faz comida pra ele bem feitinha?

Topázio: Ah, tem muita diferença (suspiro). A mulher pode fazer muita coisa que minha mãe nem sonhava em fazer. Mas ainda não pode fazer muita coisa. Por exemplo, eu não posso decidir nada sozinha.

Com estas respostas, verificamos que ainda permanece o estigma preconceituoso da inferioridade feminina.

Na indústria, as mulheres são embaladoras, montadoras e costureiras, funções que exigem habilidade manual, coordenação motora fina, paciência. As habilidades para exercer essas profissões foram sendo desenvolvidas no processo de educação das meninas: brincando de casinha, cuidando dos irmãos, bordando, ajudando a mãe no trabalho doméstico. [...] Como os homens é que são considerados os provedores da família, o trabalho profissional das mulheres é sempre visto como complementar às suas "responsabilidades" domésticas, estas, sim, sua verdadeira ocupação. A partir dessa ideia, surgem várias consequências negativas para as

mulheres. [...] A violência contra as mulheres expressa a demonstração de poder dos homens e a ideia de que as mulheres são objeto de posse. É uma forma de reproduzir e manter o machismo e de dizer o tempo todo que a mulher é inferior. [...] As revistas femininas, vendidas às centenas de milhares por mês, permanecem em assuntos estereotipados: moda, beleza, decoração, culinária, como cuidar dos filhos e como agarrar, agradar e conservar o seu homem. São raros os artigos que saem das ideias dominantes. As mulheres aparecem muito nas capas das revistas femininas e masculinas, mas quase nunca na primeira página do jornal. Elas têm pouco poder político e econômico, mas nem esse pouco aparece na primeira página, reservada aos políticos, esportistas homens, banqueiros, empresários (NOBRE e FARIA, 2007, p. 15-16).

Estas ideias são atuais e chamam atenção para repensarmos na educação como instrumento socializador dos seres humanos. Junto com o conhecimento, a escola seja ela formal ou não, também é responsável por transmitir valores, atitudes e preconceitos que devem ser reconstruídos em todas as idades, pensando também na formação de professores e professoras.

5.2 Representações Sobre Sexualidade na Velhice

Afinal, falar sobre sexualidade significa mexer com que ouve e com quem fala – o homem, sujeito e 'objeto' (ALTMANN, 2007, p. 288).

Como já exposto anteriormente, tanto relações de gênero, quanto o sexo e a sexualidade são socialmente construídos e organizados, sustentados por linguagens diferentes que ditam o que é certo e errado, ou o que pode e não pode ser expresso (MAIO, 2011). Não podemos negar ainda que refletimos tradições nas quais nossos corpos são reprimidos por preconceitos, normas sociais e interditos.

Conversamos com os(as) participantes da pesquisa sobre suas representações sobre a sexualidade na Terceira Idade. Foi notório o entusiasmo dos(as) participantes em falar abertamente sobre sexualidade já que encontram dificuldade em falar sobre o tema com outras pessoas. E tal interesse foi demonstrado também depois do término da coleta de dados da

pesquisa, quando eles(as) comentam sobre a temática e sobre as dinâmicas nas redes sociais com a pesquisadora, e pediam pela continuidade do Projeto. Tal constatação foi diferente dos estudos de Patriota e Almeida (2009), nos quais os(as) idosos(as) não se sentiram bem em expressar opiniões sobre o assunto, dando respostas objetivas ou incompletas. Pensando que isto também poderia ter acontecido conosco é que conduzimos os assuntos aos poucos e progressivamente em relação à complexidade. Assim, eles ficaram à vontade ao passo que nos conheciam.

Primeiramente discutimos sobre o significado da sexualidade. Percebemos que paira no entendimento das pessoas ainda a definição de sexualidade dada pela Organização Mundial da Saúde (2002) como uma forma de expressão ou conjunto de comportamentos do ser humano vinculados a processos psicológicos, somáticos e sociais do sexo. Em outras palavras, como disse Louro (2001, p. 11) a sexualidade “[...] envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”. A sexualidade não pode ficar restringida apenas à reprodução, mas sim à corporeidade envolvendo os sentidos, conjuntos de experiências, emoções e sentimentos (PASCUAL, 2002).

Os(as) idosos(as) relataram que os pequenos gestos, as diversas formas de se manifestar carinho e afeto, a intimidade até de uma conversa, podem estar relacionadas à sexualidade.

Diamante: Sexualidade é intimidade, trocar carinho, é felicidade. Cada um vive sua sexualidade de um jeito. Pode estar no olho no olho, em uma brincadeira com a esposa, em um abraço por trás e um cheiro no ouvido, não é só o ato sexual em si.

Jade: Sexualidade (*suspiro*) é carinho, gesto de amor e como é que se diz? Intimidade do casal. Para as pessoas mais velhas é o jeito de olhar, abraçar de noite, não é só sexo, mas uma amizade mesmo entre os casais que já estiveram juntos tantos anos, um carinho, uma preocupação, é confiança no parceiro.

Safira: E essas coisas, professora, a gente só descobre quando o corpo não funciona mais do jeitinho que a gente queria. Se torna mais demorado, a gente precisa de estímulo, mais beijo, mais toque, mais abraços, mais carícias. Dai a convivência e os anos de união vão ensinando.

Rubi: É bem isso que cada um vive a sexualidade de um jeito. Porque não depende só da gente. Depende do parceiro também deixar a gente à vontade. Sexualidade pra mim é muito mais que sexo, é um beijo mais safado... Até uma conversa franca sobre a velhice, os desejos do outro é sexualidade.

Esmeralda: Sexualidade é amor, beijos, abraços gostosos, troca de carinho, o desejo e também o sexo. É como a gente se arruma e se porta, veste e até como a gente conversa e anda.

Pérola: Além do sexo mesmo, sexualidade pra mim tem a ver com respeito. Sou da opinião antiga do se um não quer, dois não teimam... Então sexualidade envolve respeito, carinho, sentimento, cuidado.

Como descreve Negreiros (2004, p.77), “[...] sexo não é sexualidade, embora represente uma de suas importantes dimensões e muitas vezes se use ainda, na linguagem corrente, os dois termos como sinônimo.” Tal afirmativa, ilustrada pelas respostas obtidas, remete-nos ao fato de que a sexualidade pode ser definida como vivenciamos nossas buscas pelo encontro afetivo, como relacionamos na vida conjugal os elementos corpo, sentimento, pensamento e também as possibilidades. Na fala dos(as) idosos(as), a sexualidade foi expressa por palavras como: troca de carinhos, beijos, abraços, companheirismo, segurança, intimidade, sexo, felicidade entre outras.

Continuar exercendo a sexualidade depois dos 60 anos é um desejo pessoal de cada um e, se desejado, é um exercício que estimula o cotidiano das pessoas, desde os pequenos gestos, até os mais expressivos (NEGREIROS, 2004). Vasconcellos *et al.* (2004, p. 84) afirmam que “[...] o sucesso conjugal na velhice está ligado à intimidade, à companhia e à

capacidade de expressar sentimentos verdadeiros um para o outro, numa atmosfera de segurança, carinho e reciprocidade”. O autor ainda menciona ser ‘normal’ o declínio da atividade sexual, que dá espaço ao reconhecimento da importância das relações de sedução, envolvendo partilha, calor e amor.

Verificamos que vêm ocorrendo mudanças comportamentais no que se refere à prática da sexualidade por idosos(as). Ao analisar estas respostas, percebemos também como é falsa a ideia de que idosos(as) não vivenciam sua sexualidade. Perguntamos então sobre a importância da sexualidade na velhice:

Esmeralda: É muito importante, é saudável, me faz sentir viva. Nem sempre foi assim... Mudou para melhor com o envelhecimento, quando a gente passa a se conhecer melhor. Saber o que agrada e o que não agrada.

Diamante: Não é porque eu tenho 68 anos, que estou morto. Preciso de sexo do mesmo jeito que precisava quando era mais moço. É claro que as coisas mudaram... A sexualidade é importante na vida do homem porque faz ele se sentir realizado e isso até hoje, claro. Não é tão frequente como era 20 anos atrás, mas é presente.

Ametista: Exercer a sexualidade é importante. Agora mais madura, entendo melhor meu corpo... Considero o sexo importante para mim. Fundamental.

Topázio: Quando a gente descobre a sexualidade ela se torna fundamental. É claro que agora mudou muito. Mudou a frequência e a qualidade. Mas continua viva. O desejo, eu acho que nunca morre. Sexo é vida, desejo e realização.

Pérola: Sim, a afetividade e contato físico são fundamentais para o equilíbrio do corpo e da mente. Velho também faz sexo gente...

Jade: Sim, eu acho muito importante fazer sexo. A sexualidade é tudo na vida da gente. Penso que quem fala que não gosta ou que não vive a sexualidade está mentindo. Faz a gente se sentir bonita e jovem de novo.

Rubi: É importante não só para quem casa ou começou namorar como é na modernidade agora. É importante pra todos que podem ter sexualidade.

Nossos achados corroboram com as pesquisas de Gallo (2001), as quais explicitam que ao contrário das crenças da maioria da população, os idosos não são assexuados¹⁶ e demonstram interesse e desejo durante toda a vida. O autor comenta sobre um maior interesse pelo toque e outras formas de intimidade além do ato sexual propriamente dito, reforçando a importância da cumplicidade na vivência da sexualidade pelas pessoas. Maio (2011) já dizia que a sexualidade não deve ser interpretada tendo como base (pré)conceitos estáticos ou determinados e que ela é construída por cada um de maneira diferente. Capodieci (2000, p. 231) reitera que

na idade avançada se ama de maneira mais profunda, consegue-se purificar o amor da paixão que é mais sensual do que genital. Os idosos falam mais facilmente a linguagem do coração com palavras mais sinceras e espontâneas e com silêncios mais carinhosos. Assim, para eles, um olhar ou uma carícia podem valer mais do que muitas declarações de amor.

Estes resultados vêm ao encontro da literatura, já que a sexualidade pode ser vivenciada das mais variadas formas possíveis, de acordo com a vontade ou a necessidade de cada pessoa ou de cada casal, independentemente da idade que estes possuem. E, além disso, deve integrar o corpo, alma, individualidade e história de vida (FOUCAULT, 1999).

Assim como propõe Arroyo (2004), retomar em grupo os tempos vividos não foi neste trabalho uma volta solitária vivida individualmente pelos participantes, pelo contrário, representou a tentativa de compreender o que cada momento da vida significou para cada um(a) no intuito de elaborar coletivamente uma reflexão sobre os significados coletivos.

Percebemos que os sujeitos desta pesquisa apresentaram espontaneamente e bem naturalmente seus depoimentos acerca da sua

¹⁶ O termo “assexuado” é empregado, geralmente com sentido adjetivo, denotando ausência, anulação (DEBERT e BRIGUEIRO, 2002).

sexualidade, demonstrando que este aspecto de suas vidas não é tabu ou um segredo que não possa ser compartilhado com os membros do grupo.

Considerando esta abertura dos(as) alunos(as), questionamos se a vivência da sexualidade sempre foi como é hoje. Se houve mudanças, o que mudou e ainda, quando mudou mais.

Rubi: Claro que não. Hoje a gente pode conversar sobre a sexualidade em casa, com os filhos, por exemplo. Meus pais nunca me explicaram nada sobre sexo. Aprendi com o casamento. Ah eu acho que o casamento foi o divisor de águas na minha vida, falando de sexualidade... Foi quando eu comecei entender o que era, o que precisava fazer. Acho que mudou mais depois da menopausa. Meu companheiro aprendeu ser mais paciente, calmo e carinhoso comigo.

Diamante: É como eu falei... Hoje o sexo é bem melhor do que quando eu era jovem. É tranquilo, a gente coloca uma música não tem pressa, como tinha antes... Mudou quando percebi que as coisas mudaram no meu corpo. Não que eu precise usar remédios, não é isso, mas mudou, depois dos 50 anos.

Esmeralda: A sexualidade, como já foi falado aqui pelos companheiros sempre foi importante. Depois da minha separação, sublimei um pouco esta parte para me dedicar mais aos filhos. Hoje, com o meu namorado, considero natural e necessária. Porque é uma forma de cuidado comigo mesma, me faz bem, me deixa bonita e segura.

Tendo como impulso a resposta de Rubi: “Hoje a gente pode conversar sobre a sexualidade em casa, com os filhos, por exemplo.” Indagamos sobre como a família de origem tratava com os(as) filhos(as) temas referentes à sexualidade.

Jade: Minha família jamais falou sobre sexo. Outra coisa, meu pai sempre pulou a cerca e minha mãe sempre soube, continuava com ele sem falar um piu sobre isto. Tudo o que aprendi foi na prática, com o marido. E na noite de núpcias foi um choque, porque eu não sabia o que tinha que fazer. Demorou uns 4 dias para termos relações depois do casamento, porque eu chorava, tinha medo que fosse me machucar, que ia doer. E tirar a roupa perto dele? A gente fazia um buraco no lençol. Não beijava nem tinha tanto carinho como mostra nas novelas.

Topázio: Meus pais eram do tipo repressores. A gente sabia porque tinha prima e irmã mais velha. Mas não foram nem meu pai, nem minha mãe que falaram sobre isso... E Deus o livre se a gente falasse sobre o assunto perto da gente.

Rubi: Os meninos eram levados pelos tios ou pelo pai mesmo nos prostíbulos e as meninas eram proibidas até de falar sobre sexualidade, namorado, essas coisas. A gente era criada para cuidar do marido e da casa e dos filhos... Os homens sempre puderam fazer tudo.

Ametista: Bastante repressores. Não tive educação sexual em casa. Tudo era velado porque era pecado para as mulheres. Os irmãos podiam dirigir, sair para estudar e passear. As mulheres nem iam na casa do namorado como é comum e normal hoje. Porque se fosse, ficava grávida (risos). Ninguém morava junto também como acontece normalmente hoje.

Cristal: O negócio era tão rigoroso que eu não podia nem falar com os meninos. Eu menstruei sem saber o que estava acontecendo. Pensei que estava morrendo. Tem a questão da igreja também... que sexo era considerado pecado.

Assim como na pesquisa de Rodrigues (2008, p.66),

ficou claro que pouco se conversava com os filhos, principalmente no que tange à sexualidade. Os pais escondiam a origem da gravidez e utilizavam os mais diversos artifícios para poder dizer que a família aumentou com a chegada de mais uma criança. As meninas cresciam com inúmeras dúvidas referentes até mesmo às mudanças que ocorriam com seu próprio corpo. O primeiro sutiã, a primeira menstruação eram assuntos que somente as mães poderiam esclarecer, e poucas o faziam. Quando elas conversavam com suas filhas, expressavam-se com vergonha e muito superficialmente. Namorar, somente com a autorização dos pais. Namorava-se pouco tempo até chegar ao matrimônio, e poucas eram as informações sobre o que poderia ocorrer na relação entre marido e mulher. Já os meninos iniciavam sua vida sexual com prostitutas. A família e a sociedade cobravam do homem imposição perante o sexo feminino, manutenção da família e garantia da prole. Mulher para casar deve ser respeitada; mulher da “vida” é para saciar o prazer. Falar sobre sexo era um tabu muito grande.

Notamos nas respostas e no excerto acima o que Maio (2011) considera androcentrismo, ou seja, considerar o homem como centro do universo, medida para todas as coisas, quem pode ditar leis e regras. Tristemente, as mulheres perpetuavam inconscientemente tais ‘conceitos’ principalmente por estarem na condição inferior: eram esposas ou mães ou filhas, deviam respeito aos homens. Autores(as) consideram que esta herança responsável pela construção desta imagem preconceituosa é fruto de uma educação severa, cheia de preconceitos e conceitos repressores (VASCONCELLOS *et al.*, 2004; PATRIOTA e ALMEIDA, 2009). Precisamos pontuar também que os preconceitos exigentes na época eram aceitos como ‘certos’ por alguns pais e algumas mães, já que não esclareciam aos(às) filhos(as). Tudo era segredo, limitando o conhecimento sobre o assunto. Isto pode trazer consequências até hoje para aqueles(as) que envelheceram, já que não tiveram oportunidades de receber educação sexual sadia, livre de preconceitos, colocando-os à mercê da ignorância, o que os(as) levam a vivenciar sua sexualidade de forma castradora (ROGRIGUES, 2008).

Examinamos também se atualmente existem conversas sobre sexualidade, com quem elas acontecem e como acontecem.

Esmeralda: Às vezes eu converso sobre sexualidade sim. Meus filhos nunca me chamaram para falar de sexo (risos). Hoje me dia eu converso mais com minhas amigas, na academia enquanto a gente tenta ficar melhor, né? Mas também converso com meu namorado quando tenho uma dúvida, só que não tão francamente. Agora eu tiro minhas dúvidas mais pesadas mesmo na internet ou nas revistas Cláudia. Nessas revistas ou na internet também leio dicas de como melhorar a sexualidade. Isso eu não fico falando com as amigas e nem com ninguém.

Diamante: Sim, mas é raro. Eu que sou homem sou diferente. Com as filhas é a mulher quem explica melhor, daí nunca falei de sexo abertamente com elas. É um comentário com os amigos mais chegados de vez em quando, só que acontece.

Jade: Só quando tenho alguma duvida de alguma coisa que escuto, daí os filhos ajudam a mãe. Mas não é tudo que pergunto! Tenho vergonha de falar sobre algumas coisas.

Rubi: Converso sim. Mas é meio raro! Só quando alguém fala alguma coisa, ou pergunta algo que eu saiba responder. Se não, eu só escuto. Tanto que nem lembro quando conversei pela ultima vez sobre sexo. Com os filhos eu expliquei quando eram mais novos... A gente não fica falando disso em casa.

Outra questão investigada foi se eles(as) tinham acesso a informações sobre sexualidade. Seis mulheres e um homem relataram ter fácil acesso sobre o tema na *internet*, em revistas, em programas de televisão e rádio.

As mulheres que afirmaram não ter acesso tranquilo a informações sobre sexualidade devido às orientações que receberam em sua juventude, cercadas de pudor e pela falta de diálogo entre pais, mães e filhos(as) como nos dias atuais. Mesmo assim, notamos que todos os indivíduos envolvidos na pesquisa cresceram com muitas dúvidas referentes à sua sexualidade (CATUSSO, 2005).

Um estudo realizado em 2013 por Ribeiro e outras autoras, afirma que o rádio e a televisão podem ser citados dentre os meios de comunicação que mais transmitem informações sobre a temática sexualidade, seguidos pelo jornal e revista. Todavia, não podemos certificar que estas informações são totalmente corretas já que estudos consideram que os meios de comunicação podem contribuir para que ocorram distorções na transmissão de informações. Sobre isto, Maio (2011) comenta que a televisão, em filmes, novelas, seriados, propagandas enfatiza a visualização sexual o que pode aumentar nas pessoas a curiosidade por dicas e propostas do momento, visando uma satisfação por conhecimentos pontuais. A sexualidade, sem dúvida, é um tema de difícil entendimento para a sociedade em geral, incluindo os(as) jovens, mas isto se agrava em relação aos(às) idosos(as), dificultando-lhes a resolução de suas dúvidas. São necessárias campanhas e programas dirigidos à Terceira Idade, com linguagem fácil, acessível a todos(as) e sem preconceito.

E será que eles(as) se sentem preparados(as) para responder os questionamentos de outras pessoas sobre sexualidade? A maioria, oito mulheres, respondeu negativamente, justificando com a falta de conhecimentos sobre o tema. No entanto, sem serem perguntados(as), todos(as) mencionaram a importância de saber mais sobre sexualidade. Chamou-nos a atenção uma participante relatar a consciência da importância de conhecimentos para evitar casos de violência sexual infantil, por exemplo.

Esmeralda: Eu respondo sim e tenho tranquilidade com isso. Pela minha vivência, pelas leituras que faço sobre o assunto. Por isso que acho que quando mais a gente conhece, melhor é! Para ninguém pegar a gente desprevenida com expressões da moda, entre outras coisas.

Ametista: Não me sinto preparada por não saber de tudo sobre o sexo. Mas devia saber mais. Em especial para orientar melhor as crianças, já que isso poderia prevenir casos de abuso, pedofilia.

Jade: Não estou preparada porque nem fui educada para isso. Tenho vergonha, mas acho que deveria saber mais sim, porque é importante saber para quem sabe ajudar alguém que está precisando de uma palavra sobre o assunto.

Rubi: Não estou preparada, porque essa falta de preparo, principalmente das mulheres é um problema cultural. É bem particular de cada um. Mas acho importante a gente ter mais informações e mais abertura para falar de sexo.

Diamante: Por tudo o que já vivi, me sinto sim preparado para responder perguntas de sexualidade, sim. Nem todas. Pode ser que algumas coisas eu não saiba, ou ache que não é apropriado responder. Mas a gente precisa estar sempre reciclando, não é?

Foucault (1999, p.76) nos pergunta: “Por que o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo o reduziu a silêncio [...] mas sempre a partir e através de sua repressão?” A resposta, em nosso entendimento, estaria na “[...] educação que molda tudo o que fazemos e como nos comportamos, que recebemos desde que nascemos, a forma de pensar, falar, sentir, fantasiar e até de sonhar” (MAIO, 2011, p. 82).

Compreendemos que a escola tem obrigação pedagógica e várias oportunidades de explorar a curiosidade humana a respeito de todos os tipos de conhecimentos, incluindo a sexualidade (MAIO, 2011). Assim, mais uma vez, reconhecemos o papel da educação em criar meios para desmistificar a sexualidade em todas as idades e parar de reproduzir mitos e preconceitos do dia a dia, culturalmente plantados e cultivados, traçando então projetos para a discussão da sexualidade com toda a comunidade educativa, incluindo professores(as), alunos(as), funcionários(as) e familiares.

5.3 Considerações Sobre Educação Sexual Para a Terceira Idade

Será que com a tão discutida revolução sexual as pessoas estão se tornando libertas a ponto de se permitirem tratar a sexualidade de maneira tão descontraída assim, com liberdade de expressão? (MAIO, 2011, p. 31).

Comentamos anteriormente que as transformações históricas e culturais foram responsáveis por fazer da sexualidade ponto presente nos discursos das pessoas (FOUCAULT, 1999). Em a “Ordem do Discurso”, Foucault (2009), relata que a sociedade produziu aparelhos para se falar de sexo que definiam quando e onde falar sobre ele, em quais situações tais discussões eram permitidas e com quem falar, sempre tendo como um segredo. Maio (2011, p.281) afirma que a escola está incluída dentre estes aparelhos, “[...] a escola, que tem por função social a transmissão da aprendizagem organizada historicamente, ainda representa inúmeras dificuldades para trabalhar a temática da sexualidade, em todos os aspectos”. Apesar disto, percebemos que nas análises das vivências dos(as) participantes em todos os eixos de discussões propostos, estas permanecem de alguma maneira ligada às vivências escolares. Como ressalta Arroyo (2004, p. 311),

é impossível fazer um exercício de memória dos tempos de vida, sem lembrar dos tempos de escola. Talvez porque entre os vários tempos as vivências da escola estejam carregadas de medos, sonhos, emoções. Guardamos na memória o que nos emocionou.

Concordamos com esta proposição já que por ser algo ‘secreto’, despertava curiosidade e sentimentos variados. Arguimos os(as) idosos(as) sobre como havia sido sua educação sexual no ambiente escolar.

Jade: Ah, eu não tive isso na escola. A escola era só para aprender ler e fazer conta. Não falava essas coisas. Mas acho que meus filhos já tiveram. Porque nunca me perguntaram nada.

O pensamento de Jade sobre o fato dos filhos não terem comentado sobre suas dúvidas relacionadas ao sexo e à sexualidade, é melhor explicada por Eliane Maio (2011), que comenta o fato das pessoas terem o mau costume de atribuírem à escola a responsabilidade de trabalhar questões relacionadas a estes temas.

Diamante: Não tinha nada disso. Até sentávamos separados, como a colega disse. E tinha mais coisa ainda, as branquinhas nem chegavam perto dos negros. Isso por hora continua. As crianças imaginavam coisas absurdas de sexo e contavam histórias mirabolantes. Mas era tudo escondido! Ah que saudade daquela época.

Rubi: Na época não se comentava, era proibido. Se falasse só o nome dos órgãos, já ficava de castigo. Então pra evitar a gente evitava. Mas depois de moça eu vi o pipi de um menino já maior, pela primeira vez, na escola (risos).

Topázio: No colégio onde estudei, quando a gente tinha 14 anos mais ou menos eram oferecidas palestras com uma médica a cada três meses. Os questionamentos e as dúvidas eram passados a ela por papel, em texto e sem identificação [...]. Havia muito tabu. Não se falava abertamente. (risos) A escola era de freira, imagina, todas as professoras eram da igreja, freiras. Como iam falar de sexo com a gente? Os meninos sentavam separados das meninas, pra gente não ter conversas sobre isso. Ué, não é a toa que até hoje os banheiros são divididos, um para meninas e outro para meninas. Era uma festa quando a gente escapava da professora e entrava no banheiro dos meninos (risos).

Percebemos claramente que antigamente, dentro do ambiente escolar, não havia espaço, muito menos abertura para tratar assuntos relacionados à sexualidade, e nas poucas vezes que se falavam sobre sexo, predominavam questões médicas ou aspectos biológicos. Mesmo assim, era presente. É nítido o que disse Rodrigues (2008) sobre a educação sexual 60 anos atrás, marcada como essência pela repressão e o despreparo para falar sobre o tema. Além disso, poucas pessoas tinham acesso a informações sobre sexualidade e ainda

assim não as socializavam por medo de enfrentar as normas construídas pela sociedade patriarcal. Infelizmente, tal abertura ainda hoje não é oferecida a todos(as) os(as) alunos(as) em todas as instituições. Nas palavras de Louro (2001, p. 30), “[...] o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância”, apesar de ser um local especialmente destinado à apresentação de conhecimentos.

Ficou evidente a necessidade de mais abertura em relação a temas ligados à sexualidade tão pouco explorados no cotidiano escolar/científico dos(as) idosos(as). Tanto é importante que Arroyo (2004, p.316) clama aos(às) professores(as) por solidariamente também escutar os anseios e as necessidades das gerações que nos antecederam. Para o autor, “[...] um projeto educativo e social deve estar submetido à lembrança. Deve levar em conta o peso do passado no presente e no futuro”.

Seguimos discutindo sobre a importância de assuntos relacionados à sexualidade serem abordados nos grupos frequentados pelos(as) participantes (igreja, ambiente familiar, nos grupos de Terceira Idade, com equipes de saúde etc.). Foi clara a falta de abertura. Compreendemos que assuntos relacionados à sexualidade, principalmente referentes à Terceira Idade causa estranheza pelos(as) mais jovens.

Rubi: Vou falar uma coisa: as pessoas acham que a gente mais velha não tem mais desejo, então somos ignorados e colocados de lado desses assuntos. Não sei vocês, mas quando tem gente mais nova falando de sexo e eu apareço, eles mudam de assunto na hora...

Pérola: Na igreja, nem pode! Os padres ou pastores não abrem, porque estão na ilusão ainda de sexo ser coisa do capeta. E ainda mais com os velhos. Acham que a gente não precisa, já que não vamos engravidar. Que velho é pra jogar dama na praça. Agora que não tenho mais preocupação, tenho mais é que aproveitar.

Diamante: Na igreja não, não serve para isso. Com o médico, se fala alguma coisa, ele quer fazer exames! Já acha que estou doente. Falamos quando estamos reunidos com amigos do mesmo sexo, no bar. Fora do bar, o assunto não cabe. É engraçado nesse ambiente que a gente vê os meninos mais jovens prestando atenção nas nossas conversas. Uma vez um disse: - Eita vovô animado! (risos) Na hora fiquei bravo, depois pensei que ele tinha muito para aprender da vida ainda. Agora que é bom... tenho mais é que aproveitar.

Esmeralda: Sexo é um assunto normal, deveria ser mais falado em todo lugar, não é, gente?

Jade: Com o pessoal do postinho, só quando eu tenho algum problema nas partes, nos órgãos sexuais... Somos do tempo que tudo é pecado. Sempre foi pecado puxar assunto de sexo, é feio, daí, eu não puxo esse assunto. As pessoas, às vezes falam alguma coisa, mas outras já cortam quando percebem que o assunto vai ficar maior. Pode ser questão de respeito mesmo, por a gente ser vó, mais velha.

Verificamos diante destas falas que é fundamental um trabalho mais abrangente de educação sexual voltado para a Terceira Idade. Ribeiro (1990) nos faz refletir que o ambiente escolar, por toda sua tradição, seria o mais adequado para a proposição de projetos relacionados à educação sexual, já que é neste ambiente que somos incentivados(as) a pensar criticamente e desenvolver nossas opiniões e conhecimentos. Acreditamos ainda que nos grupos de idosos(as) é necessário aliar discussões entre saúde e sexualidade. Isto primeiramente pela falta de informações sobre as mudanças corpóreas características do envelhecimento e depois pelo aumento da incidência de idosos(as) com DST.

Cristal: É por não falarem de sexo com a gente mais velho, que está tendo tanta gente doente. Eu conheço uma mulher de 62 anos que pegou Aids do marido. Quer ver? Quem aqui já pegou uma camisinha na mão? Quem já usou uma camisinha?

Safira: Pois é, eu também conheço umas 3 que têm essa doença. Antes, a gente fica achando que só jovem que pegava essas coisas. Não pode brincar com coisa séria não. Tem gente que vai nos bailes e depois sai com um e com outro, sem conhecer e sem usar a camisinha. Deviam ir aos bailes mostrar como usa. Isso sim.

O(a) idoso(a) não precisa ser excluído(a) socialmente, ele(a) necessita de relações sexuais e, portanto de orientações sobre DST e como preveni-las assim como os(as) mais jovens (SOUSA, 2008). Encontramos no Boletim Epidemiológico divulgado em 2010 pelo Ministério da Saúde (MS), a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) vem aumentando em indivíduos com idade superior a 60 anos. O número de casos entre estas pessoas já supera o índice da doença entre os(as) adolescentes de 13 a 19 anos que estão iniciando sua vida sexual (BRASIL, 2010). Apesar de o Brasil reconhecer a necessidade de inserção das pessoas da Terceira Idade nas campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, não é o que se observa atualmente, já que os trabalhos educativos promovidos pelos postos de saúde e propagandas divulgadas na mídia, em sua maioria, continuam sendo direcionados ao público mais jovem, à gestante, ao(à) usuário(a) de droga, aos homossexuais e aos profissionais do sexo (BRASILEIRO e FREITAS, 2008).

Nossas análises demonstraram que esta população viveu uma juventude sem instruções sobre sexualidade e, conseqüentemente, sobre as doenças transmitidas pela relação sexual. Além disso, verificamos que talvez pela falta de incentivo para o uso de preservativos, seja tão difícil hoje a incorporação desta necessidade como hábito. Neste contexto, a dificuldade na utilização de preservativos pode também estar aliada à menopausa, pois não terá risco de uma possível gravidez, pelo receio de comprar em um estabelecimento comercial, seja este uma farmácia ou supermercado e ser julgado(a) pela

sociedade, visto que há uma descrença das pessoas na sexualidade do(a) idoso(a), pelo mito envolto por comprometer a ereção e falta de habilidade no manuseio correto do preservativo (SOUSA, 2008).

Ametista: Isso é uma verdade, os mais jovem pensam que a gente não transa mais. Que velho não tem interesse e desejo. Gente, e falar de homossexualidade, então? A gente vê os meninos na rua tranquilos... deixa eles viverem a vidinha deles. Porque tanta gente matando homossexual? Esse assunto, para os mais velhos, também é um tabu. Para os mais velhos, pela criação, é uma coisa anormal. Isso precisa ser mais falado.

Diamante: Eu sou preconceituoso, sim. Precisaria de um tempo para digerir se precisasse conviver com homossexuais. Para mim eles são o espelho da vergonha.

Depois desta fala, percebemos um desconforto por parte das pessoas envolvidas no grupo. O silêncio deu lugar ao ambiente descontraído. Sentimos o quanto é complicado desconstruir conceitos incrustados nas pessoas e o quanto é árduo o trabalho adequado em Educação Sexual.

Enquanto encontrarmos deboches, críticas não pertinentes, expressões vulgares, discriminação, preconceitos, sinônimos etc., principalmente no ambiente das escolas, mais se justificam projetos adequados de educação sexual escolar visando a diversos aspectos, entre os quais a reflexão sobre a educação sexual atualmente existe, considerando cada pessoa em sua singularidade e inserção cultural; o fornecimento de informações e organização de espaços para reflexões e questionamentos; o necessário esclarecimento sobre os mecanismos sociais de repressão sexual a que estamos condicionados; a ajuda às pessoas [...]; a ênfase ao aspecto cultural e social, a partir do coletivo, sem perder de vista o indivíduo (MAIO, 2011, p. 199).

Sugerimos que este tema possa vir ser mais trabalhado em outros momentos com o mesmo grupo. Por esta razão e porque o tema homossexualidade não estava dentro dos objetivos desta discussão, tentamos retomar as discussões iniciais resgatando o conhecimento geral sobre Doenças

Sexualmente Transmissíveis. Inquirimos se elas(as) sabiam como são transmitidas as DST.

Diamante: É pelo ato sexual, umas pegam até com a saliva, não é? Usar roupa íntima infectada. Tem gente que fala que sentar no mesmo lugar onde uma pessoa que tem sentou, também pega. É verdade?

Esmeralda: Bom, a AIDS é só pelo sangue e pelo sexo. Mas tem outras doenças, como a gonorreia e a sífilis. Mas eu não sei muito bem como se transmite além do ato sexual.

Pérola: O HPV também é sexualmente transmissível, não é?

Jade: É mais coisa que homem que tem relação com homem, não é? A gente precisava saber mais sobre isso, viu?

Nossos achados são concordantes com a pesquisa realizada por Lazzarotto (2008), que, ao pesquisar sobre DST em uma população idosa da Região Sul, também constataram que faltam conhecimentos básicos, especialmente sobre as formas de transmissão. O mesmo trabalho também ressalta que os(as) entrevistados(as) citam que estas doenças estão relacionadas à homossexualidade, como também foi observado na pesquisa citada.

Quanto ao uso de preservativos, apenas uma senhora comentou já ter visto e manuseado, embora nunca tenha feito uso, o que remete aos estudos de Sousa (2008) nos quais identificou que a maioria dos indivíduos mais velhos não faz uso deste artifício por ele não fazer parte de sua geração e cultura, apesar de demonstrar curiosidade.

Diamante: Eu gostaria de saber mais sobre isto. Não para usar. Porque só namoro com a minha mulher... Mas gostaria de pegar uma camisinha feminina na mão pra ver como é.

Os(as) idosos(as) não foram educados(as) para o uso de preservativos. Este era conhecido como contraceptivo e não como preventivo (SOUSA, 2008). A pesquisa de Sousa (2008) ainda aponta que o nível de conhecimento de idosos(as) sobre DST e métodos de prevenção apresentam muitas lacunas e que a falta de informação é um fator que influencia a queda da atividade sexual na Terceira Idade.

Tendo como referência as frases anteriormente destacadas neste trabalho, examinamos se eles(as) teriam interesse em ter aulas ou cursos com temas relacionados à educação sexual. Como foi unânime o interesse, perguntamos como deveriam ser estas aulas, e sugestões de temas para serem abordados.

Esmeralda: As aulas deviam ser animadas, ter dinâmicas com danças, textos da literatura. Poderia ser falado sobre os tabus da sexualidade na Terceira Idade. De onde nasceu essa coisa que velho não pode namorar? Pra ver se a gente entende e vê que tá errado mesmo, e passa para os mais jovens a informação certa!

Safira: Poderia ter uma oficina com técnicas de desinibição corporal. Ia ser bem legal. Dicas de alimentação e de como envelhecer bem.

Ametista: Um professor da área da saúde poderia vir falar sobre as mudanças no corpo do envelhecimento e sobre o Viagra® e menopausa. Tenho muita dúvida, e acho que muitas mulheres também têm.

Topázio: Uma aula bem dinâmica e esclarecedora sobre os aspectos fisiológicos e psicológicos da sexualidade na Terceira Idade. Quando eu fiz Educação Física, falaram sobre, mas era bem por cima.

Cristal: Como vivenciar a sexualidade na Terceira Idade, os aspectos sociais, religiosos, literatura e outras artes. Aulas diferentes como essas, que fazem a gente pensar e se expressar. Com músicas, filmes, um professor gatão (risos), isso é brincadeira, mas tem que ser um professor ou uma professora que saiba falar bem sobre o tema, sem crise.

Diamante: Eu queria saber mais dessas doenças do sexo. Como que pega, como que cura. Queria saber dos remédios para os homens. Eu queria ver na mão a camisinha de mulher e o DIU (risos).

Lançamos outras questões para serem discutidas com o grupo: a primeira: Estarmos ou não atentos(as) para as questões de gênero e sexualidade que se fazem presentes no ambiente escolar, mais precisamente na Universidade Aberta à Terceira da UEM? E depois: Gostariam que algo fosse mudado a respeito destes assuntos?

Esmeralda: Nós estamos mais ligados que as próprias professoras. Como nós falamos esses dias com você. Elas continuam tratando homem diferente de mulher, como se a gente fosse mais fraquinha. Essa é uma questão de gênero importante. Acho que elas deveriam ficar mais atentas para isso, só. E mudar o jeito de trabalhar em alguns cursos, porque somos produtivos e lúcidos.

Diamante: Eu não vejo assim, acho que é mais uma questão de respeito elas tratarem homem diferente de mulher. Mas vamos falar das turmas. Acho que é meio dividido, homem fala com homem e mulher fala mais com mulher. Aqui neste grupo é que não tem disso. Sou o 'bendito fruto' em uma turma que estuda a sexualidade. Eu converso com todas e sempre falo do jeito que penso, mas claro que com muito mais respeito e cuidado para não ofender nenhuma delas. O que poderia ser mudado... é que poderíamos ter coisas diferentes como você trouxe, por exemplo, metodologias para falar de sexo, em outros cursos também. E não só de sexo, falar mais abertamente sobre o que

muda no envelhecimento, se piora e o que a gente pode fazer pra ficar bem sempre.

Esmeralda: Acredito que aqui na UNATI tanto os professores quanto a coordenação têm muito cuidado e carinho com todos nós. Só percebo às vezes, que, quando aparece o assunto corpo ou sexualidade, os professores, tirando a professora Marta, ficam meio que se esquivando. Isso poderia mudar. E ter mais incentivo para os homens participarem mais na UNATI também. Já viu que a maioria que frequenta é mulher?

Ametista: Questões como essas precisam ser mais faladas sim. Tanto que o assunto de sexo nem é falado. Só aqui nesse grupo. Acho que poderia ser levado para as outras matérias também. Quer ver: no curso de dança, de ginástica, por exemplo.

Pérola: Eu percebo que os professores às vezes ficam meio constrangidos com a gente. No último encontro, acho que falaram sobre tratar a gente como criança indefesa. E eu vejo muito isso. E me incomoda. Mas fico quieta para não deixar os professores constrangidos, eles são tão bons, têm tanta atenção com a gente.

Topázio: Se quando você falou de gênero, você perguntou sobre homossexuais, em nenhuma turma que eu estudei, identifiquei um gay ou uma lésbica. Você vê, menina, a sociedade não está aberta para acolher estas pessoas. Eu acho que se tivesse gay na UNATI, eu estou falando isso porque não se tem, mas se tivesse, acho que muita gente ia desistir do curso. Essa abertura deveria ser incentivada. Eu queria saber mais sobre os gays, como eles pensam, essas coisas.

Jade: Eu gostaria de ter mais aula como essas para a gente conversar mais sobre esses assuntos com gente mais esclarecida. Poderia ter mais essas aulas diferentes.

Rubi: É por não ter com quem falar disso, e por ter muitas dúvidas que me matriculei nesse curso e pretendo continuar no próximo semestre. Fiquei feliz em saber que a UNATI nos dá essa oportunidade. Acho que essa sua pesquisa vai ajudar melhorar o que já é ótimo, professora. Parabéns!

Parafraseando Figueiró (2009), a sexualidade humana ainda traz muitas dificuldades e desafios aos(às) educadores(as). Percebemos as consequências da falta de informações sobre sexualidade em nossa sociedade. Onde existe liberdade de expressão, no entanto, a sexualidade é tratada de forma fragmentada e deturpada, principalmente quando os sujeitos são idosos. É nesse sentido que Maio (2011) recomenda a importância de professores(as) preparados(as) e que reconheçam a importância de trazer assuntos relativos à sexualidade, produzindo então informações e conhecimentos válidos sobre o tema, influenciando mentes e corações e, acima de tudo, tratando estes conteúdos de maneira emancipatória.

Os autores Maia e Ribeiro (p. 80, 2011) também consideram fundamental a formação do educador

seja na sua formação acadêmica ou em projetos de educação continuada. Para que os professores possam compreender a manifestação da sexualidade de seus alunos e educá-los em relação a isso é preciso que tenham clareza tanto da abordagem histórica e cultural sobre a construção da sexualidade quanto da compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual. Esta formação deverá instrumentalizar criticamente o professor para que possa lidar com as dificuldades naturais resultantes dos tabus e preconceitos inerentes ao sexo, ao gênero e à orientação sexual.

Diante disto, percebemos que a escola precisa urgentemente se tornar um lugar seguro e educativo para todas as pessoas, inclusive para a Terceira Idade.

Faz sentido a escola e a docência dar maior atenção às necessidades dos(as) alunos(as), já que segundo Foucault (2009), a escola, os cursos e até mesmo professores e professoras surgiram historicamente como dispositivos

sociais para atender as demandas sociais e culturais. Com as frases ditas, fica claro que os(as) professores(as) têm muito a repensar em sua conduta docente, já que

na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais fortes de nossa própria existência (ARROYO, 2004, p. 37).

Além disto, precisamos conhecer nossos(as) alunos(as). Acreditamos que ao mudarmos nosso jeito de olhar os(as) discentes, perceberemos as mudanças também nos conteúdos trabalhados e na didática aplicada para cada um(a) deles(as). Toda inovação educativa deve partir do nosso olhar enquanto professores(as) para cada um(a) de nossos(as) alunos(as). “Inclusive o repensar de nossa autoimagem docente tem tudo a ver com o repensar da imagem que deles nós fazemos” (ARROYO, 2004, p. 56).

Quais seriam os requisitos para tratar de assuntos referentes à sexualidade em salas de aula? E mais que isso, quais seriam esses requisitos quando a população interessada é formada por idosos e idosas? Nunes (2000) defende que o trabalho deve ser feito à luz da ciência e necessita da disposição do(a) professor(a) em estudar muito. Kupermann (1999) ressalta que informações sobre o tema e suas várias maneiras de manifestação bem como as particularidades de cada período do desenvolvimento humano são necessárias mas, sobretudo, deve ser valorizada a capacidade de escutar e identificar as aflições e inquietações além de tolerância e respeito para as diferenças em relação às vivências e ideais de cada um(a).

6

***Últimas
Considerações***

Construir este trabalho foi de grande satisfação para nós. Primeiro porque nos vimos com a possibilidade de conviver e a responsabilidade de escutar os anseios, medos e histórias de pessoas que merecem e precisam de atenção. Depois pela gratificação de estudar mais autores(as) com os quais não tínhamos tanta intimidade. Cabe registrar que foi uma tarefa prazerosa e ao mesmo tempo complicada, já que encontramos poucos registros científicos sobre sexualidade na Terceira Idade que relacionassem o tema Educação Sexual e idosos(as).

Neste momento, acreditamos ser viável repetir o início deste texto que comentava sobre um fato importante percebido mundialmente que é o aumento da população de idosos(as). Isto nos faz (re)pensar muitas atitudes, principalmente quando o assunto é Educação, por acreditarmos que os espaços escolares devem ser dedicados à promoção de consciência crítica e conhecimento de pessoas independente da idade. Diante disto, embasamos nossa ideologia de que a escola e a universidade também são os melhores lugares para o debate de temas relacionados à sexualidade humana, já que são constituídas por pessoas diferentes, com culturas, comportamentos e pensamentos distintos.

Assim, para discutirmos a sexualidade humana dentro do ambiente escolar, seja este uma universidade ou uma escola, com pessoas adultas, temos que ter ciência de que estaremos entrando em contato com experiências distintas e valores construídos ao longo da vida destes indivíduos. Desta maneira, reforçamos a ideia de que a escola não deve somente orientar e informar, mas promover reflexões e incentivar questionamentos capazes de libertar o(a) aprendiz dos mitos, tabus e preconceitos que carrega (MAIA; RIBEIRO, 2011).

Ao promovermos nesta pesquisa, recordações de fatos acontecidos na infância e juventude dos(as) nosso(as) entrevistados(as), sentimos que eles(as) trouxeram para o presente lembranças positivas e negativas de suas vivências relacionadas à Sexualidade e à Educação. Como fatos positivos,

podemos citar alguns: as lembranças engraçadas de histórias vividas, por exemplo, os namoros da juventude, o próprio reconhecimento enquanto indivíduos atraentes, ativos e independentes. Dentre os negativos, nos marcou as mágoas deixadas por relacionamentos anteriores como violência, a discriminação, o androcentrismo, a falta de entendimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, e a negativa e repulsa em conversar sobre a homossexualidade.

Tudo isto nos levou mais longe: poder reconhecer o peso do passado repressor que alguns(mas) deles(as) tiveram, em especial as mulheres, e identificar algumas cicatrizes deixadas para sempre, que ainda são difíceis de dividir com outras pessoas em detalhes, como o fato da violência sexual relatada por uma das participantes. Tal exercício nos fez reavaliar o papel da escola e da universidade no que tange à Terceira Idade.

Se considerarmos a importância da Educação para todas as pessoas, em especial, neste trabalho, se considerarmos os(as) idosos(as), perceberemos que ela tem sim o alto potencial de transformar vidas já que sua função é garantir a integração de todos(as) na sociedade, vencendo obstáculos como os pré-conceitos e tabus, garantindo a transmissão de conhecimentos significativos para todas as pessoas, independentemente de sua idade, gênero, raça, credo (SAVIANI, 2008).

Desta definição reforçamos ainda mais a necessidade da promoção de conhecimentos efetivos sobre a sexualidade de um corpo que se encontra em constante transformação, que não reage mais como anteriormente, que precisa de outros estímulos. Além de ensinamentos sobre os perigos das doenças sexualmente transmissíveis, do uso indiscriminado de medicamentos estimulantes, que podem causar sérias complicações como infartos, acidentes vasculares e até a morte. É claro que devemos também ressaltar que se estes medicamentos forem utilizados corretamente e com orientação médica podem melhorar a vida sexual da pessoa idosa.

Nossas análises caminharam para o entendimento de que o processo do envelhecimento pelo qual todos(as) já estamos passando, desde o nosso nascimento, situa-se em um contexto cultural bem amplo amparado por teses socialmente criadas e arduamente cultivadas, nas quais a juventude e o corpo

jovem, viril e ativo, em todos os sentidos, é tido como referência e como modelo, como já supúnhamos e como vemos nas mídias diariamente. Afinal, nas propagandas de cerveja atuais, não temos modelos com mais de 40 anos, por exemplo. Ao contrário, o que vemos nas campanhas publicitárias que trazem pessoas com mais de 70 anos como modelo, são empresas farmacêuticas, ou algo relacionado à velhice, ou ainda situações que mostram que idosos(as) são fragilizados(as), sentados(as) em cadeiras de balanço tricotando ou bancos de praças jogando cartas dou dominós. Apesar disto, não foi desta maneira que os(as) participantes deste estudo descreveram a velhice, pelo contrário, se mostraram altamente produtivos(as), reflexivos(as), lúcidos(as), independentes e atraentes, capazes de expressar seus desejos e sentimentos.

Nas discussões propostas, prevaleceram discursos androcêntricos e discriminatórios, nos quais notamos o preconceito em relação à mulher e sua preocupação com o corpo, idade, as mudanças e a própria sexualidade. Será que tal atitude não estaria relacionada ao senso comum ou ao que é pregado socialmente como norma? As mulheres participantes do estudo relacionaram que podem fazer muito menos coisas que os homens, sem parecerem vulgares. E nosso único participante masculino, confirmou tais dizeres em todas as suas falas.

É importante ressaltar que estas discussões privilegiaram somente as experiências dos(as) participantes e, acima de tudo, o seu pensamento sobre os temas discutidos. Ao lançarmos os questionamentos, eles(as) falavam, riam, suspiravam, mexiam com a caneta em um papel para desviar o olhar, e seus relatos demonstravam um misto de vergonha e interesse pelo tema, tanto que estavam presentes em todos os encontros considerando muitos empecilhos, e sempre comentando que haviam transmitido o teor das discussões em casa ou em outros grupos.

Quando as reuniões terminavam sempre 5 senhoras permaneciam na sala de aula, e acabavam comentando algo mais em uma conversa mais reservada, ou perguntando algo que relacionava sexo e saúde como medicamentos estimulantes, sintomas de doenças sexualmente transmissíveis, exames preventivos.

Ficou evidenciada que a sexualidade é vivenciada pelas pessoas idosas das mais diferentes formas e que está associada a valores como amizade, carinho, diálogo, respeito, cuidado e atenção. No entanto, idosos(as) ainda têm muitas dúvidas e curiosidades a serem sanadas, fruto de uma educação repressiva, preconceituosa e de tabus que acompanharam alguns deles, desde a infância. Dizemos alguns, pelo fato de nosso trabalho abordar pessoas que sempre moraram na mesma região, em cidade pequena e na zona rural. Neste estudo, todas as mulheres só saíram da casa dos(as) pais(mães) para morar com o marido após o casamento. Talvez, se tivéssemos em nossa amostra, participantes de diferentes regiões do Brasil, que sempre moravam em cidades grandes, com características diferentes, que tivessem tido outra realidade sócio-cultural, este resultado poderia ser outro, com opiniões distintas, e menos discriminatórias.

Identificamos pontos positivos e negativos resultantes dos encontros. Como pontos positivos desta pesquisa, podemos citar a promoção do diálogo franco baseado na confiança e no respeito que os(as) fizeram refletir sobre o conceito de sexualidade construído na sua história de vida; a oportunidade da integração de opiniões entre pessoas diferentes; a possibilidade da (re)construção de conceitos em relação à sexualidade no envelhecimento; o interesse dos(as) participantes pela temática e sua participação na contribuição de opiniões consideráveis para a melhoria no trato desta temática dentro da Universidade Aberta à Terceira Idade da UEM. Já um ponto negativo, foi à existência ainda de conflitos relacionados à compreensão da orientação sexual homossexual e a visão discriminatória que ainda vitimiza as mulheres.

Posto isto, fazemos referência às palavras de Dewey (2007) ao entender que a Educação deve auxiliar o indivíduo na remodelação de sua maneira de pensar e sentir o mundo, enfatizando suas experiências e a importância das novas descobertas no processo do aprendizado, cabendo ao(à) professor(a) aconselhar, orientar e conduzir o alunado ao saber e ao refletir sobre o certo e o errado. Assim, compreendemos ser fundamental a valorização dos pensamentos e das experiências dos(as) idosos(as) bem como de suas expectativas para a preparação de uma aula ou de um curso que realmente

atenda a suas necessidades e interesses. Esta máxima se torna ainda mais importante se considerarmos a educação não formal permanente.

Destacamos então que para discutirmos sexualidade com idosos(as), devemos estar preparados(a) para abordar temas diversos e ainda conscientes da repressão social. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre nossa realidade histórico-social e cultural. Além disto, concordamos com Maia e Ribeiro (2011) no sentido de que enquanto professores e professoras devemos ter como fundamento ajudar alunos e alunas a ter uma visão mais leve sobre a sexualidade, desenvolvendo assim, a uma comunicação mais clara e objetiva com o intuito de melhor elaborar os próprios valores a partir de um pensamento crítico para então tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual.

Acreditamos que este estudo foi capaz de registrar marcas em todas as pessoas envolvidas, seja nos(as) participantes que estão ansiosos(as) para a apresentação de nossos resultados e pelo Programa em Educação Sexual que nos propusemos a organizar com o final do trabalho, seja nas pesquisadoras envolvidas que se sensibilizaram durante as análises e redação final. Nesse sentido, julgamos que este estudo dará frutos e terá efeitos também fora do ambiente acadêmico indo além dos pressupostos teóricos nos quais nos baseamos e dos periódicos que os publicarão, já que fizeram sentido e despertaram novas conversas relacionadas ao tema em redes sociais iniciadas pelos(as) participantes com a pesquisadora, contando sobre mudanças ocorridas em seu cotidiano, com seus maridos, esposa, no relacionamento familiar e com os(as) amigos(as) do convívio diário a partir de nossas visitas.

Tiramos dúvidas importantes que foram compartilhadas com outras pessoas, e aí, a importância social desta pesquisa: disseminar conhecimentos sobre sexualidade! Talvez as pessoas que participaram deste estudo ou que nos adicionaram nas redes sociais para perguntar sobre seus medos, tabus, ou dúvidas, nunca teriam outra oportunidade para falar o que lhes incomodava abertamente como fizeram conosco.

Fomos alertadas que idosos(as) querem atenção e respeito, que nem todos(as) precisam ou querem um tratamento diferenciado, tão pouco de piedade ou dó, como eles(as) mesmo reclamaram. Fica claro que

professores(as) que trabalham com esta faixa etária, precisam repensar sua conduta docente de modo a reduzirem as diferenças e promoverem a integração e participação destas pessoas em várias atividades. Dados relevantes como este nos instigam para novas investigações, inclusive na área da Educação, já que demonstraram a urgência de medidas voltadas para entender e auxiliar os(as) idosos(as) a viverem melhor.

REFERÊNCIAS

ABDO, C. H. N. **Descobrimento sexual do Brasil**: para curiosos e estudiosos. São Paulo: Summus; 2004.

ALTMANN, H. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**. V. 46, 2007, p. 287-310.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

ASSIS, M. **Promoção da saúde e envelhecimento**: orientações para o desenvolvimento de saúde com idosos. Rio de Janeiro: UERJ/UNATI, 2002. (Série Livros Eletrônicos). Disponível em: <<http://unati.uerj.br>>. Acesso em 11 de agosto de 2014.

BARBOR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BATISTA, A. F. D. O., MARQUES, A. P. D. O., LEAL, M. C. C., MARINO, J. G., & MELO, H. M. D. A. Idosos: associação entre o conhecimento da AIDS, atividade sexual e condições sociodemográficas. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, v. 14, n. 1, p. 39-48, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAYLEY, A. Utopía y Educación. **UNI3**: El Derecho a Ser. Documento. Montevideo, Uruguai. 1994.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

BERGER, L.; MAILLOUX-POIRIER, D. Saúde e envelhecimento. In: BERGER, L. M., MAILLOUX-POIRIER, D. (Orgs.) **Pessoas idosas**: uma abordagem global. Lisboa: Lusodidacta, 1995, p. 107-21.

BERNARD, M. **Le Corps**. Traduzido por Silvino Santin. Paris: Du Seuil, 1995.

BLESSMANN, E. J. **Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice**. 178f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2003.

BRAGA, E. R. M. **Sexualidade Infantil**: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual. 195 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia.) UNESP, Assis/SP. 2002.

BRAGA, E. R. M. **Palavras, palavrões**: um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais na cultura brasileira. 241f. Tese. (Doutorado em Educação Escolar). UNESP, Araraquara/SP, 2008.

BRANCO, A. U.; VALSINER, J. Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientation in social interactions. **Psychology and Developing Societies**. N. 9, 1997, p. 35-64.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 1994.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos**. Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Coord. André Arruda. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2005.

BRASIL, **Parâmetros Nacionais Curriculares**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. A epidemia de AIDS no Brasil. **Bol Epidemiol AIDST**. V. 6, n.1, 2009.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas**. Atenção à Saúde da Pessoa Idosa e Envelhecimento. Brasil, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Perfil do idoso**. Disponível em www.saude.org.br. Acesso em 20 de maio de 2014.

BRASILEIRO, M, FREITAS, M. I. F. Representações sociais sobre aids de pessoas acima de 50 anos de idade, infectadas pelo HIV e desafios. **DST – Jornal Bras. Doenças Sex. Transm**. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 7-11, 2008.

BRIGUEIRO, M. **Rir ou chorar?** Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2000.

BRUHNS, H. T. **Conversando sobre o Corpo**. 5.ed. Campinas: Papirus, 1994.

CACHIONI, M. Universidades da Terceira Idade: Das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L. e DEBERT, G. G. (Orgs.) **Velhice e Sociedade**. Campinas/SP: Papirus. 1999, p.141-178.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**. Papirus. V. 15, n. 7, p.99-115, 2012.

CALDAS, C. P. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: PAPALEO NETO, M. **Tratado de Gerontologia**. 2.ed. São Paulo: Ateneu, 2007, p. 77-84.

CAMARANO, A. A. O novo paradigma demográfico. **Ciência Saúde Coletiva**, v.18, n.12, 2013, p.3446-3447.

CAPODIECI, S. **A idade dos sentimentos**: amor e sexualidade após os sessenta anos. São Paulo: EDUSC, 2000.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**, v.30, n.30, 1996, p. 285-293.

CASTRO, N.M. dos S.; REIS, C.A. do C. Sexualidade na Terceira Idade: não posso, não quero ou não devo. O mito da dessexualização das idosas e a influência da estereotipia negativa as mesmas e suas consequências na vida afetiva e sexual. **Revista de Iniciação Científica Newton Paiva**, 2002, p. 33-45.

CAVALCANTE, A. M. **Maturidade**: Tempo e Vida. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará. 1989.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa desconhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236.

CÍCERO, M. T. **Saber envelhecer e a amizade** (Tradução de Paulo Neves). Porto Alegre: L&M, 2010.

CORAZZA, S.M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M.V.: **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

COUTO, E. S.; MEYER, D. E. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. **Revista Entreideias**: educação, cultura e sociedade, n. 19, 2012, p. 21-32.

COWGILL, D. O.; HOLMES, L.D. . **Aging and modernization**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1972.

CRUZ NETO, O. MOREIRA, M. R., & SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, v.13. Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: Abep, 2002.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. São Paulo: Hemus, 2003.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DEBERT, G. G. A cultura adulta e juventude como valor. **Rev Kairós, São Paulo**, v. 2, p. 21-44, 2004.

DEL PRETTE, Z.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais**: terapia e educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Contexto, 1992.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. (7ª ed.). São Paulo: Cortez. 1998.

DEMO, P. **Cidadania pequena**: fragilidade do associativismo no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 2001 (Coleção Polêmica do Nosso Tempo, n. 80).

DENZIN, N. LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. São Paulo: Ática, 2007.

DOLL, J.; GOMES, Â.; HOLLERWEGER, L.; PECOITS, R.; ALMEIDA, S. Atividade, desengajamento, modernização – teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre. Vol. 12, p. 7-33, 2007.

DUARTE, F. Envelhecimento normal e patológico. In: DUARTE, F. **Finitude**: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia. São Paulo: NAU, 1999, p. 75-85.

DUARTE, R.. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 115, n. 1, 2002, p. 139-154.

EINSTEIN, A. **Como vejo o mundo**. Trad. H. P. de Andrade. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.

ELIPOULOS, C. Modificações comuns do envelhecimento. In: ELIPOULOS, C; PORTELA, V.C. (Orgs.) **Enfermagem Gerontológica**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.74-91.

FAURE, E. **Aprender a ser**. São Paulo: Livraria Bertrand/Difusão Europeia do Livro, 1972.

FÁVERO, M. L. A. Universidade e Estágio Curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda. **Formação de Professores**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 53-72.

FENALTI, R. C. S.; SCHWARTZ, G. M. Universidade aberta à Terceira Idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. **Revista Paulista de Educação Física**. V. 17, n. 2, p. 131-41, 2003.

FERIANCIC, M. M. Envelhecimento e sexualidade. **Rev. Kairós**, v. 6, n. 2, p. 133-146, 2003.

FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação Sexual**: múltiplos temas, desafios comuns. Londrina: EDUEL, 2009, p.141-171.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir** – O Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**. A Vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1999.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: a ética do cuidado de si como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. Rio de Janeiro: Loyola, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 14 ed. 2014.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemia do envelhecimento. In: PY, L. *et al.* **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. Holambra/SP: Setembro, 2006, p. 15-38.

GAGNON, J. H., & SIMON, W. **Sexual conduct**. Chicago: Aldine. 1976.

GAIARSA, J. Â. **Poder e prazer**: o livro negro da família, do amor e do sexo. São Paulo: Agora, 1986.

GALLO, J. J. Princípios fundamentais da assistência ao idoso. In: REICHEL, W. **Assistência ao idoso**: aspectos clínicos do envelhecimento. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2001, p. 3-14.

GATTI, B. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIAMI, A. Sexual health: the emergence, development and diversity of a concept. **Annual Review of Sex Research**, n.13, 2003, p.1-33.

GIATTI, Luana; BARRETO, Sandhi M. Saúde, trabalho e envelhecimento no Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 759-771, 2003.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

GOMES, I. O.; TERUYA, T. K. No set da Terceira Idade: o cinema e as representações do idoso, envelhecimento e consumo. In: CHAVES, M.; VOLSI, M. E. F. (Orgs.). **Desafios e Êxitos da Escola Atual**. Maringá: EDUEM, 2014. p.109-120.

GOMES, L.; CARDENAS, C. J.; ALVES, V. P.; LOPES, C. Reflexões sobre a imagem da velhice mostrada no filme “Elsa e Fred. Um amor de paixão”. **Acta Sci Human Soc**. Maringá, v. 30, n.1. 2008, p. 25-34.

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **Eccos – Revista científica**, São Paulo, v.7, n.2, 2005, p. 275-290.

GROISMAN D. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde**. v.1. 2002, p.61-78.

GUEDES, N. M. e VAHL, I. A. C. O despertar de uma força: experiência da Universidade Federal de Santa Catarina com a população idosa. In: A população idosa no Brasil. I **Seminário Nacional de Especialistas Multidisciplinares em 3ª Idade**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1992.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E.; GUYTON, A. C. **Tratado de fisiologia médica**. São Paulo: Elsevier Brasil, 2006.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n.2, 1997, p. 15-46.

HERBESTREIT, L. K. **Evaluation of the role of the University if the third age in the provisiono f lifelong learning. 186f**. Tese. (Doutorado em Educação) Pretória. Universidade da África do Sul, 2006.

HILLMAN, J. **A força do caráter e a poética de uma vida longa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico de 2000.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demográfico de 2010.

INOUE, K. **Educação, qualidade de vida e Doença de Alzheimer**: visões de idosos e seus familiares. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2008.

JECKEL-NETO, E. A.; CUNHA, G. L. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V. *et al.* **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.13-19.

JECKEL-NETO, E. A. Torna-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, A. L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas/SP: Papirus, 2001, p. 39-52.

KALACHE, A. KICKBUSCH, I. A global strategy for healthy ageing. **World Health**. v.4, p. 4-5, 1997.

KUPERMANN, D. Afinal, o que fazer com o “Juquinha”? Um ensaio sobre a orientação sexual no ensino fundamental. In: DUNLEY, G. **Sexualidade & educação**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 69-100.

LACERDA, S.M. **Universidade aberta à Terceira Idade**: representações da velhice. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LAZZAROTTO, A. R. O conhecimento de HIV/aids na Terceira Idade: estudo epidemiológico no Vale do Sinós, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 13, n. 6, 2008, p. 1833-1840.

LEVOLINO, S. A. PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem**. São Paulo, USP, v.35, n.2, 2001, p.115-121.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBERATO E. M. Educação continuada e faculdade da Terceira Idade. **Revista A Terceira Idade**. Nº 12. São Paulo: SESC, 1996, p.11-16.

LOPES, G. **Sexualidade humana**. São Paulo: Medsi, 1993.

LORENCINI JÚNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p. 87-95.

LOURES, M. C., FERREIRA, C. P., NEGREIROS, G. M., & SALUM, M. M. C. O significado da Unati/UCG: a percepção de quem a vivencia. **Fragmentos de Cultura**. V. 17, n. 3/4, 2007, p. 191-216.

LOURO, G. L. Sexualidade e gênero na escola. IN: BRAUN, M. C. **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 69-73.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, 19, v. 2, n. 56, 2008, p. 17-23.

MAIA, A.C.B.; RIBEIRO, P.R.M. Educação sexual: princípios para ação. **Revista Doxa**, v.5, n.1, p.75-85, 2011.

MAIO, E. R. **O Nome da Coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS DE SÁ, J. Fundamentos da Universidade Aberta: cidadania, educação continuada e convivência. **Aula Inaugural da Unati/UCG**, 14 set. 1992.

MARTUCCI, E.M.; PURQUÉRIO, M.C.V. **Universidade Aberta da Terceira Idade**: projeto pedagógico, 2005. Disponível em <http://www.fesc.saocarlos.sp.gov.br/arquivos/pdfs/Microsoft%20-%20Projeto%20Pedagogico%20UATI.pdf>.

MEARCE, W. D.; KATCH, F.; KATCH, L. V. **Fisiologia do exercício**: energia, nutrição e desempenho humano. 4. ed. Rio de Janeiro: G. Koogan, 1998.

MEYER, D. E. E. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, v. 46, n. 1, 2003, p. 219-239.

- MINOIS, G. **História da velhice no ocidente**. Lisboa: Teorema. 1999.
- MONTEIRO, P. P. Somos velhos porque o tempo não pára. In: CÔRTE, B. *et al.* **Velhice, Envelhecimento, Complexidade**. São Paulo: Vetor, 2005, p. 57-83.
- MOODY, R. H. Philosophical presuppositions of education for old age. **Educational Gerontology**, v.1, n.1. 1976.
- MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MORIN, E. **X da questão: o sujeito à flor da pele**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MOURA, I.; LEITE, M. T.; HILDEBRANT, L. M. Idosos e sua percepção acerca da sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. v.5, n.2, 2008, p. 132-140.
- MUSSI, L. H. Parece uma guerra: vivemos para não envelhecer? **Revista Portal de Divulgação**, n. 15, 2011, p. 6-10.
- NASCIMENTO, J. **Aprenda a curtir seus anos dourados**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.
- NEGREIROS, T. C. de G. M. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Revista Alceu**, v.5, n.º.9, jul/dez, 2004, p.77-86.
- NERI, A. L. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. 129f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UNICAMP, São Paulo, 1998.
- NERI, A. L. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas/SP: Papirus, 2001.
- NERI, A. L. Paradigmas e teorias psicológicas do envelhecimento. In: PAPAEO NETTO, N. **Tratado de Gerontologia**. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007, p. 57-76.
- NERI, A. L. & CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A.L. & DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**, São Paulo: Papirus. 1999, p. 113-140.
- FARIA, M; NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem?: subsídios para uma discussão das relações de gênero. In: SÃO PAULO (São Paulo). **Coordenadoria Especial da Mulher. Gênero e educação: Caderno de apoio para a educadora e o educador**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação. 2007, p. 9-23.
- NOVAES, M. R. C. G. **Assistência farmacêutica ao idoso – uma abordagem multiprofissional**. Brasília: Thesaurus, 2007.

NUNES, A. T. G. L. Serviço social e universidade de Terceira Idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 3, n. 5, 2001, p. 71-97.

OLIVEIRA, R. M. P. A saúde mental do idoso. In: FIGUEIREDO, N. M. A.; TONINI, T. **Gerontologia, atuação da enfermagem no processo do envelhecimento**. 2ª Ed. São Paulo: Yendis, 2012, p. 209-228.

OLIVEIRA, M.; MAIO, E. R. Formação de professores/as para abordagem da educação sexual na escola. **Revista Espaço Plural**, v.26. 2012, p.45-54.

ORDONEZ, T. N., BATISTONI, S. S. T. & CACHIONI, M. Síntomas depresivos en adultos mayores participantes de una universidad abierta a la tercera edad. **Revista Española de Geriatria y Gerontología**. V.46, n.5, 2011, p.250-255.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) (2002). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization. (Trad. S, GONTIJO), Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 2002.

ONU. **Estratégia Internacional de Ação sobre o Envelhecimento**, 2002. Disponível em: <<http://www.madrid2002-envejecimiento.org>>. Acesso em 25 de maio de 2014.

PALMA, L. T. S. **Educação permanente e qualidade de vida**: indicativos para velhice bem sucedida. Passo Fundo/RJ: Ed. da UPF, 2000.

PANAYOTOFF, K.G. The impact of continuing education on the health of older adults. **Educational Gerontology**. V.19, p. 09-21, 1993.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002a.

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V. et. al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002b, p. 2-12.

PAPALÉO NETTO, M.; PONTE, J.R. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002, p. 3-12.

PARANÁ. Secretaria de Educação. Ensino Superior. **Universidades abrem as portas para os idosos**. 2011. Disponível em: <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=64481&tit=Universidades-abrem-as-portas-para-os-idosos>> acesso em julho 2014.

PASCUAL, C. P. **A sexualidade do idoso vista com novo olhar**. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2002.

PATRIOTA, L. M.; ALMEIDA, L. A. Sexualidade na Terceira Idade: um estudo com idosas usuárias do programa saúde da família do bairro das cidades Campina Grande/PB. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 8, n. 1, 2009, p.47-69.

PAZ, S. F. Movimentos sociais: participação dos idosos. In: PY, L. *et.al.* **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. Holambra: Setembro, 2006, p. 229-256.

PETERS, M. A. BESLEY, T. Introdução. In: PETERS, M. A. BESLEY, T **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 11-24.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POTTES, F.A.; BRITO, A.M.; GOUVEIA, G.C.; ARAÚJO, E.C.; CARNEIRO, R.M. AIDS e envelhecimento: características dos casos com idade igual ou maior que 50 anos em Pernambuco, de 1990 a 2000. **Rev. Bras. Epidemiologia**, v.10(3), p.338-51, 2007.

RIBEIRO, A. Sexualidade na Terceira Idade. In: NETTO, M. P. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2002, 124-135.

RIBEIRO, A. E. A. Educação: ampliando possibilidades de entendimento. **Revista Saúde, Sexo e Educação**, Rio de Janeiro, v.5(10), p.24-28, 1997.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual**: além da informação. São Paulo: EPU. 1990.

RIBEIRO, C. R.; RUSSO, J. A.; ROHDEN, F. Uma nova pedagogia da sexualidade para homens: discursos midiáticos e suas reverberações; A new pedagogy of sexuality for men: media discourse and its reverberations. **Physis (Rio J.)**, v. 23, n. 2, 2013, p. 461-488.

RIFIOOTIS, T. O ciclo vital completo: a dinâmica dos sistemas e tabus em sociedades negro africanas. In: MORAES, M.; BARROS, L. **Velhice ou Terceira Idade**: testemunho da vida. Um estudo antropológico de mulheres na velhice. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, p.85-110.

RISMAN, A. Sexualidade e Terceira Idade: uma visão histórico-cultural. **Textos Sobre Envelhecimento**. Rio de Janeiro. V.8, n.1, p. 15-32, 2005.

RISMAN, A. Corpo, psique, sexualidade: uma expressão eterna. In: VERAS, R. **Terceira Idade**: alternativa para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: UERJ; UNATI, 1999, p. 161-72. Só usou em uma citação, que é uma epígrafe.

RODRIGUES. L.C.B. **Vivências da Sexualidade de idosos**. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande. RS. 2008.

RONCA, A. C. C.; ESCOBAR, V. F. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?** Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

SALGADO, M. **Velhice, uma nova questão social**. São Paulo: Sesc, 1991.

SALGUEIRO, E. M. Michel Foucault: uma crítica historiográfica em a Arqueologia do Saber. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 3, n. 6, 2009, p. 1-21.

SALZEDAS, P. L.; BRUNS, M. A de T. **O corpo em transformação**. Envelhecimento humano: diferentes perspectivas. Campinas/SP: Alínea, 2007.

SANTANA, R. F.; SANTOS, I. Para entender o envelhecimento. In: FIGUEIREDO, N. M. A.; TONINI, T. **Gerontologia atuação da Enfermagem no processo do envelhecimento**. 2ª Ed. São Paulo: Yendis, 2012, p. 17-49.

SANTANA, R. F.; SANTOS, I. Como tornar-se idoso: um modelo de cuidar em enfermagem gerontológica. **Revista Texto Contexto Enferm**. v. 14, n. 2, 2005, p. 202-212.

SANTANA, R. F. **O envelhecer na Dimensão Imaginativa: ser idoso e ser velho**. 263f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, S. S. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina. 2003.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia-Comemorativa**. Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

SCOTT, P. Gerações, comunidade e o Programa Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplificação administrativa. In: BARROS, M.L. **Famílias e gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.56-89.

SECCO, C. L. T. R. As rugas do tempo na ficção. **Cadernos do IPUB/UFRJ**. Nº 10. Envelhecimento e saúde Mental – uma aproximação multidisciplinar. Rio de Janeiro: Ed. CUCA/UFRJ, 2000, p.9-33.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho acadêmico científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHITATORI, K.; TEIXEIRA, M.S.; COSTA, T.L.; LIRA, E.S.; et al. Direito dos idosos. In: FIGUEIREDO, N.M.A.; TONINI, T. **Gerontologia atuação da enfermagem no processo do envelhecimento**. 2ª Ed. São Paulo: Yendis, 2012, p. 275-313.

SILVA, L.R.F. Da velhice à Terceira Idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo do envelhecimento. **História, Ciências e Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro. V.15, n.1, 2008, p.155-168.

SILVEIRA, R.M.H. A entrevista na pesquisa educacional – uma arena de significados. In: COSTA, M. V. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 117-138.

SILVINO, S. **Educação Física, Ética, Estética, Saúde**. Porto Alegre: Edições EST – Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1995.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. *et al.* **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.32-46.

SILVA, V. X. D. L.; MARQUES, A.; FONSECA, J. Considerações sobre a sexualidade dos idosos nos textos gerontológicos. **Rev Bras Geriatr Gerontol**. v.12,n.2, 2008, p.295-303.

SOUSA, J. L. Sexualidade na Terceira Idade: uma discussão da AIDS, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. DST. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. V. 20, n. 1, 2008, p. 59-64.

SOUZA, P. F. R., MASCHIO, M. B. M., BALBINO, A. P., & KALINKE, L. P. Sexualidade na Terceira Idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 32, n. 3, p. 583-589, 2009.

STOLCKE, V. “La mujer es puro cuento: la cultura del género”. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, 2004, p. 77-105.

STIELTJES, C.; TAAM, R. A UNATI da UEM: educação e política. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; D’ALENCAR, Raimunda Silva (Orgs.). **As experiências de universidades abertas em um Brasil que envelhece**. 1. ed. Curitiba: CRV 2011, p. 141-159.

SWINDELL, R.; THOMPSON, J. An International Perspective on the University of the Third Age. **Educational Gerontology**. V.21, n.5,p. 429-447. 1995.

TAAM, Regina. A educação não formal do Idoso em universidades da Terceira Idade e Centros de convivência. In: PARK, M. B., GROPPPO, L. A. (Orgs.). **Educação e Velhice**. Holambra/SP: Setembro, 2009, p.39-49.

TAAM, R. **A UNATI na RENAD: A inclusão das Universidades Abertas à Terceira Idade na Rede Nacional de Atenção ao Direito do idoso**. **Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional da Universidade Tuiuti**, 2012 (no prelo).

TERUYA, T. K. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, L. S. B. A.; MORI, Nerli N. R. **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009, p. 151-165.

TONIETTE, M.A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo: Iglu. v.17, n.1, jan./jun. 2006, p.42-52.

TORRES, V. L. **Velhice numa cidade do trópico**. 114f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. **Informativo** 1096, 2014.

VASCONCELLOS, D., NOVO, R. F., CASTRO, O. P. D., VION-DURY, K., RUSCHEL, Â., COUTO, M. C. P. P., GIAMI, A. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas—comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, 2004, p. 413-419.

VELLAS P. **As oportunidades da Terceira Idade**. Tradução de Claudio Stieljes e Regina Taam. Maringá (PR): Eduem, 2009.

VERAS, R. P. e CAMARGO JR, K. R. Idosos e universidade: parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, R. P. (Org.) **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Dumará, 1995, p.11-27.

VIEIRA, K. F. L. **Sexualidade e qualidade de vida do idoso: desafios contemporâneos e repercussões psicossociais**. 234f. 2012. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.34-82.

WEREBE, M. J. G. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.36, fev. 1981, p.99-110.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998.

WHITE, Hayden. Foucault Decodificado. Notas do subterrâneo. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a Crítica da Cultura. Tradução, Alípio Correia de Franca Neto. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2001, p. 81-115.

WORTMANN; M.L.C. Dos riscos aos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, M.V.; BUJES, M.I.E (Orgs.). **Caminhos Investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.45-67.

XAVIER FILHA, C. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. In: SOUZA, L. L.; ROCHA, S. A. R. (Orgs.) **Formação de educadores, gênero e diversidade**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012, p.13-36.

ZAMBONI, C.P. Aspectos relevantes sobre educação sexual em grupos de Terceira Idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 3, 2010, p. 393-401.

APÊNDICE 1

ENTREVISTA PERFIL

Dados gerais:

Nome: _____ Identificação: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade em 2014: ____ Sexo: ()M ()F

Situação conjugal:

() Solteiro(a) () Casado(a) () Viúvo(a)
() União estável () Divorciado(a)

Mora com:

() Companheiro(a) () Filhos(as) () Só () Outro

Escolaridade: _____ Religião: _____

Profissão: _____

Atualmente faz algum tipo de trabalho?

() Aposentado(a) () Voluntário(a) () Remunerado

Qual(is)? _____

Participa de atividades de lazer? () Não () Sim

Qual(is)? _____

Quando? Com quem? _____

Frequenta a UNATI/UEM desde _____. Costuma frequentar que atividades? _____

Meu corpo:

Qual parte do seu corpo que você mais gosta? E menos gosta? Por quê?

Complete as frases:

a) Com o meu corpo de hoje posso fazer: _____

b) Com o meu corpo de hoje eu não posso fazer: _____

O(A) Sr.(a) sente-se satisfeito(a) com sua imagem? Sente-se bonito(a), desejável? _____

O(A) Sr.(a) se preocupa com sua aparência? O que faz para cuidar dela? (Já fez plástica? Usa cosméticos? Etc.)

O(a) senhor(a) considera conhecer bem o seu corpo? () Não () Sim
Saberia identificar quando alguma errada está acontecendo? () Não () Sim

O(a) senhor(a) considera conhecer bem o corpo do sexo oposto ao seu?
() Não () Sim
Saberia identificar se alguma errada está acontecendo no corpo de outra pessoa do sexo oposto? () Não () Sim

Educação Sexual

As primeiras noções sobre sexualidade foram adquiridas por intermédio de:
() pai () mãe () amigos(a) () tios () escola () Igreja
() Outros. _____
Em que fase da vida ocorreu? _____

O(a) Sr(a) já teve aulas de Educação Sexual?
() Sim em que período(s)? _____
() Não
Em caso afirmativo, quais os temas que foram abordados? _____

Como o o(a) Sr(a) avalia a sua família de origem em relação à sexualidade?
Eram: () Conservadores () Repressores () Neutros () Liberais ()
Esclarecedores

Como foi a educação sexual em casa, na família?

O(a) Sr(a) Identifica elementos da educação sexista (diferenças entre a educação de meninos e meninas) na sua infância e adolescência? Quais? Como?

Quando mais jovem, que fontes de informação o(a) Sr.(a) Tinha sobre sexualidade? Quando tinha dúvidas sobre o tema, a quem recorria?

outras pessoas sobre a sexualidade? () Sim () Não Por quê?

Sexualidade na Terceira Idade

O(a) Sr(a) considera a sexualidade como um aspecto importante na sua vida hoje? Por quê? Sempre foi assim? O que mudou? Quando mudou mais?

Como o(a) Sr(a) pensa a sexualidade e o envelhecimento? Como avalia esta relação? Tem alguma dúvida que gostaria que fosse esclarecida sobre isto?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo/a a participar da pesquisa intitulada “QUEBRANDO O SILÊNCIO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENVELHECIMENTO” que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá e é orientada pela Professora Dra. Eliane Rose Maio, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O objetivo da pesquisa é analisar o perfil socioeconômico e cultural, a história de vida, o nível de conhecimento, as temáticas de interesse sobre educação sexual e as dúvidas sobre sexualidade de idosos regularmente matriculados na UNATI/UEM no ano de 2014. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma: será entregue um questionário com questões subjetivas sobre sua história de vida e relativas à sexualidade e educação; depois disso, faremos 7 reuniões para tratar desses temas em grupo. Esperamos que a realização deste trabalho beneficie os idosos de modo que estes sejam melhor entendidos e assim assistidos pela UNATI.

Gostaríamos de informar que este estudo apresenta riscos mínimos, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, andar, estudar, ler, etc. Ou pode gerar constrangimentos pelo teor das perguntas, porém há a garantia de que se não quiser responder, estará ciente deste desconforto e poderá desistir de respondê-las.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite mais esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você. Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento.

Isto deve ser feito por ambos/as (pela pesquisadora e por você) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Dra. Eliane Rose Maio.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Eliane Rose Maio, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data:.....

Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o/a pesquisador/a, conforme o endereço abaixo:

Nome: Eliane Rose Maio
Endereço: Av. Colombo, 4750 – Maringá-Paraná
(telefone/e-mail) (44) 99619337 – elianerosemaio@yahoo.com.br

Nome: Maria Carolina Gobbi dos Santos Lolli
Endereço: Rua Gelindo Pelegrinelo, 165 – Maringá-Paraná.
(telefone/e-mail): (44) 98002969 – profcarolinasantos@gmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM
Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.
Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444
E-mail: copep@uem.br

P. 2 de 2